

VOLUME 10 - NÚMERO 3
SETEMBRO/DEZEMBRO - 1998

ISSN 0103-3786

A Leitura em Análise Documentária



TRANS *in* **FORMAÇÃO**

Transinformação online
<http://www.puccamp.br/~biblio>



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

departamento
pós-graduação
biblioteconomia

VOLUME 10 - NÚMERO 3
SETEMBRO/DEZEMBRO - 1998

ISSN 0103-3786

TRANSFORMAÇÃO



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

departamento
pós-graduação
biblioteconomia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Grão-Chanceler

Dom Gilberto Pereira Lopes

Reitor

Prof. Pe. José Benedito de Almeida David

Vice-Reitor Administrativo

Prof. José Francisco B. Veiga Silva

Vice-Reitor Acadêmico

Prof. Carlos de Aquino Pereira

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Diretora

Profª Edilze Bonavita Martins Mendes

Vice-Diretora

Profª Maria Leontina C. P. Luiz Souza

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenadora

Profª Drª Cecília Carmen Cunha Pontes



- PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL -

CONSELHO EDITORIAL

Maria de Cléofas Faggion Alencar (Presidente)
Cecília Carmen Cunha Pontes
Else Benetti Marques Válio
Geraldina Porto Witter
Silas Marques de Oliveira
Solange Puntel Mostafa
Vera Sílvia Marão Beraquet

CORPO EDITORIAL

Aline Da Rin Paranhos de Azevedo (Museu Goeldi)
Cecília Carmen Cunha Pontes (PUC-Campinas)
Else Benetti Marques Válio (PUC-Campinas)
Fermino Fernandes Sisto (UNICAMP)
Geraldina Porto Witter (USP - PUC-Campinas)
José Fernando Lomônaco (USP)
Kátia Maria Lemos Montali (UFsCAR)
Lea Velho (UNICAMP)
Maria de Cléofas Faggion Alencar (PUC-Campinas)
Solange Puntel Mostafa (PUC-Campinas)
Vânia Maria Hermes de Araújo (CIET)

Revisão de Língua: Else Benetti Marques Válio
Normalização: Maria de Cléofas Faggion Alencar
Capa: Telma Cristina Witter

Copyright by TRANSFORMAÇÃO

A citação de partes de matéria publicada nesta revista (até 200 palavras) é livre, desde que seja citada a fonte.

ENDEREÇO

TRANSFORMAÇÃO

Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia - PUC-Campinas
Rua Waldemar César da Silveira, 105 - Swift
Telefone/fax (019) 230-0981
13045-270 - CAMPINAS - SP - Brasil



PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL
v. 10, n. 3, Setembro/Dezembro, 1998

SUMÁRIO

Editorial	9
TEMAS EM DEBATE: A LEITURA EM ANÁLISE DOCUMENTÁRIA	
A Leitura em análise documentária	13
Mariângela Spotti Lopes Fujita	
Maria Isabel Asperti Nardi	
Silvana Santos	
Relação do sujeito com a linguagem: a teoria e a prática da indexação	32
Clarinda Rodrigues Lucas	
Leitura do bibliotecário acadêmico: formação e atuação	45
Rute Batista de Pontes	
Else Benetti Marques Válio	

ARTIGOS

- Um repensar para os bancos de dados da C&T como suporte à decisão 75
Rejane Gontow
- Três meses na vida das listas de discussão LAINFO-KNOW e COMUT-ON-LINE 89
Marisa da Costa Terra

INFORMATIVO

- Resumo de dissertações do curso de mestrado em Biblioteconomia da PUC-Campinas 1997 e 1998 115



QUARTERLY PUBLICATION
v. 10, n. 3, September/December 1998

CONTENTS

Editorial 9

CONTEST: THE READING IN THE DOCUMENT ANALYSES

The Reading in the Document Analyses 13

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Maria Isabel Asperti Nardi

Silvana Santos

Relationship Between Subject and Language: the Theory and the
Indexation's Praticce 32

Clarinda Rodrigues Lucas

Academic Librarian's Reading: Education and Performance 45

Rute Batista de Pontes

Else Benetti Marques Válio

ARTICLE

- Rethinking the Scientific and Technology Databases as Decision Support 75
Rejane Gontow
- Three months on the LAINFO-KNOW and COMUT-ON-LINE Discussion Lists 89
Marisa da Costa Terra

NEWS

- Thesis's abstracts from graduate program in Library Science of PUC-Campinas, 1997 and 1998 115

EDITORIAL

Transinformação está especialmente dedicada, em *Temas em Debate*, às áreas de Linguística, de Terminologia, de Indexação e àqueles profissionais que se interessam pela pesquisa em Leitura enquanto mais um desafio político-social da sociedade moderna. Tem, a Análise Documentária, lugar de destaque? Informação que não pode ser localizada e informação cujo conteúdo está inacessível é informação inexistente ou, para não ser tão radical, é informação com muito pouco valor. Esse é um confronto entre o grande número de informações impressas, o caminho na direção da informação eletrônica em materiais um tanto quanto diversos e o hipertexto que trouxe para perto do leitor *internauta* o índice ilustrado e direto.

Em *Temas em Debate*, Fujita, Nardi e Santos recuperaram trabalhos conceituais da área de leitura incluindo os relacionados às estratégias e ao processo de comunicação Leitor-Texto-Contexto, Análise-Síntese-Representação no trabalho do profissional da Análise Documentária. Para Lucas, existe neste processo uma relação do sujeito com a linguagem considerada contraditória, de dupla mão, de modo a ser do enunciado pelo sujeito e deste pela sua relação com o contexto sócio-histórico resultando em um múltiplo caráter e incompleto do sentido. Analisa o bibliotecário, profissional da Análise Documentária, enquanto sujeito-leitor realçando com exemplos da Base de Dados UNIBIBLI, Biblioteca Nacional da França e Oxford Library que é difícil apagar a historicidade - os sentidos são produtos da história e a subjetividade é inerente a este leitor.

Também sem perder de vista os condicionantes históricos, Pontes e Válio pesquisaram a formação em leitura do bibliotecário

acadêmico em diversos cursos de Biblioteconomia ministrados nas universidades públicas, particulares e instituições de ensino superior isoladas. O desempenho particular deste profissional, resultante de um corpo teórico biblioteconômico e suas práticas, somado às análises das entrevistas resultaram na reflexão singular em que, as autoras constituíram relações importantes entre a leitura, a vida profissional e a de cidadã(o); leitura/profissão: competência técnica e consciência crítica; leitura/cidadania: conceito esvaziado da relação; leitura/cidadania/profissão: visão ampla do mundo e fator de transformação social; leitura/cidadania: nem sempre transformação individual, mas possibilidade de manipulação; leitura/cidadania: prática de vivência e convivência; leitura: prática do aprimoramento profissional e leitura/profissão/informação/conhecimento: a prática da cidadania.

Destaca-se a sugestão do artigo de Gontow para um repensar dos bancos de dados de C&T como suportes à decisão, cujo foco deve estar na transferência de informação tecnológica e no atendimento às atividades produtivas com valor agregado.

Terra e Mostafa procuraram em duas listas de discussão (a *Comut-on-line* e a *lainf-know*, hoje *ancib-l*) identificar os tipos de comunicação informal e interativa para entender os mecanismos de atuação dos participantes. Trabalho inédito no Brasil e na área, discute o colégio invisível no ciberespaço.

Transinformação publica 26 resumos de dissertações de mestrado, defendidas nos anos de 1997 e 1998 no Departamento de Pós-graduação em Biblioteconomia da FABI/PUC-Campinas.

Maria de Cléofas Faggion Alencar
Editora-responsável
transinf@acad.puccamp.br

TEMAS EM DEBATE

A LEITURA EM ANÁLISE DOCUMENTÁRIA*

Mariângela Spotti Fujita**
goldstar@unimedmarilia.com.br
Maria Izabel Aspeti Nardi**
Silvana Santos***

1. CONCEPÇÕES DE LEITURA

Da visão de leitura como Processamento Linear à visão de leitura como comunicação

Segundo Bamberger (1987), houve época em que a leitura era vista apenas como um meio de receber uma mensagem importante.

No modelo Serial de Gough (1972, apud Nardi, 1993), o ato de ler envolve um processamento serial que começa com uma fixação ocular sobre o texto, prosseguindo da esquerda para a direita de forma linear. Para o leitor chegar a uma compreensão, é necessário relacionar o significado das palavras aos seus respectivos sons. Gough prevê que durante a leitura, só ocorrem processos ascendentes, a soma dos significados das partes leva ao significado total do texto.

Goodman (1967, 1976, apud Nardi, 1993) em seu **Modelo Psicolingüístico** define leitura como um "jogo" psicolingüístico de

(*) Parte extraída do Relatório de Pesquisa Integrada do CNPq (Processo 300067/93-3)

(**) Docentes do Departamento de Biblioteconomia UNESP-Marília e integrantes do Grupo de Pesquisa "Análise Documentária"

(***) Bolsista Ap CNPq.

adivinhação, um processo seletivo em que o leitor seleciona pistas apresentadas no texto, como pontos de partida para predições. Para Goodman, o leitor antecipa o que ainda não leu, ou seja, prediz tentando adivinhar o que vem a seguir, apoiando-se em partes do texto que podem lhe ajudar na compreensão. Sua grande contribuição está no questionamento a respeito da rigidez seqüencial, introduzindo a noção de uso de estratégias descendentes em leitura como as predições que permitem avanços do leitor sobre o texto, saltando trechos previsíveis, e a noção de regressões (voltas do leitor a trechos anteriores para consulta).

Com o desenvolvimento de estudos sobre leitura, tornou-se possível perceber que o ato de ler envolve um processo mental de vários níveis, e que a boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as idéias do autor (Bamberger, 1987).

Rumelhart (1977, apud Nardi, 1993) destaca os diferentes níveis de conhecimento (nível de conhecimento ortográfico, fonológico, semântico) em seu **Modelo Interativo**, propondo que a informação contida num nível lingüístico mais alto pode influenciar o processamento que se dá num nível mais baixo (por ex. o conhecimento de categorias gramaticais pode influenciar o reconhecimento de palavras). O leitor, em cada nível, apoia-se em esquemas, estruturas de conhecimento que possui.

Rumelhart e Ortony (1977, apud Nardi, 1993) entendem **ESQUEMAS** como conjuntos de conhecimentos que armazenamos sobre diferentes situações e que possibilitam ao leitor visualizar uma situação a partir de variáveis associadas a ela. Tais esquemas "abrem espaço" para interpretações variadas e criativas, uma vez que são particulares, individuais. Cada pessoa terá uma visão diferente da mesma situação, pois suas experiências de mundo só a ela pertencem, são particulares e únicas.

Durante a leitura de um texto, são ativados esquemas variados, desde conhecimento de vocabulário, conhecimento da estrutura textual, do assunto, até conhecimento de mundo.

Cavalcanti (1989) compreende que leitura é um **processo comunicativo entre Leitor-Texto**. O leitor traz consigo seu conhecimento prévio, suas experiências acumuladas, seus valores, e utiliza essa bagagem para interagir com o texto (os pontos de vista, as intenções do autor e suas idéias implícitas no texto). A autora vê o leitor como o centro do processo de compreensão, processo de interação entre o conhecimento novo que o texto traz e o conhecimento velho que o leitor possui, em que o sentido é “negociado”, a relevância é encontrada.

Cavalcanti (op. cit) entende que no ato comunicativo de ler, interagem restrições do contexto do leitor (seu conhecimento prévio, valores, crenças), restrições do texto (intenções do autor refletidas no contexto lingüístico) e restrições do contexto da realização da tarefa de leitura (interesse e objetivo do leitor, estado psicológico...).

Visão semelhante a de Cavalcanti (op. cit) é a de Giasson (1993) que acredita que o leitor cria sentido, apoiando-se simultaneamente no texto, nos seus conhecimentos prévios e na intenção da leitura . Assim a compreensão envolve três variáveis (o leitor, o texto e o contexto) e variará de acordo com o grau de relação entre elas.

A seguir, o modelo de leitura proposto por Giasson (op. cit).



- O **leitor** no processo de compreensão corresponde as estruturas (esquemas) do sujeito e os processos (estratégias) de leitura que ele utiliza. Geralmente essas estruturas referem-se ao que o leitor é (seus conhecimentos e suas atitudes) e os processos referem-se ao que ele faz durante a leitura (habilidades a que ele recorre).
- O **texto** corresponde ao material a ser lido e apresenta os seguintes aspectos: a intenção do autor, a estrutura do texto e o conteúdo. O autor determina cada um dos aspectos ao organizar suas idéias.
- O **contexto** corresponde aos elementos extra-texto, que podem influenciar na compreensão da leitura. Giasson destaca três tipos de contexto: o **contexto psicológico** (intenção de leitura, interesse pelo texto...), o **contexto social** (por exemplo, as intervenções dos professores e dos colegas...) e o **contexto físico** (o tempo disponível, o barulho...).

Não podemos falar em leitura como processo comunicativo sem destacarmos o **princípio cooperativo** de **Grice** (1975) que tem sido considerado como base de toda comunicação humana.

Segundo esse princípio, indivíduos racionais num ato comunicativo observam uma norma comportamental que Grice dividiu em quatro máximas: a da **quantidade** (seja suficientemente informativo), a da **qualidade** (afirme apenas o que acredita ser verdadeiro), a da **relação** (diga algo relevante) e a do **modo** (seja claro).

É a crença na racionalidade do autor, na sua intenção de ser informativo dizendo algo coerente, que leva o leitor a interagir com o texto, realizando esforços para construir um significado viável.

Nesta pesquisa, estaremos adotando a visão pragmática de leitura de Cavalcanti (1989) como interação leitor-texto, enquanto utilização de estratégias de apoio no co-texto e nas informações extra-

lingüísticas, que compõem o conhecimento prévio do leitor, processo em que o significado é “negociado”.

2. ESTRATÉGIAS DE LEITURA

As estratégias de leitura, as ações que o leitor realiza no ato de ler, têm sido definidas por vários autores. Essas estratégias segundo Faerch e Kasper (1980, apud Nardi, 1993) são planos potencialmente conscientes do leitor para resolver algo que se apresenta como um problema na compreensão.

Brown (1980, p. 465) define estratégia como “qualquer controle deliberado e planejado de atividades que levam a compreensão”.

Para Oxford (1989, apud Nardi, 1993) estratégias “são ações direcionadas para um objetivo, potencialmente observáveis, potencialmente ensináveis e flexíveis”. Para a autora, as estratégias não podem ser prontamente observáveis. Para ela, o que é possível ser observado durante a leitura são as ações comportamentais do leitor (como por exemplo, o virar de páginas, ou a procura de uma palavra no dicionário), mas as ações mentais como associações e deduções durante a leitura não podem ser vistas. Quanto à ensinabilidade, Oxford (op. cit) acredita que as estratégias sejam passíveis de serem vivenciadas em sala de aula sob a supervisão do professor. Nardi (1993) percebe que há um consenso entre diferentes autores quanto às características: ação, direcionamento para um objetivo e flexibilidade, esclarecendo que esta última seria a individualidade na seleção e combinação de estratégias, o que depende da natureza da tarefa de leitura em questão, do seu grau de dificuldade e das restrições do leitor (conhecimento de língua, de vocabulário, do assunto...).

No entanto, a respeito das estratégias, existe um ponto de contradição que é o grau de consciência. Alguns autores, como Brown (op. cit) acreditam que as ações são intencionalmente selecionadas,

enquanto outros, como Faerch e Kasper (1980, apud Nardi, 1993) referem-se a ações potencialmente conscientes.

Alguns autores seguidores de Brown fazem distinção entre estratégias e habilidades automáticas. Palincsar e Brown (1984, apud Nardi, 1993) acreditam que leitores proficientes freqüentemente usam "Skills", e consideram estratégias apenas o comportamento metacognitivo (consciente) frente a um problema.

Nardi (1993 p. 20) fornece a sua visão do que Brown (1980) considera "Skill" e "Estratégia".

"Skill seria uma estratégia que teria sido adquirida em algum momento da aprendizagem e se tornando automática (raramente "recuperada" pelo leitor proficiente), e estratégia seria o uso consciente de uma "Skill" ou de uma nova "tática", em momentos de solução de problemas".

Brown (op. cit) lista algumas atividades, às quais ela confere como natureza metacognitiva:

- explicitação dos objetivos da leitura;
- identificação de aspectos importantes da mensagem;
- alocamento de atenção a áreas importantes;
- monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão;
- engajamento em revisão e auto-indagação para ver se o objetivo está sendo atingido;
- tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão;
- recobrimento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões.

Kato (1987) distingue dois tipos de estratégias que definem o comportamento do leitor: as estratégias cognitivas são aquelas automáticas e subconscientes, utilizadas durante a leitura fluida, sem obstáculos, e as estratégias metacognitivas são ações conscientes do leitor frente a um problema.

Para a autora, as estratégias cognitivas são regidas por dois princípios básicos que são: o **Princípio da Canonicidade** (ou da ordem natural sintática e semântica, cujo conhecimento permite ao leitor prever, por exemplo, a categoria gramatical de uma palavra desconhecida, facilitando a inferência de seu significado), e o **Princípio da Coerência** (busca da coerência no texto, um dos princípios griceanos).

A autora esclarece que a coerência pode ser entendida em três níveis: global, local e temática. Buscar a coerência global significa buscar as intenções do autor com a produção do texto em questão. Buscar a coerência local relaciona-se com tentar fazer sentido de trechos específicos (por exemplo, predizendo o que deverá acontecer em seguida, ou elaborando sobre o que foi dito até o trecho em questão, ou estabelecer um paralelo, um contraste...). A coerência temática relaciona-se ao uso da informação - tópico do texto para fazer sentido de trechos. Na busca da coerência temática, manter em mente o título do texto é interessante.

As estratégias cognitivas de Kato (1987) são denominadas por Cavalcanti (1989) estratégias automáticas, e as estratégias metacognitivas são denominadas estratégias controladas.

Cavalcanti (1989) considera que as estratégias tornam-se mais observáveis quando ocorre algum tipo de ruptura na compreensão, momento em que o leitor deverá desacelerar a leitura e tornar-se metacognitivo. Essa ruptura pode ser causada por um déficit em algum dos componentes lingüísticos da competência comunicativa, mas também relevância-leitor.

Figura 1: Estratégias de leitura conforme as concepções teóricas

Brown	Kato	Cavalcanti	Cintra (citando teóricos da ciência da cognição)
Skill	Estratégia cognitiva	Estratégia automática	Estratégia automática
Estratégia	Estratégia metacognitiva	Estratégia controlada	Estratégia controlada

3. ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM DOCUMENTAÇÃO

Consideramos ainda importante abordar as noções de estratégias de leitura em documentação apresentadas por Cintra (1987), em que são apontados vários fatores que concorrem para a qualidade de um texto: a manutenção do tema, a correção gramatical, a adequação lexical, a estrutura do texto.

Segundo a autora, na leitura para fins documentários é preciso que haja uma cooperação autor/leitor, já que o autor não prevê quem poderá ler o que ele publicou.

Sabe-se também que na leitura para fins documentários e tratamento da informação (leitura técnica), não é necessário, nem aconselhável uma leitura linear, letra por letra, palavra por palavra, o leitor avança no texto à medida que consegue predizer o que vem a seguir.

O leitor deve buscar detectar a estrutura do texto. O leitor que tem facilidade de reconhecer as superestruturas textuais capta melhor as idéias principais do texto, do que um leitor que lê linearmente, fazendo esforços desnecessários para compreender trechos isolados, mas sem apoiar-se na estrutura textual e seus conhecimentos prévios para inferir significados, e levantar hipóteses que o ajudarão a apreender a temática global. O apoio na estrutura textual permite ao leitor ser seletivo e alocar atenção a trechos importantes. Cintra (op. cit: p. 33) “coloca” muito bem essa idéia da estrutura fornecendo a estratégia da seletividade.

“Assim, num texto dissertativo argumentativo, por exemplo, o leitor faz predições que vão sendo testadas sobre a introdução, tese, os argumentos, a conclusão, ordenando as idéias centrais e descartando as idéias secundárias”.

As estratégias ascendentes (“bottom up”) e descendentes (“top down”) citadas por Cintra (op. cit), mostra “que o leitor, durante o processo de leitura, pode realizar dois movimentos: movimento **bottom-up**, em que o leitor vai lendo na dependência do contexto escrito, ou seja, vai extraindo, linearmente, dos símbolos impressos o

significado, caminhando das partes para o todo, e movimento **top-down**, no qual há maior dependência de conhecimento prévio do leitor, pois ele vai fazendo generalizações e predições a partir de “**esquemas**” que tem armazenados em sua memória, formulando hipóteses que ajudarão na compreensão do texto.

Kato (1987) considera leitor experiente aquele que utiliza os dois tipos de estratégias, as ascendentes (dependentes do texto, da análise cuidadosa do **Input** visual) e as descendentes (baseadas no conhecimento prévio do leitor e na sua capacidade de inferência, de predição), relacionando ora um tipo, ora outro, de maneira consciente, no momento em que cada uma delas se fizer necessária. Há momentos na leitura em que um trecho difícil, para o leitor, exige que ele leia linear e cuidadosamente, e há outros em que apenas inferências pelo contexto permitem a compreensão sem problemas.

Além disso, acreditamos que o leitor estratégico proficiente seja aquele que, além de utilizar apropriadamente estratégias ascendentes e as descendentes, mantém em mente o objetivo da leitura.

4. LEITURA EM ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

A expressão “Análise documentária” foi formalmente conceituada por Jean-Claude GARDIN (1981, p. 29), citado por CUNHA (1989, p. 17), como “um conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo de documentos científicos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação”.

A Análise documentária é operacionalmente um Tratamento documentário de conteúdo com a finalidade de elaborar representações condensadas do que está contido em textos. Essas representações condensadas são resumos e índices, sendo que esses últimos caracterizam-se mais como pistas do conteúdo. Todo o conjunto de procedimentos para a elaboração de índices de assunto, seja com palavras ou símbolos alfa-numéricos, estão inseridas no que se denomina “Indexação”.

Tanto a Indexação quanto o Resumo, considerados representações condensadas do conteúdo de documentos, são elaborados através de um conjunto de três operações que constituem a "Análise documentária": Análise, Síntese e Representação (KOBASHI, 1994, p.23).

ANÁLISE: leitura e segmentação do texto para identificação e seleção de conceitos;

SÍNTESE: Construção do texto documentário com os conceitos selecionados: enunciado de assunto ou resumo.

REPRESENTAÇÃO: a representação possui duas naturezas distintas: na primeira, a representação é construída através de um processo de condensação intensiva do texto original, gerando os diferentes tipos de resumo; na segunda, a representação é realizada através do uso de uma Linguagem documentária, que tem como função a normalização das unidades significantes ou conceituais presentes no texto original: indexação (LARA, 1993:4-5).

O processos de Análise e Síntese documentária sugerem, pelas descrições de cada um, que os textos passam por uma espécie de "desestruturação" para a construção de um outro texto, o documentário.

As atividades de Análise e Síntese na Análise documentária, embora sejam reconhecidamente as mais importantes, não são as mais investigadas teórica e praticamente (FARROW, 1991). Estudos exploratórios em Análise documentária (JONES, 1983, citado por FARROW, 1991; GUIMARÃES, 1994; KOBASHI, 1994) indicam que a atividade de Representação, mediante a aplicação e elaboração de linguagens documentárias, apresenta grande ênfase na área, pela quantidade de trabalhos publicados.

Assim, interessa-nos muito mais verificarmos os procedimentos de análise existentes. A normalização da área, através da Norma ISO 5963 (1985, p. 2-4), recomenda método para análise de documentos, no qual o processo de Análise e Síntese do documento é exposto em etapas da seguinte forma:

1) Exame do documento: ao mesmo tempo em que considera ideal a leitura total do documento para uma completa compreensão, a norma aponta a impraticabilidade operacional de tal procedimento, oferecendo ao indexador, a possibilidade do texto ser analisado através do exame cuidadoso de todas as seguintes partes:

- título;
- resumo, se houver;
- lista de conteúdos;
- introdução, frases que iniciam capítulos e parágrafos, e a conclusão;
- ilustrações, diagramas, tabelas;
- palavras ou grupo de palavras que estejam sublinhadas ou impressas em tipos diferentes.

Ao final desse item, a norma alerta o indexador para impossibilidade de uma análise de assunto somente pelo título ou resumo do documento.

2) Identificação de conceitos: após análise do documento, o indexador deverá seguir uma abordagem sistemática para a identificação daqueles conceitos que são elementos essenciais na descrição do assunto. Para isso a norma recomenda um questionamento do texto através de questões preparadas para identificar determinados conceitos essenciais:

- a) O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito de uma atividade?
- b) O assunto contém um conceito ativo (por exemplo, uma ação, uma operação, um processo, etc)?
- c) O objeto é influenciado pela atividade identificada?
- d) O documento possui um agente que praticou esta ação?
- e) Este agente refere-se a modos específicos para realizar a ação (por exemplo, instrumentos especiais, técnicas ou métodos)?

- f) Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?
- g) São identificadas algumas variáveis dependentes ou independentes?
- h) O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?

Quanto ao primeiro item "Exame do documento", é preciso esclarecer que quando a norma aborda a questão de uma leitura completa do documento como "impraticável e nem sempre necessária" para a indexação, está distinguindo, neste momento, a leitura documentária do processo global de leitura. Embora a norma não comente os motivos pelos quais admite ser impraticável a leitura completa do documento, é razoável supormos que o trabalho de um indexador não se restringe a poucos documentos se considerarmos a totalidade do acervo de uma biblioteca.

FARROW (1991, p. 150), em seus comentários sobre a norma, refere-se à leitura documentária como um "rápido rastreamento" feito a partir da listagem de partes do documento indicada pela norma no item "Exame do documento". Os estudos técnicos de indexação do Projeto Cranfield realizados por CLEVERDON em 1961, citado por FARROW (1991, p. 150), revelam que 4 minutos é considerado o tempo ideal para um ótimo rastreamento. Estudos comparativos entre os sistemas PRECIS e LCSH (WELLISCH, 1977; CÔTÉ, 1979; MICCO, 1980) demonstram um lapso de 8 minutos para toda a operação. Citando os estudos de JUST e CARPENTER de 1987 sobre leitura rápida, FARROW (1991, p. 152) encontra uma similaridade entre leitores rápidos e indexadores uma vez que "... os leitores rápidos têm um objetivo diferente de compreensão dos leitores normais, não se apegam a detalhes ou coerência de idéias. É o tipo de compreensão que um indexador exige, o objetivo é encapsular a compreensão em um apanhado de palavras-chave isoladas".

Mesmo sujeitos a condições específicas de leitura, admite-se que os indexadores compreendem o texto, essencialmente do

mesmo modo que leitores fluentes. Essas condições de leitura são listadas nas pesquisas de CREMMINS de 1982, MILS e BROUGHTON de 1977, citados também por FARROW (1991, p. 151):

- 1- Indexadores normalmente trabalham sob limite de tempo, que os obriga a explorar o texto mais rapidamente do que um padrão normal de leitura;
- 2- A maior parte dos indexadores compreendem o texto somente para o propósito de classificação, indexação ou resumo do documento;
- 3- A compreensão do texto por indexadores é logo seguida pela produção de um resumo, conjunto de entradas de índice, ou classificação;
- 4- Muitos indexadores trabalham dentro de um conjunto limitado de tipos de textos e áreas de assunto, e o conseqüente elemento repetitivo em seu trabalho o conduzirá a um processamento automático além daqueles associados com a leitura normal fluente."

A revisão de estudos da área serve de respaldo à análise de FARROW a respeito da compreensão do indexador sob essas mesmas condições de leitura, verificando se as estratégias ou as metodologias de análise que o indexador utiliza são válidas para a compreensão.

Dentro do segundo item "Identificação de conceitos" a norma aborda a questão da seleção de termos, recomendando que o "Indexador não precisa, necessariamente, representar com termos de indexação, todos os conceitos identificados durante o exame do documento. Os conceitos deverão ser selecionados ou rejeitados de acordo com os propósitos para os quais os termos serão usados". A norma, então, menciona a exaustividade e a especificidade como propósitos que podem decidir a escolha dos conceitos. Contudo, admite que esses propósitos estão vinculados e dependentes de duas variáveis influentes na identificação e seleção de conceitos pelo indexador: o sistema documentário e o usuário desse sistema.

Aliás, a influência dessas duas variáveis, na análise documentária, é fato admitido por FARROW, CUNHA, CINTRA, KOBASHI e LARA. Existe, com o indexador, um compromisso assumido com o sistema documentário disseminador e seu usuário, que deverá influenciar a leitura documentária e inviabilizar sua "neutralidade" (CINTRA, 1987, p. 29; CUNHA, 1987, p. 38-9).

Por outro lado, a questão de exaustividade e especificidade abordada pela norma podem, segundo observação de FARROW (1991), alterar o grau de compreensão de leitura do indexador. A exaustividade, exigida por um sistema documentário, está mais ligada à produção de índices porque compreende um detalhamento dos assuntos presentes nos documentos através de termos de indexação. Ao contrário, a especificidade requer exatidão e precisão e por isso é mais adequada à classificação que necessariamente deve representar um ou mais assuntos através de um só número de classificação. Por isso, quanto mais exaustivo o processo de análise, mais detalhada será a compreensão.

Para o processo de análise e síntese documentárias, a leitura documentária tem o objetivo de "identificação e extração de referenciais dos textos originais, para sua transformação em texto documentário." (LARA, 1993, p. 49) Os "referenciais" citados pela pesquisadora, são os "conceitos essenciais" da norma, identificados e extraídos através das questões. A primeira questão, por exemplo, deverá identificar no texto a presença do conceito "objeto", a segunda a "ação", a terceira se o "objeto" identificado sofre influência da "ação", a quarta o "agente" que praticou a "ação", e assim por diante...

Em verdade, esses referenciais ou conceitos foram embasados naqueles já formulados em Lingüística através de vários "Estudos de caso", nomeadamente os de Fillmore e Pottier (CUNHA, 1987, p. 67). AUSTIN (1974), ao idealizar o sistema de indexação PRECIS muito antes dessa Norma, apoiou-se teoricamente na "Gramática de casos" de Fillmore e propôs seu "Esquema de operadores de função", no qual atuam como "casos profundos": operadores principais: 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6; operadores interpostos: p, q, r; operadores de diferenças: h, i, j, k, m, n, o, d; como "marcadores de caso": códigos conectivos: \$v e \$w e operadores interpostos: s, t.

De acordo com CINTRA (1983), Fillmore define “casos” como “um conjunto de conceitos universais, presumivelmente inatos que identificam certos tipos de julgamento que as pessoas são capazes de fazer sobre os acontecimentos que se realizam à sua volta, julgamentos a respeito de assuntos como 'quem fez isso', 'a quem aconteceu isso', 'o que foi mudado', etc.”

Trabalhando em torno desses “conceitos universais”, o sistema PRECIS recomenda, para a etapa de identificação de conceitos da análise de assunto, uma análise conceitual baseada na interrogação do texto (FUJITA, 1989):

O QUE ACONTECEU? (AÇÃO)

A QUE OU A QUEM ISTO ACONTECEU? (OBJETO DA AÇÃO - SISTEMA CHAVE)

O QUE OU QUEM FEZ ISTO? (AGENTE DA AÇÃO)

ONDE ACONTECEU? (LOCAL)

Cada operador do sistema PRECIS será, então, atribuído a um conceito com função correspondente. Por exemplo, o operador (2) possui função correspondente a “ação”, o operador (1) ao “objeto da ação”, o operador (3) ao “agente” e o operador (0) ao “local”. O conjunto de operadores atribuídos formará uma cadeia de termos capaz de gerar as entradas de assunto que serão acessadas por um usuário no índice de assunto. FUJITA (1989, p. 189) explica que “os operadores de função são considerados universais lingüísticos que agem como casos profundos nas cadeias de entrada (estrutura profunda) transformando-as em entradas de índice (estrutura superficial) capazes de propiciar o acesso do usuário ao índice.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, estratégias são ações empreendidas pelo leitor no ato de ler potencialmente conscientes, geralmente direcionadas para a solução de um problema. As estratégias conscientes são denominadas metacognitivas (Kato, 1987) ou controladas (Cavalcanti,

1989), e as estratégias subconscientes são denominadas cognitivas (Kato, 1987) ou automáticas (Cavalcanti, 1989).

No caso do leitor documentalista, entendemos que as estratégias indicadas pela Norma são metacognitivas ao identificarmos aspectos de sua natureza de acordo com Brown (1980):

Figura 2: Identificação da natureza metacognitiva na leitura documentária de acordo com Brown.

Atividades durante a leitura “Brown”	Leitura Documentária
<ul style="list-style-type: none"> ● explicitação dos objetivos da leitura; ● identificação de aspectos importantes da mensagem; ● alocamento de atenção a áreas importantes; ● monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão; ● engajamento em revisão e auto-indagação para ver se o objetivo está sendo atingido; ● tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão; ● recobrimento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões; 	<ul style="list-style-type: none"> ● representação do texto de forma condensada (Norma) ● identificação de conceitos (abordagem sistemática mediante questionamento) (Norma) ● análise do documento com domínio da estrutura textual, considerando partes do texto (Norma) ● associação com linguagem; ● coerência temática; ● seleção de conceitos (termos ou descritores)

Portanto, a leitura documentária feita com o objetivo de representar o texto e seu contexto pode ser explicada, também, pela abordagem de Cavalcanti e Giassom. O leitor documentalista, apesar de não ser o especialista do assunto, interage com o texto mediante o domínio de uma linguagem documentária especializada, da estrutura textual e da intenção do sistema de informação para a leitura. O que a Norma ISO identifica como “Estágios da indexação”, principalmente o “Exame do documento” e a “Identificação de conceitos”, assim como a análise conceitual formulada para o PRECIS, entendemos que podem ser consideradas como **estratégias de leitura**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, D. **PRECIS**: a manual concept analysis and subject indexing. London: Council of the British National Bibliography, 1974. 551p.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987. 109p.
- BROWN, N. Metacognitive development and reading. In: SPIRO et al. (orgs). **Theoretical issues in reading comprehension**. New Jersey: L. Erlbaum Associate Publishers, 1980.
- CAVALCANTI, M. C. **I-N-T-E-R-A-Ç-Ã-O leitor-texto**: aspectos de interação pragmática. Campinas: UNICAMP, 1989.
- CINTRA, A. M. M. (1983) Elementos de lingüística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.12, n.1, p.5-22, jan.-jun.
- _____. (1987) Estratégias de leitura em documentação. In: SMITT, J. W. **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília : IBICT. p.29-38.
- CÔTÉ, J.-P. PRECIS et le système de vedettes-matière de la Library of Congress: vers une étude comparative globale. **Documentation et Bibliothèques**, v.25, n.1, p.11-21, 1979.
- CUNHA, I.N.F. **Análise documentária**. In: SMIT, J. W. **Análise documentária**: a análise da síntese. 2.ed. Brasília: IBICT, 1987.

- FARROW, John F. A cognitive process model of document indexing. **Journal of Documentation**, v.47, n.2, p.149-66, 1991.
- FUJITA, M. S. L. **PRECIS na língua portuguesa: teoria e prática de indexação**. Brasília: UnB/ABDF, 1989.
- GIASSON, J. **A compreensão na leitura**. Lisboa: Asa, 1993.
- GRICE, H. P. (1982) **Logic and Conversation**. In: COLE, P., MORGAN, J.L., org. *Syntaxis and Semantics*. New York: Academic Press, 1975. v.3: *Speechs acts*.
- GUIMARÃES, J. A. C. **Análise documentária em jurisprudência: subsídios para uma metodologia de indexação de acórdãos trabalhistas brasileiros**. São Paulo: ECA/USP, 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, USP, 1994.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. (1985) **Documentation** - methods for examining documents, determining their subjects, and selecting indexing terms. Suíça: ISO. 5p. (ISO 5963-1985 (E))
- KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 121p.
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Fontes, 1989.
- KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia**. São Paulo: USP. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1994.
- LARA, M. L. G. de **A representação documentária: em jogo a significação**. São Paulo: USP. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1993.
- MICCO, H. M. **An exploratory study of three subject access systems in Medicine: LCSH, MeSH, PRECIS**. Australian: Australian National University, 1980. 163p.
- NARDI, M. I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. São Paulo: PUC. Disserta-

ção (Mestrado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

WELLISCH, H. (Ed.) **The PRECIS index system: principles, applications and prospects.** In: INTERNATIONAL PRECIS WORKSHOP, 15-17 oct. 1976, Maryland. Proceedings... New York: H. W. Wilson, 1977. 204p.

RELAÇÃO DO SUJEITO COM A LINGUAGEM: A TEORIA E A PRÁTICA DA INDEXAÇÃO

Clarinda Rodrigues Lucas*
clarl@obelix.unicamp.br

INTRODUÇÃO

O sujeito faz a sua entrada no campo da reflexão sobre a linguagem em sua relação com as condições de produção. Ao interessar-se pelos interlocutores e pelo contexto de situação, a Análise do Discurso propõe que se considere a relação do sujeito com a linguagem como uma relação contraditória, em que há dupla determinação, do enunciado pelo sujeito e deste pela sua relação com a exterioridade, com seu contexto sócio-histórico. Para que seu discurso tenha *um* sentido, é preciso que ele *já* tenha sentido, isto é, o sujeito se inscreve (e inscreve seu dizer) em uma formação discursiva que se relaciona com outras formações discursivas (Orlandi, 1990).

Podemos afirmar que o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores, pensando o fato dos sentidos estarem relacionados aos textos e suas condições de produção (o sujeito, a instituição); às relações entre os diferentes textos; às relações do dizer com o que não é dito (Pêcheux, 1990). Resulta daí o caráter múltiplo e incompleto do sentido, jamais fechado e acabado. Sendo assim, o discurso é constituído pelo movimento das significações, da tensão entre a polissemia

(*) Pesquisadora e Bibliotecária da UNICAMP.

dos sentidos e a paráfrase (o mesmo), resultante da domesticação institucional da linguagem.

Em relação a esta concepção de linguagem e esta definição de discurso, há uma des-centração do sujeito, isto é, a Análise do Discurso “despossui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento de enunciados, de textos, cujas condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas” (Maingueneau, 1991). Além disso, como sabemos, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, sendo o sujeito cultural e historicamente constituído, determinado por processos históricos que produzem as formas de subjetividade, isto é, formas-sujeitos. Assim, é próprio de uma sociedade como a nossa que o sujeito seja capaz de autonomia e de responsabilidade, sofrendo as coerções exteriores de seu contexto histórico-social, ao mesmo tempo em que determina o que diz (Orlandi, 1990).

Interessa-nos aqui destacar a idéia de que um sujeito-em-si, fonte de sentidos, é uma ilusão, visto em nossa sociedade o sujeito ser contraditoriamente livre e disciplinado. Este sujeito se percebe como origem de seu discurso, e autônomo na escolha do que faz e do que não faz parte de seu discurso, constituindo o que Pêcheux (1988) chamou de “esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2”. A consequência teórica destes dois esquecimentos se constitui na concepção da não-transparência da linguagem - a não-transparência do sujeito e do sentido para a Análise do Discurso, permitindo-nos pensar o sujeito em suas diferentes formas sociais, históricas e culturais possíveis

O BIBLIOTECÁRIO ENQUANTO SUJEITO-LEITOR

O modo de pensar o sujeito e a subjetividade que acima expomos, permite-nos refletir sobre o Bibliotecário, sujeito leitor, enquanto indexador. Os recortes que vamos destacar procuram descrever a atividade de indexação - a análise documentária. Vamos privilegiar o texto de Kobashi (1994) pelo seu caráter exemplar na descrição do modo como as operações documentárias realizam-se no

âmbito de instituições informacionais (bibliotecas, centros de documentação, etc ...). Nele veremos que o Bibliotecário sobressai como um leitor guiado por uma metodologia de trabalho que subordina a sua leitura aos interesses institucionais, para que esta leitura vá de encontro aos usuários da instituição. Sabemos que as condições de produção, que afetam a leitura, vão além das que caracterizam a instituição propriamente dita. Kobashi realça que precedendo as operações propriamente documentárias ocorre uma análise rigorosa do contexto no qual se insere o sistema documentário. Sendo assim, é a partir de parâmetros institucionais identificados, que se fixa uma política global de tratamento e de recuperação de informações, apta a responder aos usuários prioritários do sistema.

A construção de representações através das palavras-chave, dos assuntos, que venham a identificar "o de que trata" o documento, é o objetivo principal da leitura do bibliotecário que indexa, e num modelo de leitura que seria a ideal, ela assim se dá:

"... as operações documentárias com conteúdos de textos partem do pressuposto de que é possível identificar a informação principal dos mesmos com o objetivo de construir representações que mantenham relação de semelhança com o original" (Kobashi, 1994).

"defini-se "a Análise Documentária como uma disciplina de natureza metodológica que se preocupa com o tratamento do conteúdo dos textos" (Kobashi, 1994).

Ao preocupar-se somente com o próprio texto, com seu conteúdo, este leitor ideal tem com o documento que indexa a mesma relação que era esperada dos leitores medievais da Sagrada Escritura: a proibição de interpretação, de reescritura, a restrição a Letra (Pêcheux, 1994). Ler neste sentido é receber o texto do outro sem marcar presença. Este leitor deve, para além disso, reproduzir os sentidos estabilizados nas linguagens documentárias. A leitura, como prevista nestes recortes, é assemelhada a uma passividade. Nesta divisão de trabalho de leitura os leitores são replicantes, exercendo suas atividades do mesmo modo que seus pares da Idade Média. Note-se, em vista do que acabamos de afirmar, o recorte abaixo:

"[...] a Análise Documentária, por outro lado, preocupa-se com a identificação da estrutura informacional dos textos, ou seja, com o próprio texto, a fim de elaborar representações condensadas que permitam ao leitor identificar o seu conteúdo informacional" (Kobashi, 1994).

A leitura do Bibliotecário, enquanto indexador, como estamos observando, deve ser neutra e objetiva. Os textos que analisamos consideram os sentidos em sua literalidade, isto é, acreditam que a língua reflete o pensamento com exatidão. Trabalham com a premissa dos textos serem claros e determinados, reduzindo-se a incerteza e a indeterminação que emanam da subjetividade do sujeito que lê, através de metodologias de tratamento dos textos. Afirmamos isso tendo em vista os recortes abaixo:

"(a Análise Documentária) não se preocupa com as condições sócio-históricas da produção discursiva, ao contrário, seus objetivos restringem-se, à identificação da base temática do texto" (Kobashi, 1994).

"... é preciso considerar que a noção de informação relevante de um texto varia de acordo com os objetivos que se persegue" (Kobashi, 1994).

"O objetivo específico das operações documentárias, ao analisar textos, é o de tratá-los para recuperá-los posteriormente. Desse modo, por meio das operações documentárias produzem-se diversas modalidades de representações condensadas, quer sob a forma de novos textos (resumos) ou de representações e elaboradas pela mediação de códigos de conversão ditos vocabulários controlados (índices, notações classificatórias)" (Kobashi, 1994).

A leitura a ser realizada pelos Bibliotecários, como demonstram estes fragmentos, deve ser balizada por regras, padrões, esquemas, enfim, pela utilização de estratégias de leitura pré-determinadas. O texto aqui é visto como autônomo e o levantamento dos seus possíveis sentidos é reduzido a mecanismos, estratégias de leitura; o texto é concebido como transparente, carregando consigo o seu código de interpretação, e o Bibliotecário é aquele leitor que sabe ler

sem interpretar, a sua subjetividade, se existe, prende-se à letra, e deve ser conduzida através de procedimentos técnicos que assegurem a atribuição de assuntos que representem o texto fielmente, sendo o imaginário do sujeito controlável. Observemos como objetividade e rigor estão no mesmo patamar, sendo subjetividade sinônimo de indeterminação.

“os trabalhos de indexação e de resumos, quando realizados sem a presença de um esquema que parametrize a coleta de dados textuais, normalmente resultam em produtos que não exibem as propriedades necessárias para as finalidades de recuperação da informação. As falhas têm origem, normalmente, na seleção incompleta ou equivocada de dados motivada pela utilização de estratégias de leitura inadequadas para os objetivos documentários” (Kobashi, 1994).

Quando se escreve “estratégias de leitura inadequadas” motivadoras de seleção equivocada ou incompleta” dos descritores que representam o texto, dá-se primazia a metodologias de leitura. Ignora-se que o sujeito-leitor ao identificar o tema principal de um texto atua com noções de valor - portanto afetado por seu contexto sócio-histórico, sua cultura. E isto com certeza irá interferir nos resultados de sua leitura. Este leitor que se faz presente para além do controle de estratégias de leitura.

Kobashi ao descrever a leitura documentária como distinção de informação essencial da acessória, de certa forma já explicita a presença deste sujeito. O que observamos, apoiados em exemplos que daremos mais adiante, é que esta leitura nem sempre está somente referida aos interesses dos leitores institucionais. No recorte que destacamos a seguir, podemos notar lugares em que a interpretação se faz presente na leitura do Bibliotecário: na passagem do texto a um enunciado que faça sua síntese e na sua posterior tradução para um descritor extraído de um vocabulário controlado:

“... considera-se a indexação como um processo que comporta duas etapas: a primeira, refere-se à análise e redução de um texto a um enunciado sintético, que reflita o tópico do discurso; a

segunda, envolve a tradução do enunciado para o léxico de um vocabulário controlado" (Kobashi, 1994).

Quando se consideram os sentidos transparentes, apaga-se o seu caráter material, a sua historicidade. Os sentidos, quando apreendidos como literais, aparecem como claros, evidentes, independentes de seu uso em qualquer contexto. Por outro lado, numa análise em que a ideologia é levada em conta, como na Análise do Discurso, a literalidade aparece como produzida em um processo em que as instituições (legitimadoras) e a história (cristalização, permanência de interpretação) desempenham papel determinante: os sentidos são produtos da história, efeitos de discurso.

Observemos como estas questões se manifestam nos assuntos atribuídos para o título "A guerra dos meninos: assassinato de menores no Brasil" de Gilberto Dimenstein, observados na Base de Dados em cd-rom UNIBIBLI que reúne os acervos das bibliotecas da USP, UNICAMP e UNESP:

Indexação 1: Menores abandonados -Brasil
 Crianças- Brasil. Maus tratos
 Crianças maltratadas- Brasil
 Assassinato -Brasil

Indexação 2: Saúde da criança

Indexação 3: Criança (Sociologia)
 Menor (Sociologia)
 Violência (Sociologia)

Indexador 4: Menores infratores /Delinqüência juvenil

Indexador 5: História do Brasil - Sociedade (Assistência)
 Menores infratores/ Delinqüência juvenil

Ressaltamos que os descritores "Menores abandonados", "Crianças maltratadas", "Crianças - Brasil - Maus tratos", "Assassinato - Brasil" selecionados pelo indexador número 1, destinam um sentido para a obra de Gilberto Dimenstein diametralmente oposto aos descritores selecionados pelos indexadores números 4 e 5, "menores

infratores” e “delinqüência juvenil”. Nestes descritores, os menores (classificação jurídica) são infratores e delinqüentes, já o fato de serem abandonados e vítimas de violência e maus tratos não foi anotado como representativo para esta obra. O indexador número 2 realçou o aspecto saúde da criança, omitindo que são menores abandonados, sejam delinqüentes ou não. Os assuntos escolhidos pelo indexador número 3 são genéricos - não caracterizam a criança, não caracterizam o menor (se é abandonado ou não) , não caracterizam contra quem é a violência.

A partir deste exemplo, verificamos que o Bibliotecário, apesar de saber bem a distinção entre um menor abandonado e um delinqüente juvenil, atuou como intérprete, dentro de suas condições de produção específicas, dentro de sua formação discursiva, enfim, como um sujeito com todas as implicações inerentes a isto - a sua ideologia, a sua subjetividade.

O modo como os indexadores realmente exercem suas atividades é descrito no trecho abaixo (Oliver, citado por Lancaster, 1993):

“O maior grupo de indexadores afirmou que examina rotineiramente o documento inteiro. Esses indexadores, entretanto, salientaram que certas partes do documento eram examinadas mais atentamente do que outras. Essas partes incluíam o resumo, a introdução, o resumo do autor, as conclusões, a metodologia, os resultados, tabelas e gráficos. Se uma ou mais de uma dessas seções ‘condensadas’ fosse considerada adequada pelo indexador, ele poderia examinar de relance ou simplesmente ‘folhear’ outras partes do documento. Os principais motivos apresentados para examinar o corpo do documento foram para constatar se alguma coisa passara despercebida, oferecer maior profundidade da indexação, e dirimir quaisquer dúvidas ou questões”.

Este texto ilustra com fidelidade a leitura do Bibliotecário, descrevendo-a em detalhe. Na etimologia da palavra exame está o ato de ponderar, pesar, analisar atenta e minuciosamente. O leitor que emerge do recorte anterior, se assemelha a um investigador, quase um

ensor. Não podemos nos esquecer que indexar esta ligado a index: o Catálogo dos livros cuja leitura era proibida pela Igreja. O leitor-indexador, ao nomear os descritores, intervém de forma determinada no discurso original, resultando em disciplinarização, institucionalização de perspectivas de leitura.

No quadro do discurso da indexação, a leitura obedece a regras, e a observação dessas regras objetiva configurá-la como científica. Vejamos o que escreve Lancaster (1993) ao identificar duas regras fundamentais da indexação:

"1. inclua todos os tópicos reconhecidamente de interesse para os usuários do serviço de informação, que sejam tratados substantivamente no documento.

2. Indexe cada um desses tópicos tão especificamente quanto o permita o vocabulário do sistema e o justifique as necessidades ou interesses dos usuários".

A maneira como este autor se refere ao ato de indexar, no imperativo, denota bem a relação deste leitor com o seu objeto de leitura: de novo ele se assemelha a um censor, quase uma máquina de leitura. O documento é tratado como algo isolado, visto à parte, e com o qual o leitor não deve ter intimidades, o seu contato com o texto deve ser estritamente profissional, sendo o documento o seu objeto de trabalho cotidiano. As regras denotam posições de leitura bem demarcadas, mantendo livro e leitor em seus devidos lugares. Leitura aqui não é um ato de apropriação.

A concordância entre indexadores, para nós a univocidade da leitura, é tratada por Lancaster (1993) como coerência da indexação, anotando os seguintes fatores como capazes de influência-la:

1. quantidade de termos atribuídos;
2. vocabulário controlado versus indexação com termos livres;
3. tamanho e especificidade do vocabulário;
4. características do conteúdo temático e sua terminologia;
5. fatores dependentes do indexador;

6. instrumentos de auxílio com que conta o indexador;

7. extensão do item a ser indexado.

Podemos observar pelos itens que se referem ao vocabulário controlado o poder que eles têm em circunscrever as possibilidades de interpretação do indexador: a quantidade de palavras que compõem o vocabulário; o fato do indexador ter um vocabulário livre ou controlado, dando-lhe mais ou menos liberdade enquanto intérprete; o fato deste vocabulário ser genérico ou específico, contribuindo para a riqueza ou pobreza de sua indexação. Estamos vendo que ao se definir o modo de leitura do Bibliotecário, vão se definindo os seus limites, estabelecendo-se contornos e sentidos à sua leitura.

Lembramo-nos da Novilíngua descrita por um personagem de George Orwell em seu romance "1984": *"Estamos dando à língua a sua forma final - a forma que terá quando ninguém mais falar outra coisa. Quando tivermos terminado, gente como tu terá que aprendê-la de novo. Tenho a impressão de que imaginas que o nosso trabalho consiste principalmente em inventar novas palavras. Nada disso ! Estamos destruindo palavras - às dezenas, às centenas todos os dias. Estamos reduzindo a língua à expressão mais simples"*.

O controle das palavras que compõem um vocabulário, a terminologia de uma área, como já dissemos anteriormente são resultado de relações de poder, de institucionalização de sentidos. Quando contrapomos a Novilíngua de Orwell às regras de leitura do Bibliotecário, os vocabulários controlados, podemos compreender o fato dos sentidos serem fixados historicamente em uma direção determinada. Sabemos que no processo que chamamos "ideologia" o desconhecimento dos sentidos não se produzem por "engano", por "ocultação" de sentidos, mas sim por um desconhecimento produzido por processos discursivos (históricos), que são observáveis na materialidade lingüística. Esse modo de ver a fixação dos sentidos permite-nos compreender que a história se define em relação ao poder.

Gostaríamos de abordar, nesta linha de raciocínio um outro aspecto abordado por Lancaster: o das diferentes matizes de significado que um vocabulário possa expressar, e que ele aponta como

dificultadores da coerência dos tópicos utilizados pelo indexador. Estudo citado por Lancaster (1993) com vocabulários de diferentes tipos (cabecinhos de assunto, tesouro, esquemas de classificação) chegou à seguinte conclusão:

“a coerência interindexadores melhora significativamente com a utilização de instrumentos de indexação prescritivos que contenham um mínimo de relações semânticas variáveis entre os termos. O emprego de instrumentos de indexação que ampliem a liberdade semântica do indexador, no que concerne a escolha dos termos, é prejudicial à confiabilidade da indexação. A qualidade da indexação tem muito a ganhar com vocabulários que formalizem as relações de modo a prescrever uniforme e invariavelmente a escolha dos termos de indexação”.

Este enunciado é bastante produtivo para o aspecto que estamos enfatizando: o autor explicita claramente que a ampliação da liberdade semântica do indexador é prejudicial à confiabilidade da indexação e indica o controle do vocabulário como forma de formalizar e uniformizar a escolha dos termos de indexação. O que Lancaster está indicando é a necessidade de apagamento do sujeito-leitor, da sua posição de intérprete. Prescrever a leitura através de instrumentos de indexação que reduzam, minimizem as possibilidades de escolha de descritores, logo de produção de sentidos, de leituras plurais é o ideal deste modelo de indexação.

Dando continuidade a seu texto, Lancaster anota os fatores da indexação que dependem do indexador como indivíduo, acentuando que indexadores com formação similar (educação, experiência e interesses) têm mais probabilidade em concordar com o que deve ser indexado do que indexadores com formação diferente. Como solução, propõe que os indexadores participem do mesmo programa *rigoroso* de treinamento, para “reduzir a importância da formação anterior como fator que influencia a coerência”. Outro fator relativo ao indexador é o nível de conhecimento da matéria - o conteúdo temático do documento a ser indexado. Para Lancaster, é mais importante o indexador

conhecer minuciosamente as necessidades e interesses dos usuários da biblioteca do que ter um conhecimento especializado do acervo.

Do que foi exposto temos a realçar o quanto é desejável a uniformidade, a leitura objetiva, o desejo de fechamento, de ausência de exploração ou produção de sentidos. O leitor idealizado deve até ser submetido a treinamentos que apaguem a sua memória de experiências anteriores. Não precisa nem saber em detalhe o que está indexando, o que pode até ser prejudicial a seu trabalho, segundo Lancaster. Que leitor é este?

Examinando os assuntos selecionados para o título "Fazer dizer, querer dizer", de Claudine Haroche podemos perceber o quanto a formação do Bibliotecário é importante, direcionando a sua leitura para fins de indexação:

Indexador 1. linguagem

Indexador 2. gramática comparada e geral- Determinação ambigüidade

Indexador 3. língua francesa - subordinação
língua francesa - sujeito e predicado
língua francesa - aspectos sociais
filosofia da linguagem ordinária

Podemos notar que os Bibliotecários da Biblioteca Nacional da França (Indexação 3) e da Oxford Library (Indexação 2) selecionaram para a obra de Claudine Haroche aspectos específicos da língua, com abordagens gramaticais, sociais e filosóficas, segundo a Biblioteca Nacional da França, e aspectos específicos da gramática (determinação e ambigüidade) ressaltados pelos indexadores da Oxford Library. O indexador 1, da base de dados UNIBIBLI apontou o assunto "linguagem", bastante genérico. Cumpre-nos observar que os assuntos selecionados pelos outros dois indexadores também constam do vocabulário utilizado pelo indexador da base de dados UNIBIBLI. Podemos tentar explicar as razões do indexador desta base ter-se

restringido a um termo tão amplo através de suposições: falta de conhecimento especializado, desconhecimento da área, exigüidade de tempo para leitura, dentre outras possibilidades.

Constatamos com este exemplo que se o Bibliotecário não domina a terminologia de uma determinada disciplina e por conseguinte não entende o que lê, não consegue estabelecer relações entre o texto que têm a sua frente e o vocabulário do qual as palavras devem ser retiradas. Este leitor não consegue compreender o sentido dos textos que analisa. O fragmento de Lancaster (1993) que destacamos a seguir, detalha este aspecto e traz observações interessantes:

“Os indexadores devem ter algum conhecimento do conteúdo temático tratado e entender sua terminologia, embora não precisem necessariamente ser especialistas no assunto. Na realidade, algumas instituições têm enfrentado problemas com indexadores que são ‘especialistas’ demais, pois sua tendência é interpretar excessivamente e talvez extrapolar aquilo que o autor afirma [...] ou mesmo mostrar preconceitos ao não indexar informações que relutem em aceitar. A falta de conhecimento do assunto pode, contudo, levar à indexação excessiva. Incapaz de distinguir entre dois termos, o indexador talvez atribua ambos quando apenas um seria necessário ou apenas um seria correto”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as análises que realizamos, confrontando a teoria da indexação e os resultados desta prática, observamos que a exigência de transparência e não ambigüidade na atribuição dos descritores proposta pelas metodologias da leitura para fins de indexação, o almejado controle a interpretação não dá conta da subjetividade inerente ao sujeito leitor. Outro dado relevante no tocante ao uso de terminologias é a ilusão de que a língua possa ser “a vestimenta bem ajustada do pensamento que permite apreender a idéia sem a menor dificuldade” Orlandi (1987). Constatamos que, para

além da ilusão de transparência, emerge, quando menos se espera, o deslize, o equívoco e a ambigüidade da língua. Muitas leituras são previsíveis para um texto e os leitores tem suas próprias histórias de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOBASHI, Nair Yumiko. **Elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia**. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da USP, 1994. (tese de doutorado)
- LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. **L'analyse du discours**. Paris: Hachette, 1991
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista !: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo:Cortez; Campinas:Editora da UNICAMP, 1990.
- _____. Ilusões da/na linguagem. In: **Foucault vivo** (Italo Tronca, Org.) . Campinas: Pontes, 1987
- _____. Dispositivos da interpretação. In: Orlandi, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **O discurso e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 1990
- _____. Ler o arquivo hoje. In: **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LEITURA DO BIBLIOTECÁRIO ACADÊMICO: formação e atuação

Rute Batista de Pontes*
Else Benetti Marques Válio**
else@aleph.com.br

INTRODUÇÃO

Ao se falar sobre a presença de comportamentos marginais espontâneos como meio de criar, gestar novos paradigmas, pensa-se na formação de profissionais não somente com competência para enfrentar as demandas tecnológicas, mas com formação humanística que os faça manter acesa a chama da curiosidade intelectual; que o trabalho executado, muitas vezes de forma mecânica, não os impeça de vislumbrar novos horizontes cristalizando suas idéias, suas concepções de vida, divorciando-os de tudo o mais na esfera do político e do cultural.

As imposições inerentes ao trabalho profissional podem servir para ressaltar sua dimensão humana: que simplesmente não passem a ser mais uma peça dessa engrenagem em que se tornou o universo capitalista, notadamente nos países periféricos.

Esses seriam pontos fundamentais a serem considerados na formação do profissional bibliotecário através da qual

(*) Docente da Universidade Federal do Ceará e Mestre em Biblioteconomia pela PUC-Campinas

(**) Prof^ª Dr^ª do Depto. de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUC-Campinas.

... o [mesmo] passe a compreender a própria estrutura da sociedade em que vive, o sentido das transformações que se estão processando nela, e assim, de mero protagonista inconsciente do processo social, passe a ser um membro atuante da sociedade, no sentido de favorecer sua transformação ou, ao contrário, a ela se opor, porque ela se dará em detrimento de seus interesses. {Dar, enfim, à sociedade sua} cota de esforço, de trabalho socialmente útil... (LEME, 1993, p.250-1).

Com vistas a esse enfoque e observando o tipo de formação acadêmica proporcionado pela universidade brasileira, sem perder de vista os condicionantes históricos, é que se voltou o interesse maior desta pesquisa para a formação do bibliotecário acadêmico, encetando-se um repensar sobre suas atitudes, sua atuação na universidade — centrando-se especificamente na sua formação em leitura. Trata-se de um aspecto fundamental para o seu acontecer profissional tanto quanto para a questão educacional como um todo.

Desse modo, faz-se urgente um repensar crítico da Biblioteconomia. Diversos são os caminhos que podem ser escolhidos; o campo investigativo está aberto porquanto a pesquisa bibliotecária, em muitas das suas vertentes, ainda não foi explorada.¹

Isto apenas vem mais uma vez confirmar a falta de tradição de pesquisa pela universidade brasileira, na área de Ciências Humanas.

Há um quadro profissional denunciando como inevitável o levantamento de questionamentos sobre o corpo teórico biblioteconômico e as práticas dele resultantes e que particularizam o desempenho do profissional bibliotecário hoje, e anunciar novos horizontes enquanto possibilidades de conformação de um novo perfil.

Faz-se mister, todavia, penetrar no cerne desse fenômeno para compreendê-lo. KOSIK (1989, p.12) reforça esse pensamento quando afirma: **“compreender o fenômeno é atingir a sua essência”**.

No caso, o que significa atingir **sua essência**? Significa um esforço maior, na busca dessa compreensão, porquanto a essência de um fenômeno, a coisa em si como ainda aponta KOSIK (Idem) não se manifesta imediata e diretamente.

Dentro desse enfoque, indaga-se: como se vem processando a formação escolar do bibliotecário brasileiro nos diversos cursos de Biblioteconomia ministrados nas universidades públicas, particulares, bem como em instituições de ensino superior isoladas?

O que essa formação vem oferecendo em termos de conhecimento sobre o país nos seus aspectos culturais e político-sociais?

SOUZA (1991, p.181) aponta um dado por demais relevante nessa formação, tomando por base a literatura especializada na área de Biblioteconomia - o objeto dessa ciência - caracterizado por dois pólos: o primeiro, tem como prioridade maior a organização do material documental nas suas mais diversas formas de suporte - concedendo-se, portanto, maior ênfase na administração das chamadas disciplinas de conteúdo técnico. **"... a nível prático [isto vem] identificando o produto do trabalho do bibliotecário"**. O segundo, não nega a importância do primeiro, mas prende-se a um conteúdo de caráter predominantemente pedagógico-social: centra-se no indivíduo - usuário - para quem são dirigidos todos os esforços de organização e administração dos sistemas de informação. Há, portanto, segundo esse mesmo Autor, a necessidade de um envolvimento maior com disciplinas, cujos saberes permitam ao aluno de Biblioteconomia uma assimilação mais concreta desse objeto para, quando bibliotecário, possa efetivamente compreender a importância de uma melhor comunicação, de uma maior aproximação com o usuário contribuindo assim de forma decisiva para o crescimento individual e intelectual desse.

Além dessa preocupação, há outra de caráter também essencial, qual seja, um ensino que atenda às diversidades regionais dentro do contexto sócio econômico, político e cultural específico de cada região brasileira.

Dentre as tantas questões atualmente levantadas com relação à formação do bibliotecário brasileiro está uma muito comprometedora: a de que ele não é leitor. O bibliotecário é visto como o **bibliotecário** e não como **usuário de biblioteca** (SOUZA, 1991, p.95).

Como, então, esperar um fazer profissional, exercido com competência, sem o devido preparo intelectual, cujo modo mais acessível e de retorno certo e permanente nesse sentido, é a leitura? No cerne desta questão incluir-se-ia, obviamente, a otimização da transferência da informação, traduzido por um atendimento condigno ao usuário **“orientado em função do seu perfil”** e de suas demandas informacionais (MARTINS, 1982, p.209).

Sem a devida preocupação com a questão educacional e cultural que envolvem a biblioteca (e, portanto, a leitura) o bibliotecário **“cada vez mais um técnico (. . .) vai chegar ao ponto de um manobrador, um aperta botão de computador”, como enfatiza MORAES, acrescentando ainda, “que considera esse problema extremamente grave” e, portanto, visto com “ansiedade”²**; preocupação não só de sua parte, mas de todos quantos estão voltados para os rumos que possam tomar o ensino biblioteconômico no Brasil, se questões dessa natureza não forem seriamente estudadas e debatidas, bem como canalizadas alternativas de soluções com vistas à concretização de **“conteúdos cognitivos consistentes”³** dentro da estrutura curricular existente.

Atenta-se para esse ângulo da questão, chamando a atenção para o papel da biblioteca na atualidade, sobretudo nos países de economia dependente e tudo o mais que isso acarreta no que concerne à gama de problemas - dentre os quais situa-se o Brasil - destacando a exigência do compartilhamento democrático e dinâmico dos seus conteúdos culturais com a comunidade na qual atua. A responsabilidade maior - crê-se - repousa no sentido de serem aproveitados de modo substancial esses conteúdos o que exige orientação segura (BARROS, 1987, p.5). Seria, em acordo com o pensamento de FREIRE, o estabelecer de uma intimidade com os

textos lidos, intimidade esta entendida como apreensão, compreensão, enfim, comunhão entre autor e leitor mediado pelo texto, ocorrendo um enastrar das idéias contidas neste e no contexto de quem lê. Pensa-se ser esta a correta forma de prática do ato de ler para ter acesso à informação e ao conhecimento. Enfim, reconhecer a biblioteca enquanto instituição cultural e como tal promover a democratização da leitura.⁴

Contextualizando essa ação na biblioteca universitária, há que se acrescentar uma preocupação: em que pese a sua importância na consecução dos objetivos da universidade, essa não tem conseguido ocupar o espaço que lhe cabe - órgão atuante no processo ensino, pesquisa e extensão. Em parte, essa problemática firma suas raízes no ensino de 1º e 2º graus, com a carência de bibliotecários escolares, o que acarreta a não preparação do educando para seu devido uso - **“impedindo-lhe um amadurecimento intelectual”** e familiaridade com os materiais bibliográficos - principal ferramenta de que se utiliza o professor para concretizar o processo ensino/aprendizagem (BRUNETTI, 1987, p.1)

A inquietação com a atuação do biblioteário acadêmico avança, à medida em que se levanta a seguinte questão: como esse profissional pode ter voz e vez, exercer sua influência nas tomadas de decisão das altas esferas da universidade sem um preparo intelectual adequado que o habilite a uma participação dinâmica e o leve a cumprir o seu papel pedagógico-social?

Quando escolhe atuar na universidade o faz (crê-se) movido pelo gosto à vida acadêmica, por querer ser parte integrante do processo ensino/aprendizagem, por valorizar sobremaneira o papel da biblioteca na educação e na cultura, nessa instância do sistema educacional, bem como a responsabilidade de zelar para que seus usuários usufruam de forma efetiva dos seus materiais informacionais. Não que essa seja a única razão que o impulse para o exercício profissional no meio universitário.

O sistema de informação tem como um dos pilares, para sustentar a sua razão de ser, o seu grau de participação na vida

universitária e essa participação pode ser medida pela intensidade com que são utilizados os seus conteúdos informacionais o que pressupõe um acervo bibliográfico de forma diversificada, em quantidade suficiente e qualidade que atenda às demandas dos seus usuários. Por sua vez, isto depende de um fator vital, sem o que todos os esforços com modernização serão inócuos e o fantasma da subutilização far-se-á sempre presente: as condições de produção de leitura de bibliotecários e usuários. Sem uma clara compreensão das várias funções da leitura e dos fatores que intervêm nas condições adequadas de sua produção, não será possível um efetivo uso do sistema de informação.

Questões pertinentes à leitura vêm sendo estudadas com mais ênfase no Brasil a partir das décadas de 1970 e 1980, conforme comprova SMOLKA (1989, p.24); especificamente na Biblioteconomia é bem mais recente.⁵

No âmbito universitário, vêm sendo enfatizados por bibliotecários acadêmicos e escolares, em trabalhos em nível de Pós-Graduação - dissertações de mestrado e artigos de pesquisa, assim como estudos concernentes à educação de usuários, hábito de leitura entre alunos do terceiro grau e hábito de leitura entre bibliotecários acadêmicos.⁶

Como pôde-se constatar, trabalhos focalizando a leitura do bibliotecário acadêmico nos seus mais variados aspectos são por demais exíguos; os encontrados centram-se no incentivo à leitura, na necessidade de especialização na área, bem como demonstram a relevância dessa, para o exercício lúcido da cidadania e da profissão.

A importância de uma investigação é expressada por DEMO (1990, p.10) pela necessidade de construir caminhos. Entende-se construir no sentido de que qualquer incursão feita transcenda à ela mesma, constextualizando-a nos planos histórico, cultural, econômico, político e social, possibilitando, assim, sua adequada compreensão.

Uma maior ênfase no ensino e prática de leitura nos cursos de formação em Biblioteconomia torna-se de extrema relevância e

uma das saídas para ampliar o leque de cultura e conhecimento do bibliotecário, bem como torná-lo mais crítico e dinâmico com relação à sua prática profissional e à sua vida de cidadão.

O bibliotecário acadêmico tem uma grande responsabilidade diante de si. Essa responsabilidade é destacada com muita propriedade por WITTER (1989, p.25), ao afirmar:“(..)**aprender a ler e ler para entender**”: crê-se estar aqui bem explícita a condição para que o profissional possa ter uma influência benéfica, dir-se-ia quase decisiva para o êxito da formação acadêmica do usuário universitário: conscientizá-lo para o prazer, a compreensão e a importância do ato de ler, tanto na sua vida pessoal como em sociedade.

Vale transcrever a definição do que ASHEIM considera como sendo o papel do profissional bibliotecário, cujo teor consta de um documento da American Library Association, relativo à política oficial dessa instituição, intitulado, “**Educação Bibliotecária e Utilização do Pessoal**”:

“As tarefas profissionais do bibliotecário são aquelas que exigem um conhecimento e uma educação especial em bases onde se identifiquem as necessidades das bibliotecas, analisem-se problemas, estabeleçam-se objetivos e formulem-se para elas soluções criativas e originais, integrando a teoria à prática e planejando, organizando, comunicando e administrando programas eficientes de serviços para usuários do material e dos serviços da biblioteca. Ao definir serviços para usuários, o profissional reconhece usuários em potencial bem como usuários reais e projeta serviços que atinjam a todos que deles possam se beneficiar” (ASHEIM, 1979, p.50).

Explicita-se que os conceitos, as atitudes e as experiências são vistos não apenas como sofrendo influências - numa direção única - de “**realidades sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais**”, mas sob uma perspectiva dinâmica onde

esses elementos se movimentam construindo suas próprias contexturas sociais (SPINK, 1993, p.20)

RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE A LEITURA, A VIDA PROFISSIONAL E A DE CIDADÃ(O)

Para melhor situar este estudo, recorreu-se à **questão da relação entre a vida profissional e a de cidadão do bibliotecário acadêmico com respeito à leitura**. Esta questão foi pesquisada através de entrevistas pessoais, aplicadas a onze sujeitos/profissionais bibliotecários, representantes da região Sudeste e da região Nordeste, com a intenção de realizar-se um estudo comparativo com relação ao desempenho dos dois grupos.

Foram selecionados como sujeitos da amostra seis diretores/bibliotecários de três universidades paulistas(região Sudeste), sendo dois de cada uma delas. Da região Nordeste, foram escolhidos cinco diretores/bibliotecários, pertencentes a três bibliotecas universitárias da cidade de Fortaleza (Ceará).

As entrevistas pessoais foram gravadas e as respostas analisadas, objetivando-se defini-las em categorias de estudos. Assim que definidas, encetou-se a análise de cada uma delas, discutindo-se os resultados alcançados.

1. LEITURA/PROFISSÃO: COMPETÊNCIA TÉCNICA E CONSCIÊNCIA CRÍTICA

"Justamente é a capacidade, é a arma que dá prá você poder criticar; de você poder dizer 'isso eu aceito', 'isso eu não aceito'; justamente aquele conhecimento que te dá tanto do político, do quanto cultural. . . Eu acho que quando tenho espaço eu brigo pelos meus direitos (. . .) Eu acho

que a leitura te dá uma capacidade de conhecimento, de ser prática, de não se deixar manipular (...)”.

(Entrevista n.3 - SUDESTE)

O interlocutor, dentre outros sentidos que poderia atribuir à relação entre leitura/exercício profissional/cidadania, centrou seu raciocínio em torno da defesa do seu espaço enquanto ser político e parte de um grupo social. A noção de cidadania passa por essa esfera, mas não se restringe a ela.

Os saberes registrados, intermediados pela leitura, proporcionam a possibilidade da participação social. Porém, conceituar cidadania é difícil dadas as representações que a englobam, as quais nem sempre a retratam com precisão. Como exemplo, ora se conota como portadora de juízos valorativos quando confronta a vida social do indivíduo nos seus aspectos positivo e negativo - este considerado como a negação da cidadania, a marginalidade (FERREIRA, 1993, p.19).

Insere-se nessa ótica todo um sistema de idéias sociais, econômicas e políticas que se concretiza através do indivíduo enquanto partícipe do organismo social, cômico da civilidade. Portanto, a cidadania só se consubstancializa no e pelo homem (Idem). E como se dá tal concretude?

Responder a esta indagação, dentro do espírito desta análise, conduz a um ponto extremamente delicado, qual seja, as condições que realizam o **ser cidadão** numa sociedade de desiguais, outorga que o particulariza dentro do espaço público onde vive e quer se tornar pessoa.

Sendo particularizado presume-se, como fala FERREIRA, **“a existência da igualdade e da diferença, do mesmo e do outro. ...O outro só aparece quando o ‘este’ é identificado. O atributo da cidadania evidencia o não-cidadão, o marginal, aquele que não corresponde às referências adotadas** (Ibidem, p.20) [sim, porque existe um sistema prévio de referências para distingui-los]. Dialeticamente, esse sistema identifica o ‘este’ e o ‘não este’ (Ibidem).

Qual o por quê dessa discriminação? Dir-se-ia que a mesma evidencia-se de maneira diversa. Por que uns são considerados cidadãos e outros não?

Isto, em acordo ainda com FERREIRA, passa por uma **relação de poder** uma vez que estão bem delimitados os espaços de quem identifica e de quem é identificado; uns se incluem na ordem dos direitos e deveres, outros não. Esse poder de discriminação, comandado pelo Estado, faz nascerem os conflitos. Conflito decorrentes da luta pelo direito a essa instituição.

A questão da cidadania está, pois, estreitamente conectada à conquista de direitos e bens inalienáveis ao homem sem os quais não se pode falar que o mesmo é um cidadão. Como a maioria não tem acesso a eles, cidadania é mais uma expressão de retórica do que propriamente de

“um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos de atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência incluindo o mais abrangente, o papel do(s) homem(ns) no Universo” (COVRE, 1991, p.11)

O contexto sócio-econômico, político e cultural de uma formação social, constitui-se, pois no eixo sob o qual funda-se o estabelecimento da cidadania. Se esse eixo não estiver sob bases firmes, se apenas uma parcela da sociedade tiver atendida as suas necessidades existenciais e espirituais então essa sociedade precisa repensar e pôr em prática,

“um novo sentimento de solidariedade (..) favorecendo] a emergência da figura do cidadão empenhado na defesa de valores comuns a todos os homens, numa luta que não [comporte] discriminações, exceto em defesa da própria liberdade” (FURTADO, 1992, p.9).

A acumulação sobrepondo-se a tudo numa sociedade dominada pela lógica dos meios, não pode continuar prevalecendo. Assumir os próprios determinantes históricos direcionando-os para o

“bem estar social, [o] exercício da liberdade e da cooperação entre [todos]” é a saída para uma cidadania consciente assegurando, assim, a justiça social, o equilíbrio coletivo (Idem, p.76).

Estas colocações forçosamente conduzem a uma vertente à qual reputa-se como imprescindível à passagem de não-cidadania para a cidadania: a Educação.

Educação como meio de elevar o homem, de fazê-lo participar de ações políticas capacitando-o de não só a viver, mas de conquistar a sua existência. O conhecer-se e assumir-se pressupõe uma tomada de consciência, o que por sua vez, tem no acesso a educação um modo essencial de concretizar-se.

Quando o interlocutor n.8 fala que

“Como profissional é nos livros que eu vou encontrar toda a informação mais moderna que existe no sentido de melhorar a minha atitude profissional diante do usuário. (...) Através dessas leituras é que eu vou melhorando intelectualmente para (...) dar o melhor que eu tiver aos usuários”,

Capta-se como um dos sentidos-chave da sua fala, o **educar-se para educar**, tendo no livro o instrumento de que se faz uso para conduzi-lo a uma maior conscientização e a um melhor exercício do seu papel social na qualidade de profissional da informação.

Como frisa GERALDI,

“Numa sociedade que se quer construir ‘democrática’ o direito de acesso à cultura historicamente produzida passa pelo problema da leitura(. . .) [bem como] é impossível a formação da cidadania quando se recusam ao cidadão os meios de sobrevivência que, numa sociedade como a nossa, inclui o direito à leitura” (GERALDI, 1991, p.197).

Direito este que é negado a tantos, por quanto uma mente esclarecida **“amplia suas possibilidades de construção de cate-**

gorias de compreensão do mundo” (Idem), como afirma o mesmo autor e se torna um perigo em potencial para os detentores das esferas de decisão e, por conseguinte, de dominação.

Desse modo, pode-se dizer que essa afirmação também está implícita na fala do interlocutor n.11:

“Como cidadã, a leitura em cada aspecto vai me ensinando a viver e a conviver. A viver, dentro de um melhor nível de vida, de conhecimento, vamos dizer assim: primeiro, eu amo aquilo que eu conheço (...) através da leitura eu vou aprendendo a amar, a conhecer o ambiente onde eu estou (...) e fazendo com que ele cresça através de mim”.

Exercer a profissionalização de forma consciente é agir; **“...é, portanto, um modo de existência no sentido forte do termo(...) É na ação que o indivíduo existe enquanto indivíduo humano”** (CANIVEZ, 1991, p.139).

“Eu tenho um papel de educadora, eu interferindo com a minha experiência eu posso ajudar melhor, não só na parte cultural, mas na social. (. . .) A nossa vida é um contexto político. Eu acho que aí você pode se posicionar com relação a alguma coisa, vamos dizer: politicamente, o nosso país, que não está indo bem, você sabe porquê, para onde vai. . . como melhorar, questionar o certo e o errado, eu penso assim, eu posso interferir nessa situação [. . .] Se, politicamente eu conheço, eu posso opinar, se não, [. . .] eu digo que está bom, que tudo está bem. . .”

(Entrevista n.8 - NORDESTE)

O bibliotecário acadêmico, como expôs o interlocutor acima, tem uma responsabilidade perante o usuário. De sua postura profissional depende, em grande parte, o êxito da sua atuação e o crescimento do leitor, que o procura para que satisfaça seus anseios e carências informacionais, e para que essa informação haja em seu intelecto como um elemento catalisador e transforme-se em conheci-

mento que possa ser transmutado em práxis libertadora não só no plano pessoal, mas coletivo.

2. LEITURA/CIDADANIA: CONCEITO ESVAZIADO DA RELAÇÃO

"(...) eu não procuro, assim fora do trabalho, a não ser ler algumas revista, mas eu não tenho aquele vício (...) de ler... então isso, sei lá... como cidadã é um pouco falha..."

(Entrevista n.1 - SUDESTE)

Se o leitor vem acompanhado atentamente o que dizem os discursos e as análises empreendidas, remetendo-se ao discurso do sujeito n.1, de imediato compreenderá porque este interlocutor emitiu um conceito esvaziado da relação leitura/cidadania, não chegando associá-lo ao exercício da profissão.

Observando-se sua fala anterior tem-se um perfil do mesmo, como não leitor, e entende-se porque o elo sugerido não foi estabelecido; uma das razões como o próprio interlocutor admitiu foi a sua distância da leitura, assim entendida: leitura da realidade cotidiana e leitura da imprensa. A noção de cidadania só pode ser bem compreendida se dentre as possibilidades de a pessoa constituir-se enquanto cidadão, situar-se também a leitura. Os processos interlocutivos de que se participa e age através deles respondem pela forma de ser do indivíduo - **"encontro entre sujeitos (. . .), [prática bem mais] complexa do que um simples exercício de preencher espaços brancos de uma lição de casa** (GERALDI, 1991, p.198). Complexa e ao mesmo tempo esclarecedora como pontuou o sujeito n.5 ao relacionar a tríade.

3. LEITURA/CIDADANIA/PROFISSÃO: VISÃO AMPLA DO MUNDO E FATOR DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Uma outra idéia dessa relação, levando a refletir sobre o seguinte: o conceito de cidadania reivindica para si vários modos de compreensão.

O interlocutor n.5 estabeleceu a relação como uma possibilidade de ser alargada a sua concepção de mundo quando diz:

“Eu acho que a leitura é uma forma de você se libertar de muitas coisas que te prendem, assim: diminuem sua visão num contexto social, mesmo num momento histórico. (...) o que você pode visualizar através da leitura, (...) pode aproveitar isso para ter um maior crescimento intelectual como a nível de civilização mesmo (...) muitos conceitos já não são passados para você aleatoriamente (...) você tem como argumentar (...) comparar certos conceitos e ver o que realmente acontece até onde pode chegar uma verdade (...) e decidir muito melhor sobre sua vida e tudo o que acontece. Quando se tem o poder de decidir alguma coisa também tem de transformar essa coisa”.

(Entrevista n.5 - SUDESTE)

o mesmo pensamento pode ser percebido no que expressa o interlocutor n.11:

“Ah! Eu não acho primordial para os dois aspectos: profissional e de cidadã. Como profissional porque esta é uma forma de eu me reciclar, adquirir conhecimentos novos, de ver o mundo de uma maneira mais geral, mais global e também não me fechar só para o lado da profissão; a gente tem que adquirir conhecimento. Como cidadã, é fundamental; quem não lê é como quem não vê e não ouve. Ela ajuda na transformação da gente de modo que se possa atuar e ajudar a transformar o meio em que a gente vive”.

(Entrevista n.11 - NORDESTE)

O sujeito resume bem o seu pensamento ao abordar a relação leitura/profissão/cidadania: **ajudar a transformar o meio em que a gente vive**. Não é outra, senão essa a missão do profissional bibliotecário - atuar socialmente no meio dessa concretude que ele vivencia; o ambiente social num sentido mais abrangente e o universitário, de modo particular; nessa ambiência dar uma nova interpre-

tação dos papéis e funções da biblioteca universitária, encetando a ação nessa totalidade circundante.

No momento em que a biblioteca abrir espaço para troca de experiência, integrar-se à comunidade gerando discussão sobre temas do seu interesse (VERGUEIRO, 1988, p.213), neste caso, a acadêmica, estará acenando para essa tão desejada transformação que no fundo significa liberdade responsável, conquista de direitos, consciência dos deveres a serem cumpridos, da relação de iguais, que pelo menos em parte, pode existir, ser real.

Outro recorte interessante do seu discurso refere-se à ligação entre cidadania e a metáfora empregada, a qual por analogia, compara quem não lê a um deficiente físico (auditivo e visual). Faz muito sentido o que diz o sujeito. Quando não se tem a capacidade de **enxergar e ouvir**, de saber discutir, escolher o próprio caminho, enfim avocar a si a responsabilidade da sua própria vida, é como diz o falante: **não vê e não ouve**.

A leitura por si só não reivindica para si toda essa potencialidade, porém impede **"a naturalidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores"** (FREIRE, 1992, p.19).

Diz mais o interlocutor: "leitura, não só de assuntos específicos de profissão, faz ver o mundo de maneira mais global não se fechando só para o lado da profissão".

É certo que entre as responsabilidades do bibliotecário acadêmico está, a de dominar bem o conhecimento de sua área, exercer com competência e dignidade o seu fazer profissional, mas valendo-se mais uma vez de FREIRE, é preciso estar-se atento para o que ele fala:

"O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialismos estreitos". (Idem, p.21)

É, realmente há que se estar alerta para os **especialismos estreitos** para o exagero das técnicas que perpassam a formação e

a prática do bibliotecário, muitas vezes fazendo-o relegar a sua função social em detrimento da perfeição das técnicas de organização da biblioteca e dos materiais bibliográficos.

4. LEITURA/CIDADANIA: NEM SEMPRE TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL, MAS POSSIBILIDADE DE MANIPULAÇÃO

“É muito complicada essa relação porque eu peso muito, sou muito crítica; quer dizer, eu sou crítica em relação à leitura por causa dessa formação que eu tenho”.

(Entrevista n.4 - SUDESTE)

Embora o interlocutor n.4 não tenha atinado para o fato de que a leitura teve influência na sua vida tanto por parte da família, como da escola (3º grau), as suas falas disseram o contrário, senão veja-se:

“Essa formação crítica é mais familiar e não em vista da leitura (...) A leitura tem contribuído para eu ser crítica, mas não é uma coisa decisiva e não tem tanta influência...”

A relação familiar vivenciada pelo interlocutor n.4, parece ter-se dado dentro de um processo de interlocução intenso, redundando em uma leitura, também intensa da realidade valendo-lhe essa formação crítica que enfatizou. É neste espaço discursivo **“que o homem se mostra capaz de ampliar a compreensão, elevando-a ao nível da explicação, onde estão presentes o ouvir e o calar”**⁷; é na relação dialógica que se erguem as relações sociais (FERREIRA, 1993, p.17). Relações feitas de sentidos e significações.

No sistema de significados familiar o sujeito pode compreender e interpretar as primeiras concepções de mundo, abrangendo a internalização de valores, o desenvolvimento do senso crítico, crenças e tudo o mais que compõe esse universo.

Como segunda influência mais forte tem-se a presença específica de uma professora de Literatura de quem o sujeito falou com muito entusiasmo e admiração.

Levanta-se a indagação: como a leitura não teve tanta influência na sua vida, segundo colocou?

As suas afirmações dizem o contrário. Houve participação da família e da escola (3º grau), sim, tanto no que concerne à compreensão do mundo de significados circundantes como com relação ao mediatizado pela palavra escrita.

Com visão crítica fala de leitura no atual momento brasileiro, deixando passar uma certa decepção com os conteúdos que são divulgados para o público, na sua maioria ingênuo e que se deixa levar pelo que é largamente veiculado tanto em livros, como jornais e televisão:

"(...) prá esse lance da vida em si, eu acho meio (...) não se acrescenta muito... principalmente o que acontece na atualidade... É tudo tão mentira, você sabe que as coisas não são reais; tudo é passado de uma forma mentirosa, a não ser na área científica..."

(Entrevista n.4 - SUDESTE)

Concorda-se com o sujeito quando diz que nem sempre há possibilidade de transformação individual através da leitura e sim possibilidade de manipulação, tratando-se principalmente de pessoas que não tiveram acesso à educação.

Nesse ponto, diz o falante: **"a leitura é um risco muito grande"**. Tanto pode ser um bem como pode ser um mal se prevalece a falta de discernimento de quem ler por falta de repertórios críticos prévios com os quais possa confrontar cada novo texto que tiver nas mãos. Principalmente se partem, como colocado anteriormente, dos vários canais da mídia, que exercem um verdadeiro domínio junto as mentes ingênuas. Dessa forma não há possibilidade de conquista da cidadania. **Aos dominadores, exploradores ou opressores interessa que as classes subalternas não percebam e nem expliquem as estruturas sociais vigentes e o regime de privilégios"** (SILVA, 1993, p.12).

Isto é muito nítido no Brasil de hoje, é o próprio interlocutor n.4 quem adverte:

"(...) atualmente, no nível da política, os 'caras' lançam uma coisa prá dispersar tua atenção enquanto você está com um problema".

O cerne do problema reside nisto: falta de compreensão crítica desses discursos que são veiculados sem nenhum empenho no sentido de educar, de formar o cidadão.

A propósito de leitura alienante assim se refere GADOTTI: **"A leitura alienante seria (. . .) aquela leitura que não se distancia do texto, mas é por ele doutrinada, catequizada, manipulada, (. . .) pode ser chamada de leitura ingênua, portanto, superficial. Aqui, o leitor se entrega ao autor em vez de dialogar com ele, numa visão mágica da palavra escrita "(. . .) [Essa leitura conduz] o leitor a uma falsa compreensão da realidade, isto é, encobrem o contexto, (sic) a prática"** (GADOTTI, 1992, p.93)

Contudo, tendo os textos natureza polissêmica, a ambigüidade está sempre presente neles; isso independe da intenção dos autores ao produzi-los, podendo-se inferir com LAJOLO, que **"mesmo com um texto ruim, pode-se fazer um bom trabalho"** (LAJOLO, 1985, p.55).

Essa possibilidade demanda de uma participação ativa do leitor o qual tem a capacidade de dominar essa ambigüidade, parte integrante de qualquer texto (Idem).

Portanto, esse receio do interlocutor, mesmo tendo razão de ser, pode ter o seu lado positivo. Depende muito de uma orientação esclarecedora e dessa empresa o bibliotecário como um profissional de leitura pode participar, ajudar a esclarecer os que ainda não tem acesso ao conhecimento crítico.

5. LEITURA/CIDADANIA: PRÁTICA DE VIVÊNCIA E CONVIVÊNCIA

“Justamente é a capacidade, é a arma que dá prá você criticar; de você poder dizer: ‘eu aceito, eu não aceito’ (...). Quando tenho uma posição ninguém me convence fácil. (...) Posso até ouvir... Eu acho que a leitura dá uma capacidade de conhecimento de ser prática de não se deixar manipular...”

(Entrevista n.9 - NORDESTE)

“Como profissional, é o conhecimento, é o aprender, é o transmitir. É aprimorar meu conhecimento para depois eu trabalhar melhor. Como cidadã, é a minha própria experiência de vida, de convivência, assim: um relacionamento entre mim e os outros. Me faz entender melhor o que se passa no mundo”.

(Entrevista n.9 - NORDESTE)

Viver e conviver, como frisa o interlocutor n.9, além de ser uma arte é **“o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo”** sem que o **“ensino da leitura e da escrita” [é um ato] científica, política e pedagogicamente capenga** (FREIRE, 1992, p.79).

Tendo como esteio essa reflexão, detém-se num ponto que se reputa como básico para o exercício da cidadania: estar preparado para exercê-la. Os poderes constituídos, os intelectuais e educadores nos momentos de abertura, preconizam como necessidade maior, educar para cidadania.

Só que há condicionantes na sociedade capitalista que direcionam e limitam essa ação, considerando a cidadania, a liberdade e a educação indissociáveis da propriedade e da defesa do mercado, vindo a educação como algo secundário, formação mínima, apenas o essencial para fazer do trabalhador um cidadão passivo. Comportamento perfeitamente compreensível quando se trata daqueles que cuidam de defender interesses pessoais dando a impressão que a igualdade de direitos é igual para todos. Esclarecendo-se melhor: os que dominam não tem direitos e sim privilégios.

No discurso oficial educar para cidadania, não deixa margens a dúvidas. **“Todos são iguais perante a lei”**, ou melhor, a letra da lei: **“[Há] formas sinuosas e sutis [como diz ARROYO] de defender a vinculação da educação à cidadania, como pré-condição para a participação mas que vem agindo em sentido contrário,, isto é, a ação dá-se no plano da exclusão da cidadania** (BUFFA, 1987, p.39), quando materializa-se essa na negação dos direitos essenciais a uma vida com decência e respeito pela pessoa humana.

Educar com vistas à cidadania entende-se o desenvolvimento do homem dentro de **“um processo global (...) da [sua] capacidade física, intelectual e moral (...) visando à sua melhor integração individual e social, o que pressupõe, de imediato, o acesso à informação”** (TARGINO, 1987, p.155).

Todavia o acesso à informação, como um direito social, só pode ser compreendida no âmbito da leitura. Através desta é que se alcança a primeira podendo-se transmutá-la em conhecimento e ações concretas para efetivas transformações no seio social.

Cabe, então, sobremaneira ao bibliotecário administrar essa informação, não apenas fazendo-a chegar ao usuário mas consciente da sua função de educador, **“[acentuar] o escopo cultural da mesma, [qual seja] as significações e o universo relacional no qual os dados, enquanto elemento primeiro das informações, efetuem suas transações e transições”**. (Idem, p.157).

6. LEITURA: PRÁTICA DO APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

“É um enriquecimento cultural. Quanto mais eu leio sobre a minha profissão, mais eu estou me atualizando, mais eu estou tendo condições de colaborar (...)

(Entrevista n.6 - SUDESTE)

“Como profissional eu tento sempre estar lendo alguma coisa da minha área; normalmente eu me prendo à leitura, dentro de uma visão geral de Biblioteconomia do que está acontecendo, dos avanços [na área] e me detenho naquilo que eu estou realizando, no que estou trabalhando. Houve uma época em que eu estava trabalhando com planejamento, vim para cá e hoje o meu tipo de leitura é outro. Estou sempre tentando ler algo sobre referência - atendimento ao usuário. De vez em quando participo de congressos, tento me atualizar um pouco. A leitura especificamente, eu procuro ler sobre ‘hábito de leitura’, mas é só. Como eu quero me atualizar com outros assuntos eu leio até meia-noite uma coisa que me interessa, p.ex.: revista Veja, jornal...”

(Entrevista n.10 - NORDESTE)

A leitura para a maioria dos interlocutores está intimamente vinculada à prática do aprimoramento profissional. Que o bibliotecário acadêmico tenha esse zelo, essa consciência de que é preciso estar atualizado com o conhecimento da sua área é perfeitamente compreensível. No entanto, sentiu-se falta de um engajamento mais efetivo com o maior de todos os objetivos, pelos quais ele mantém em dia esse conhecimento: o de ser elo de ligação entre esse conhecimento e o usuário agindo como difusor, como democratizador dessa informação.

O cuidado maior centra-se em realizar um trabalho bem feito, uma organização documental impecável, portanto um fazer ainda muito arraigado às tendências tecnicistas da profissão. A crítica recai apenas sob os excessos cometidos e que tem custado ao bibliotecário às vezes, injustamente, conceitos que depõem contra si e a profissão.

Se a leitura técnica ocupa um lugar de tanto destaque na vida profissional do bibliotecário, como se explica que na universidade não seja incentivada a leitura entre universitários, de forma sistemática? Que se constitua numa outra atividade da Biblioteca Universitária,

tendo-se em vista que as condições de acesso e produção da leitura na sociedade brasileira e que na visão de BRUNETTI, **“com a quase total ausência de bibliotecas escolares no país apresentam um sistema educacional que não possibilita ao aluno uma atitude independente visando a um amadurecimento intelectual enquanto leitor”** (BRUNETTI, 1983, p.1).

“O ato de ler foi de tal forma se afastando de prática individual que a tarefa que hoje se solicita de profissionais da leitura, como professores, bibliotecários e animadores culturais, é exorcizarem o risco da alienação, muito embora eles possam acabar constituindo um elo a mais na longa e agora inevitável cadeia de mediadores que se interpõem entre o leitor e o significado do texto” (LAJOLO, 1985, p.105).

Que este pensamento sirva de subsídio para uma reflexão mais intensa por parte dos bibliotecários acadêmicos, no sentido de repensar o seu cotidiano profissional. Incentivar a leitura, envolver-se com ela; formar leitores demanda a familiaridade com a maior diversidade de textos possível e não apenas com literatura específica da profissão.

7. LEITURA/PROFISSÃO/INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO: A PRÁTICA DA CIDADANIA

A cidadania só existe na medida em que existe a **“prática de reivindicação, da apropriação de espaços, da pugna para fazer valer os direitos do cidadão”** (COVRE, 1991, p.19).

Para que essa prática seja um fato concreto no cotidiano das pessoas há necessidade de que elas tenham consciência da garantia dos direitos inerentes a elas. Mas como expressa o interlocutor n.2, no Brasil **é um problema sério**. Primeiro, porque nas nações de regimes tradicionalmente autoritários, dentre os quais o Brasil (duas décadas de regime tecnocrata-militar) a prática da anticidadania foi exacerbada na forma do cerceamento das liberdades individuais e

coletivas indo ao absurdo do emprego da tirania para fazer calar as vozes dos que se levantaram contra essa violência dos direitos humanos (Idem, p.12).

Continua o interlocutor:

Veja bem! Entramos numa parte em que não interessa para países abaixo da linha do equador que a pessoa seja bem informada, que saiba ler bem, não interessa nada disso 'prá eles'. Os países da América Latina, inclusive o Brasil sempre foram ditaduras militares; certo? Sempre o autoritarismo. (...) Então nunca interessa prá governo nenhum, prá ninguém que isso daí fosse uma coisa cultural. Não há interesse porque a gente sabe que a pessoa bem informada, bem esclarecida, vai reivindicar seus direitos vai exigir... (...).

A questão da informação disseminada conscientemente é vital para que os cidadãos tenham **armas** para fazer valer os seus direitos, tanto no plano civil, social como político. Nenhum desses três pode vir em separado. A conquista e manutenção de um sempre pressupõe a do outro.

Para que a informação seja uma força de libertação e não de dominação como vem sendo, há a necessidade de educação.

Como coloca JOSÉ FILHO,

“... o processo educativo [colocou-se] como uma dimensão necessária e indispensável da atividade organizativa das camadas populares que lhes permitia a participação em todos os níveis da sociedade, como agentes e sujeitos capazes de intervir e realizar a construção da história (JOSÉ FILHO, 1992, p.30).

Reporta-se novamente à questão do compromisso social do profissional de que fala Paulo Freire, para que melhor possa ser compreendido qual o papel que cada um pode e tem a responsabilidade de exercer na sociedade:

“Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta a minha responsabilidade com os homens. Não posso, por isso mesmo, burocratizar meu compromisso de profissional servindo, numa inversão dolosa de valores mais ao meios que aos fins do homem (FREIRE, 1992, p.20).

Não é fácil ser um agente de transformação social, mas também não é impossível.

Na opinião do interlocutor n. 2,

“O papel do bibliotecário, por um lado é muito restrito mas ele tem muito a fazer pelo seu usuário. Se ele trabalhar numa biblioteca especializada, chegar prá ele e falar: olha o que está escrito não é assim, está implícito. Mas para isso você tem que ler. De repente, fazer isso que eu faço exige”.

A participação do bibliotecário está bem delineada nesse discurso do sujeito n.2. Considerando as limitações impostas pela própria formação profissional e até mesmo as integrantes do próprio ambiente de trabalho tem-se que transpor barreiras e, assim, ser possível orientar, exercer o papel de educador, informado e ao mesmo tempo, formado.

A leitura oferece uma pluralidade de opções nesse âmbito. Entretanto, para um trabalho vivo, de conseqüências duradouras, o comprometimento e a capacitação do bibliotecário são fundamentais. Um outro ponto de vista acerca da relação leitura/profissão/cidadania, vem do interlocutor n.10, que o coloca nos seguintes termos:

“(...) Eu não posso ser crítica com relação ao que acontece no mundo se apenas assisto um jornal numa televisão ou no rádio. Eu tenho que ler mais, me aprofundar. Eu leio sobre política no jornal ou livro. Isso torna a pessoa mais consciente; consciência, você só tem na medida em que

realmente você lê e se aprofunda em alguma coisa, senão eu não tenho opinião própria; eu vou seguir o que os outros dizem, à maneira deles. Eu vou ter que ler para poder comparar as coisas: fulano é de uma certa linha o que ele diz, ou outro, eu leio e formo um conceito. Assim, posso ajudar a transformar o que me cerca. É através da consciência do seu papel que você se torna um agente de transformação”.

(Entrevista n.10 - NORDESTE)

O conhecimento do funcionamento das instituições, do sistema jurídico e de tudo o mais que engloba a possibilidade de bem se orientar na vida social, tem na informação, via leitura, um dos seus instrumentos mais eficazes. E é por isso que se insiste tanto no fator educação para formar cidadão.

Para concluir, uma reflexão que dá uma dimensão bem precisa do exercício da cidadania no Brasil:

“A verdadeira democracia, aquela que implica o total respeito aos Direitos Humanos, está ainda bastante longe no Brasil. Ela existe apenas no papel. O cidadão brasileiro na realidade usufrui de uma cidadania aparente, de uma cidadania de papel. Existem em nosso país milhões de cidadãos de papel” (DIMENSTEIN, 1993, p.3).

Resta saber se no cotidiano o profissional bibliotecário vem procurando realizar atividades consoante com as representações de leitura expressas no corpo deste trabalho e que ao mesmo tempo traduzam na prática o seu comprometimento político e social no processo interlocutivo que envolve a informação e o usuário.

NOTAS

(1) Pode-se mencionar, além da área de leitura, estudos que se encontram em estado incipiente, como o caso dos estudos vinculados à Administra-

ção. OLIVEIRA (1993) desenvolveu pesquisa sobre “Avaliação do Planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras”, tendo a Autora que recorrer, praticamente, à leitura estrangeira para realização do seu trabalho.

- (2) ENTREVISTA com Rubens Borba de Moraes, manuscrito, p.3
- (3) Expressão emprestada de Simon Schwartzman em citação deste Autor por SOUZA, Francisco das Chagas, op. Cit., p.94.
- (4) MELO apud SOUZA, op. Cit., p. 94, acentua crítica nesse sentido e diz mais: A biblioteca “tem sido um espaço burocrático, onde se guardam livros, e onde trabalham profissionais hoje de nível elevado, mas que perdem de perspectiva a finalidade educativa a que se destinam”.
- (5) Esses estudos destacaram-se, sobremaneira, pelo fato de se constituírem em relevantes contribuições para a área de leitura focalizando-a como um processo ativo [cuja abrangência vai desde a] decodificação, (. . .) busca e extração de informações de um texto, [à] reconstrução de sentido [e] de compreensão.

Como exemplos dessas investigações, citam-se os trabalhos de (GIBSON & LEVIN, 1975; GOODMAN, 1976; GOODMAN & NILES, 1970; SMITH 1973; FOUCAMBERT 1976; LENTIN, 1978; SILVA, 1981; KATO, 1985). Estes são estudos que contestaram os anteriores os quais privilegiavam tão somente as habilidades perceptivas e motoras, conforme destaca SMOLKA.

Pode-se mencionar também, como decisivo para o avanço das pesquisas em leitura no Brasil, no campo da Biblioteconomia, a inclusão no Mestrado em Biblioteconomia da PUC-Campinas, uma linha de pesquisa em leitura, o único no Brasil a contar com essa linha de pesquisa.

- (6) BRUNETTI, (1983); KRAMER 1991); CARELLI (1992); KLEIMAN (1989); TARGINO (1993); LOPES, RIBEIRO (1991) - são trabalhos realizados na disciplina Metodologia de Pesquisa Científica, sob a orientação da Prof^a Dra. Geraldina Porto Witter, no curso de Mestrado da PUC-Campinas; SILVA E., coord. (1991) - pesquisa desenvolvida durante o curso de disciplina Processos de Leitura, sob a orientação do Prof^o Dr. Ezequiel Theodoro da Silva, também no curso de Mestrado da PUC-Campinas - não publicados.
- (7) O próprio tom de voz, os gestos do interlocutor transmitiram esse sentido para a pesquisadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHEIM, Lester. O estudo da Biblioteconomia comparada. **Cad. Bibliotecon.**, Recife, v.12, p. 49-62, jun.1979
- BARROS, Maria Helena T. C. **Presença de elementos pedagógicos nos serviços Biblioteconômicos**. Campinas: PUC-Campinas, 1987. 245p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia, PUC-Campinas, 1987.
- BRUNETTI, Maria Isabel Santoro. **Proposta de uma metodologia para integrar os programas de educação de usuários aos objetivos educacionais da Universidade**. Campinas: PUC-Campinas, 1983. 143p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia, PUC-Campinas, 1983.
- BUFFA, Ester et al. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1987. 93p.
- CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991. 241p.
- COVRE, Maria de Lourdes N.. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1991. 78p.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa; princípio educativo e científico**. São Paulo: Cortez, 1990. 120p.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**. São Paulo: Ática, 1993. 157p.
- FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania; uma questão para a educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 246p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança; um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245p.
- FURTADO, Celso. **Brasil; a construção interrompida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 87p.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Compromisso**. 4.ed. Campinas: Papirus, 1992. 171p.
- GERALDI, João Wanderley. Ainda e sempre leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL-COLE, 8., Campinas, 1991. **Anais**. Campinas, ALB/UNICAMP, 1991. 243p.
- JOSÉ FILHO, Mário. **Participação social na educação; desafios à cidadania**. Campinas. PUC-Campinas, 1992. 82p. Dissertação

- (Mestrado em Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação, 1992.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 230p.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 164p.
- LEME, Paschoal. Memórias. In: GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993. 319p.
- MARTINS, Myriam Gusmão de. A biblioteca como instrumento de ação cultural, debate à comunicação de Victor Flusser. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, João Pessoa, 1982. "**Anais**". João Pessoa: APBPB, 1982, v.2.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: 4.ed. Papirus: 1993. 115p.
- SMOLKA, Ana Luiz B. A. et. al. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. 69p.
- SOUZA, Francisco das Chagas. A construção do bibliotecário brasileiro: ontem, hoje, amanhã. **Ci. Inf.**, v.20, n.2, p.181-190, jul./dez. 1991.
- SPINK, Mary Jane,(coord.) **O conhecimento no cotidiano; as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993. 311p.
- TARGINO, Maria das Graças. Acesso ao Texto - alternativas metodológicas; o caso da biblioteca. **Leitura: Teoria e Prática**, v.6, n.10, p.11-13, dez. 1987.
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro S. Bibliotecário e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo. **R. Bibliotecon. Brasília**, v.16, n.2, p.207-215, jul./dez. 1988.
- WITTER, Geraldina Porto. Aspectos psicológicos no relacionamento bibliotecário e usuário. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 15, n.1, p.33-7, jan./jun. 1989.

ARTIGOS

UM REPENSAR PARA OS BANCOS DE DADOS DE C&T COMO SUPORTE À DECISÃO

Rejane Gontow*

rgontow@sigmabbs.com.br

RESUMO

Os bancos de dados, voltados para o atendimento do setor produtivo, precisam ser repensados. O foco deve passar a ser centrado na busca de uma efetiva transferência de informação tecnológica. Faz-se necessário, mais do que nunca, criar condições para a elaboração de pacotes de "ofertas tecnológicas", através da análise do conteúdo da informação disponível e da identificação dos resultados passíveis de transferência.

PALAVRAS-CHAVE: Bancos de Dados; Informação Tecnológica; Gestão de Informação; Ofertas Tecnológicas.

O advento de novas tecnologias de informação tem mudado, consideravelmente, o peso relativo das publicações impressas em relação aos outros suportes de informação, no que diz respeito ao processo global de difusão dos conhecimentos^{1,2}.

A Internet vive hoje um crescimento exponencial em número de redes, *hosts* e de volume de tráfego distribuídos em quase todos os países e o número estimado de usuários para o ano 2000 varia entre 200 milhões e 1 bilhão^{3,4}. Está presente e acessível em toda

(*) Consultora.

a parte, especialmente entre professores e pesquisadores, permitindo acesso a uma gama de informações e serviços tendo, como consequência direta de sua estrutura informal, estimulando **uma cultura colaborativa sem precedentes**. Ferramentas como correio eletrônico, listas de discussão e conferências vêm promovendo a integração de indivíduos, independentemente de suas instituições ou países, de forma muito rápida e eficiente. Hoje até não faz mais sentido falar em desenvolvimento de coleções, mas sim, em administração da demanda, e o tema *ownership versus access* já nem é pauta de discussão. A decisão é, sem dúvida, pelo acesso^{5,6}.

Muito embora sejam essas as tendências do mundo acadêmico pode-se constatar que os atuais sistemas de informação continuam incompatíveis com a multiplicidade das demandas e têm sido pouco eficazes na transferência de conhecimento e na contribuição para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Isso porque, muito provavelmente, são planejados a partir de critérios objetivados pelo sistema, deixando de levar em consideração, para seu delineamento, de inúmeros elementos, entre eles **destino, usuário, demanda e utilização da informação**.⁷

As bases de dados passam a ter um maior potencial, com uma efetiva gestão da informação, e a Internet vem ajudando a torná-las mais disponíveis na medida em que permite o acesso *on-line* e a troca via rede, em detrimento aos sistemas *off-line*. Além disso, **os documentos armazenados em forma digital podem agregar mais valor à informação** ao incluírem imagens, áudio, entre outros elementos e o custo da distribuição ser extremamente mais barata.

Entre as vantagens que as bases de dados apresentam pode-se ressaltar:

- a possibilidade de realização de buscas eletrônicas combinadas com sistemas de análise e modelagem, onde a comparação dos dados pode ser mais complexa e multiconceitual; e
- a possibilidade de expandir, especificar ou modificar totalmente a estratégia, de acordo com os resultados obtidos.

É preciso, no entanto, reconhecer que a informação não só é de difícil delimitação, como também apresenta um alto grau de dispersão, um alto grau de inter e multidisciplinaridade e uma imprevisibilidade no seu uso.⁸ O que vem reforçar a proposição de um repensar sobre as metodologias que hoje norteiam quaisquer estruturas e mecanismos de produção e difusão da informação.

Existe uma tendência nacional de se produzir bases de dados de natureza bibliográfica o que vem dificultando, em muito, a gerência da informação. Por se restringirem tão somente à identificação do documento, dificultam o atendimento às necessidades da demanda de informação, de acordo com as exigências cada vez mais qualitativas por parte do mercado.

Considera-se, para tanto, fundamental:

- Organizar e disponibilizar as informações geradas pelas Instituições de Pesquisa brasileiras de modo a permitir o acesso global ao conhecimento científico e tecnológico; e
- Organizar o conhecimento existente de modo a dotá-lo de valor de uso e troca, assegurando que os resultados gerados pela pesquisa tenham utilidade efetiva para a sociedade.

Sugere-se, então, o desenvolvimento de uma metodologia para elaboração de uma base de dados voltada para o atendimento da atividade produtiva, com alto valor agregado na medida em que se propuser a disponibilizar o **resumo**, as **referências bibliográficas** e o **texto em sua íntegra**, incluindo, no detalhamento de suas diversas etapas, **os passos** a serem seguidos por uma **equipe multidisciplinar na análise do conteúdo da informação**.

Com toda a certeza, ter-se-á que levar em consideração as implicações legais relacionadas com a distribuição eletrônica de aplicações multimídia, contendo obras intelectuais protegidas. No entanto, Gandelman⁹ (1997) nos encoraja a procurar uma evolução nesse campo quando nos afirma que o próprio desenvolvimento tecnológico irá auxiliar os **autores, produtores e distribuidores** a encontrar as soluções **técnicas, jurídicas e administrativas** neces-

sárias para promover a elaboração, a produção e a distribuição da propriedade intelectual nesta era digital.

Afinal, o impacto da tecnologia digital sobre o *copyright* é um assunto muito recente e complexo e ainda não apresenta uma legislação própria nem uma jurisprudência firmada.^{10,11}

NEGROPONTE¹², um dos fundadores do Media Lab, o laboratório de multimeios do MIT (Massachusetts Institute of Technology), é ainda mais radical, e nos dá mais estímulo na busca de novos caminhos para a organização da informação, quando conclui que “a lei do direito autoral está totalmente ultrapassada. Trata-se de um artefato gutenberiano. Como se trata de um processo reativo, é provável que sucumba inteiramente, antes que se possa corrigi-la.”

O acesso a outros níveis mais específicos dos documentos gerados pelas instituições de pesquisa brasileiras deverá permitir uma **análise mais conclusiva dos dados disponíveis**, a **identificação dos resultados passíveis de transferência** e a recuperação, nos próprios documentos, de inúmeros **indicadores de novas demandas de pesquisa**^{13,14}, tendo-se como instrumento as novas técnicas gerenciais de análise de informações¹⁵.

A organização e a difusão do conhecimento tecnológico poderá, então, ser mais eficazmente utilizada para subsidiar ações de desenvolvimento científico, tecnológico, social e econômico, dando mais autonomia decisória sobre o que mais se apropria ao desenvolvimento sócio-econômico brasileiro e, principalmente, evitando descompassos lamentáveis como os que são apresentados por BORTOLETO¹⁶, apenas um dos muitos que se pode citar para ilustrar essa afirmação, os quais têm ocorrido com muita frequência e vêm gerando perdas incomensuráveis.

Também a partir dessa organização, inúmeros diagnósticos poderão ser elaborados no sentido de mapear necessidades de informação tecnológica para os setores envolvidos com a produção de bens e serviços, não só a nível nacional quanto também do Mercosul, Procisur, entre outros, diminuindo a impressionante defasagem existente entre o “discurso” sobre o valor da informação para o setor

produtivo e as políticas de investimento voltadas para a verdadeira estruturação de Bancos de Dados para suporte à decisão.

Convém lembrar que a perfeita integração entre os países que compõem o Mercosul, ou mesmo o Procisur, somente se dará com o pleno conhecimento das peculiaridades desses países, nos diversos ramos de atividade¹⁷. Assim, uma visão mais estratégica¹⁸ na construção de Bancos de Dados deverá agregar valor às demais ações existentes no Brasil, contribuindo efetivamente para o êxito desses Programas.

Até o presente momento, nenhum esforço tem sido feito no sentido de gerenciar a informação sobre **Agricultura**, por exemplo, divulgada através de inúmeros periódicos nacionais, principalmente no que se refere ao seu conteúdo.

O CNPq¹⁹ vem coordenando um Sistema de Informações sobre as atividades de pesquisa em Ciência e Tecnologia no país, abrangendo as áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Ciências da Computação, Ciências Humanas e Sociais. Existem 7271 grupos na base, disponíveis através da RNP, cujo objetivo é o **de retratar a capacidade instalada de pesquisa no Brasil**, mas que não tem a intenção de disponibilizar a informação gerada pelos grupos de pesquisa nas bases dessa proposta.

O CENAGRI, responsável pela alimentação da base de dados da FAO²⁰, não está se propondo, a curto prazo, a desenvolver esta mesma modelagem, conforme informações recentemente obtidas²¹.

A base de dados de literatura periódica em Ciências Agrárias (PERI), coordenada pela Divisão de Biblioteca e Documentação da USP/ESALQ²², indexa artigos técnico-científicos nos idiomas português e espanhol, publicados em periódicos latino-americanos, desde 1975. Apesar de estar disponível para consultas online na Internet, também se limita a apresentar **Autor, Título, Fonte, Descritores e Idioma**.

A BIREME e o IBICT têm disponibilizado inúmeros periódicos especializados online (<http://www.bireme.br/scielo> e <http://www.cg.org.br/gt/gtbv/conteudo.htm> respectivamente). Se por um lado têm o objetivo de disponibilizar a informação em tempo real, por outro não estão se propondo, até o momento, em estabelecer mecanismos de gerência da informação²³. Mas isso não quer dizer que não haveria uma forma de se unir esforços, avançando no sentido de um objetivo ainda mais ambicioso, favorecido pelo uso adequado de novas tecnologias.

Muitos trabalhos²⁴ têm sido indexados em bases de dados internacionais, porém, pela diversidade de assuntos, encontram-se muito segmentados e dispersos. Além de apresentarem somente as informações referentes ao *abstract*, quando as apresentam (em inglês), também não permitem o gerenciamento das informações da forma pretendida nessa proposta.

Outros dados, que vêm reforçar a necessidade de se adotar uma atitude mais proativa para o desenvolvimento de base de dados nacionais, dizem respeito às crescentes exigências contextuais que vêm impondo uma reestruturação das ações de pesquisa. Análises mais globalizadas do que está sendo gerado e do que, ainda, falta para ser gerado precisam ser elaboradas para que se possa transferir resultados factíveis de promover o tão esperado desenvolvimento.

Os resultados precisam ser melhor analisados para que possam ser reunidos como “**Guidelines**”²⁵ para o setor produtivo. Precisam ser revertidos em verdadeiros pacotes de “**ofertas tecnológicas**” para que, de fato, algo se esteja fazendo em prol desse desenvolvimento. Esses resultados, no entanto, estão como que pulverizados em documentos de autorias e instituições diversas.

Se algo nesse sentido fosse produzido, muito provavelmente, as demandas dos inúmeros **Serviços de Perguntas & Respostas** existentes nas Instituições de Pesquisa seriam muito menores e a garantia da qualidade da informação transferida seria, sem dúvida, muito maior.

A quem, então, compete organizar e disponibilizar essas informações? Quando deixar-se-á de **atuar de forma reativa** em relação ao setor produtivo?

A própria EMBRAPA, com suas 37 Unidades de Pesquisa, encontra dificuldade para disponibilizar seus resultados de forma a produzir o que aqui chamamos de “**Guidelines**”, devido à descontinuidade desses resultados. Apesar de possuir unidades especializadas em Solos, Meio Ambiente, Agroindústria, entre outras, dificilmente estaria pronta para analisar suas atividades de pesquisa como um processo em cadeia, começando pela forma verticalizada de seus inúmeros programas de pesquisa²⁶.

Conforme o atual presidente do Conselho Superior da FAPESP²⁷, “o investimento em ciência precisa levar ao desenvolvimento econômico e social. A ciência brasileira precisa virar PIB e quem faz PIB é a indústria.” Ainda segundo CRUZ, “os desafios da competitividade num mundo globalizado exigem incorporação de ciência e tecnologia ao processo produtivo.”

Como atender a essa expectativa sem o domínio do estado-da-arte da pesquisa em ciência e tecnologia produzidas pelas instituições brasileiras?

A Internet, como veículo de comunicação e disseminação da informação, pode abrir uma enorme perspectiva para tornar mais efetiva a participação dos países em desenvolvimento. Mas, para que isto aconteça, é preciso que **cada país seja responsável pela organização e manutenção dos seus dados e informações**.

Muito embora exista uma convicção generalizada da importância da informação no processo de tomada de decisão no âmbito das organizações, paradoxalmente, vem sendo contraposta pela falta de consciência clara da necessidade de melhor organizar o conhecimento disponível. Contudo, para desenvolver e implantar um **sistema de informação gerencial** será necessário passar pelo desenvolvimento e implantação de um **sistema de gerência da informação**²⁸.

E a quem deve ser delegada essa competência?

A necessidade cada vez maior de um acompanhamento e/ou aproveitamento do conhecimento gerado, tanto por parte dos órgãos financiadores quanto da sociedade, vem exigindo a elaboração de instrumentos eficazes e eficientes de tomada de decisão, visando a otimização dos resultados e, conseqüentemente a satisfação das necessidades demandadas²⁹.

Não se tem a menor dúvida de que o momento atual exige mudanças: a globalização ameaça as economias nacionais, sinalizando às empresas que **o não-uso do estoque de conhecimento disponível hoje na sociedade representa uma perda econômica e levará também à perda de competitividade e à perda de mercado...**³⁰

Mesmo reconhecendo essa realidade como verdadeira, o que está sendo feito para favorecer o **acesso** e o **gerenciamento da informação científica e tecnológica**?

ARAÚJO³¹ sinaliza, com muita clareza, uma mudança radical para o Setor de Informação Tecnológica quando afirma que há necessidade de mudar o foco de atenção de “**forma e disseminação**” para “**conteúdo e uso**”. Muito embora em concordância com essa afirmação, acredita-se que muitas outras mudanças precisam ser introduzidas, e muito rapidamente.

Seria mais recomendável aceitar o pressuposto de que o modelo atual de comunicação do conhecimento não tem mais respondido às diferentes necessidades da sociedade e passar a pensar na construção de novas estruturas interativas de informação, visando contribuir, de fato, para o sucesso das ações de transferência da informação.

Caso contrário, de que adiantaria a conscientização do setor produtivo da importância da informação como um real insumo para sua produção, se a atenção do setor de informação tecnológica não estiver se preparando para “olhar” na mesma direção?

AGRADECIMENTOS: À Dr^a Anna da Soledade Vieira pela cuidadosa revisão e valiosos comentários.

ABSTRACT

Rethinking Science&Technology databases for decision making. Databases oriented to productive sector have to be rethought. The new focus has to be driven by the search of an effective transfer of technological information. It becomes necessary, more than ever, to create conditions for the elaboration of technological offerings, through information analysis and identification of valuable transfer results.

KEY-WORDS: databases, technological information, information management, technological offerings.

NOTAS

- (1) HITCHINGHAM, E. Collection management in light of electronic publishing. **Information Technology and Libraries**, v.15, n.1, p.38-41, March 1996.
- (2) CUNHA, Murilo Bastos da. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 182, maio/ago. 1994.
- (3) MANDEL, Arnaldo, SIMON, Imre, LYRA, Jorge L. de. **Informação: computação e comunicação; versão preliminar para discussão**. <http://www.ime.usp.br>
- (4) BOURNELLIS, apud CANHOS, Dora Ann Lange, CANHOS, Vanderlei Perez. **Disseminação de Informação: o uso da Internet**. Campinas, Fundação Tropical de Pesquisas e Tecnologia "André Tosello/FEA/UNICAMP, 1997. p.3 (não publicado)
- (5) HITCHINGHAM, p.38 op. cit.
- (6) MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 3, p. 309, set/dez. 1994.
- (7) LEITE, Rose Aylce O. Novos paradigmas para a socialização da informação e a difusão do conhecimento científico: perspectivas de interação entre a organização dos sistemas e a complexidade da informação. **Informare**, v.2, n.1, p.64, jan./jun.1996.
- (8) Idem, p. 65

- (9) GANDELMAN, Henrique. **De Gutemberg à Internet**; direitos autorais na era digital. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.207
- (10) *Idem* p.20.
- (11) A primeira reunião do comitê do Computer Science and Telecommunication Board (CSTB) aconteceu muito recentemente, de 20-21 Fev. 1998, para discutir problemas relacionados aos direitos de propriedade intelectual e as novas infra-estruturas de informação.
- (12) NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.116-117.
- (13) Indicadores de demandas de pesquisa são freqüentemente apontadas no decorrer de documentos, no entanto, na maioria das vezes, não são identificadas pelas Instituições de P&D. Um exemplo que pode reforçar esta afirmação encontra-se no PROGRAMA COOPERATIVO PARA EL DESARROLLO TECNOLÓGICO DEL CONO SUR. Subprograma Agroindustria. **Mapeo tecnológico de cadenas agroalimentarias en el Cono Sur/Procisur**. IICA-Montevidео: Procisur, 1997. p.131: "Uma tendência que se pode considerar ainda embrionária, mas que necessita ser considerada e monitorada começa a se delinear, no sentido de banir o uso de solventes orgânicos nos processos de produção industriais, em decorrência dos riscos ambientais e à saúde dos trabalhadores que ao seu uso estão associados. (...) **Nesse caso, haveria a necessidade de se investir na pesquisa e no desenvolvimento de processos alternativos de extração de óleo, mais adequados às exigências dos ambientalistas**". (grifo nosso)
- (14) "Quando comparou-se a cor interna dos rizomas dos quatro clones estudados, observou-se...**Esta característica deve ser mais considerada e estudada no planejamento de uso do cará, seja para consumo ao natural ou para industrialização**". Zarate, Vieira e Siqueira. Horticultura Brasileira, v. 14, n. 1, p.8, maio 1996. (<http://www.solar.com.br/~hortbras>) (grifo nosso)
- (15) Essas técnicas já estão sendo muito utilizadas. Pode-se aqui referenciar o Centre de Recherche Retrospective de Marseille (boutin@univ-tln.fr) e o Grupo Cochrane no Brasil (<http://www.epm.br/cochrane>). O objetivo principal do Grupo Cochrane é preparar, manter e disseminar revisões sistemáticas na área da saúde, seguindo rígidos padrões de análise. Vale a pena conhecer melhor o que esse grupo está fazendo...

- (16) "A análise da cadeia produtiva apontou inúmeros problemas existentes no setor...". "Talvez os problemas da cadeia do leite estejam sendo colocados demasiadamente tarde, uma vez que já se vão cinco anos desde que as principais mudanças constatadas tiveram início. **Se no passado eram oportunidades a serem exploradas, transformaram-se em ameaças no presente**". (grifo nosso)
- (17) É o que nos parece evidenciar VIEIRA, p.131, quando se refere à necessidade da inclusão das informações referentes ao "**estado do conhecimento e a oferta tecnológica existente a nível mundial para cada cadeia alimentar selecionada.**" E ainda mais relevante a demanda explicitada, no mesmo documento, através do comentário adicional e conclusivo de que "**os estudos, no entanto, existentes em cada país membro não desenvolveram esta temática**". (grifo nosso)
- (18) Considera-se que uma visão mais estratégica no momento do "**desenho**" dos banco de dados pode garantir o acesso às informações que subsidiam todas as tomadas de decisões. A qualidade no gerenciamento das informações está totalmente dependente de uma cuidadosa definição dos dados a serem armazenados e, portanto, de um bom **planejamento do produto**.
- (19) CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Brasília: CNPq, 1994. <http://www.cnpq.br/gpesq2/>
- (20) <http://www.fao.org>
- (21) BRANDÃO, Lilian Maria T. **Comunicação pessoal**. Brasília: CENAGRI, julho de 1997.
- (22) <http://dibd.esalq.usp.br>
- (23) Considera-se aqui, novamente, a necessidade de uma visão mais estratégica quando do planejamento de produtos de informação, visando alcançar resultados mais coerentes com as necessidades do mercado, principalmente quando se refere a informação científica e tecnológica.
- (24) Na verdade, tendo-se como parâmetro **artigos científicos publicados em revistas estrangeiras**, a produção de informação científica de países em desenvolvimento representa apenas cerca de **2% da produção**

mundial, onde 80% dessa produção vem de 5 dos 29 países da América Latina (Brasil, Argentina, México, Chile e Venezuela). Considerando-se que são poucos os periódicos nacionais indexados em bases de dados internacionais o valor de uma base de dados que arrole a pesquisa nacional parece se tornar ainda mais evidente. VOUTSSAS & CETTO, apud CANHOS, Dora Ann Lange, CANHOS, Vanderlei Perez. **Disseminação de informação**: o uso da Internet. Campinas, Fundação Tropical de Pesquisas e Tecnologia "André Tosello/FEA/UNICAMP. 1977. p.6-7

(25) Os "Guidelines" são, na verdade, orientações claras e precisas, baseadas em análises técnicas de resultados de pesquisas.

(26) <http://www.embrapa.br/pesquisa>

(27) Notícias FAPESP, n.22, p.16, jul. 1997. (<http://www.fapesp.br>)

(28) BAPTISTA, Dulce Maria. Do caos documentário à gerência da informação. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 239, maio/ago.1994.

(29) URIBE, PEREZ e CARVALHO afirmam que "a priorização dos mais relevantes problemas sociais e ambientais, **associado ao levantamento dos resultados científicos existentes, deve oferecer os critérios para a orientação dos recursos humanos e financeiros**". **Informações Econômicas**, São Paulo, v.27, n.4, p.15, abr. 1997. (grifo nosso)

(30) ARAÚJO, Vania M.R. Hermes de. Informação e globalização: algumas considerações. **Ciência da Informação**, v.26, n.3, 1997. Editorial. <http://ibict.br/cioline>

(31) Idem .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vania M.R. Hermes de. Informação e globalização: algumas considerações. **Ciência da Informação**, v.26, n.3, 1997. Editorial. <http://ibict.br/cioline>

BAPTISTA, Dulce Maria. Do caos documentário à gerência da informação. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 239-248, maio/ago.1994.

- BOURNELLIS, C. Internet'95: the Internet's phenomenal growth is mirrored in startling statistics. **Internet World**, p.47-52, Nov. 1995.
- BORTOLETO, Eloisa Elena. Repensando a agricultura paulista: cadeia produtiva do leite, contribuições ao documento-base. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.26, n.12, p.5-6, Dez. 1996.
- CANHOS, Dora Ann Lange, CANHOS, Vanderlei Perez. **Disseminação de Informação**: o uso da Internet. Campinas, Fundação Tropical de Pesquisas e Tecnologia "André Tosello/FEA/UNICAMP, 1997. p. 6-7 (não publicado)
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Brasília: CNPq, 1994. <http://www.cnpq.br/gpesq2/>
- CRUZ, Carlos Henrique de Brito. Discurso de abertura do Programa de Inovação Tecnológica em Pequenas Empresas. **Notícias FAPESP**, n.22, p.16, jul. 1997. <http://www.fapesp.br>
- CUNHA, Murilo Bastos da. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 182-189, maio/ago. 1994.
- GANDELMAN, Henrique. **De Gutemberg à Internet**; direitos autorais na era digital. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 254p.
- HARRIS, Howard. Retraining librarians to meet the needs of the virtual library patron. **Information Technology and Libraries**, v.15, n.1, p.48-52, March 1996.
- HITCHINGHAM, E. Collection management in light of eletronic publishing. **Information Technology and Libraries**, v.15, n.1, p.38-41, March 1996.
- LEITE, Rose A. O. Novos paradigmas para a socialização da informação e a difusão do conhecimento científico: perspectivas de interação entre a organização dos sistemas e a complexidade da informação. **Informare**, v.2, n.1, p.57-69, jan./jun. 1996.
- MANDEL, Arnaldo, SIMON, Imre, LYRA, Jorge L. de. **Informação**: computação e comunicação; versão preliminar para discussão. <http://www.ime.usp.br>
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 3, p. 309-317, set/dez. 1994.

- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, apud GANDELMAN, Henrique. **De Gutemberg à Internet**; direitos autorais na era digital. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 254p.
- PROGRAMA COOPERATIVO PARA EL DESARROLLO TECNOLÓGICO DEL CONO SUR. Subprograma Agroindustria. **Mapeo tecnológico de cadenas agroalimentarias en el Cono Sur/Procisur**. IICA-Montevidéo: Procisur, 1997. 278p.
- SHEEHAN, J.; INOUYE, A. CSTB forms study committee on intellectual property rights and emerging information infrastructure. D-Lib Magazine, Feb. 1998 (<http://www.dlib.org>)
- SILVA, Gabriel Luiz Seraphico Peixoto da. Informar ou desinformar? **Informações Econômicas**, São Paulo, v.26, n.12, p.5-6, dez. 1996.
- URIBE, Alberto, PEREZ, Juan Francisco, CARVALHO, Yara M. Chagas de. Transferência de tecnologia ambientalmente apropriada: uma proposta. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.27, n.4, p.7-17, abr. 1997.
- VIEIRA, Luís Fernando. Complexos Agroalimentares do Milho, da Soja e do Trigo no Brasil. In: PROGRAMA COOPERATIVO PARA EL DESARROLLO TECNOLÓGICO DEL CONO SUR. Subprograma Agroindustria. **Mapeo tecnológico de cadenas agroalimentarias en el Cono Sur/Procisur**. IICA-Montevidéo: Procisur, 1997. p.115-136
- VOUSSAS, J., CETTO, A. M. Electronic Publishing: will it reach the whole world? In: SHAW, D., MOORE, H., ed. **Electronic Publishing in Science**. Paris: ICSU Press Unesco, 1966.
- ZARATE, Nestor A. Heredia, VIEIRA, Maria do Carmo, SIQUEIRA, João Gilberto. Produção de quatro clones de cará em Dourados-MS. **Horticultura Brasileira**, v.14, n.1, p.8, maio 1996. <http://www.solar.com.br/~hortbras>

TRÊS MESES NA VIDA DAS LISTAS DE DISCUSSÃO LAINFO-KNOW* E COMUT-ON-LINE**

Marisa da Costa TERRA***

RESUMO

O desenvolvimento tecnológico possibilitou e facilitou a comunicação e difusão do conhecimento permitindo aos indivíduos comunicarem-se diretamente. Isso inclui a comunicação informal e interativa através das listas de discussão. Duas listas foram analisadas, a **lainf-Know** (informação e conhecimento) e **Comut-on-line** (comutação bibliográfica). Foram identificados três tipos de comunicação: Transferência de informação, Pedido de informação, Discussão de questões. Transferência de informação era o principal tipo de comunicação na **lainf-Know**, seguido de Pedido de Informação e Discussão de Temas. Na lista **Comut-on-line**, Pedido de Informação foi o principal tipo de comunicação, seguido de Transferência de informação e Discussão de Temas. Neste estudo a lista **Comut-on-line** será apenas comparada à lista **lainf-Know**, visto que seus resultados específicos serão apresentados em outro artigo.

Palavras-chave: Lista de discussão. Profissionais da informação. **lainf-Know** e **Comut-on-line**.

(*) A lista **lainfo-know** foi encerrada em 1998; a quase totalidade de seus assinantes integram agora a lista **ancib-l**.

(**) Parte da dissertação apresentada ao DPGB/PUC-Campinas, com orientação da Profª Drª Solange Puntel Mostafa.

(***) Bibliotecária e Mestre em Biblioteconomia pela PUC-Campinas.

INTRODUÇÃO

As listas de discussão são uma das grandes inovações possibilitadas pela *Internet*; estudar o uso que os profissionais de informação fazem das listas de discussão é uma das formas de esclarecer o potencial da *Internet* como meio de comunicação, esclarecendo também padrões de comunicação de um grupo de profissionais.

Assim este estudo estrutura-se tendo como tema central o estudo de duas listas de discussão pelos profissionais de informação no Brasil; estudar o fenômeno das discussões informais em Biblioteconomia, tal como vem se estruturando no Brasil, pareceu um bom começo de explicitação das potencialidades da *Internet* como meio de comunicação para os profissionais de informação.

Sendo a comunicação informal, um importante aspecto da produção de práticas sociais, tanto para os profissionais que lidam com a rotina de procedimentos técnicos quanto para profissionais que lidam com a tomada de decisão nos cargos gerenciais e tendo em vista que a comunicação informal também faz parte do trabalho de pesquisa e inovação, é fundamental entender seus mecanismos de atuação. No Brasil, apesar de 20 anos de pós-graduação, a produção científica do bibliotecário e profissional da informação ainda é baixa se considerarmos a publicação formal como um indicador de produtividade: a maioria das revistas brasileiras (e até latinas) são semestrais e quase sempre irregulares Gomes (1996); o recente livro coordenado por Witter (1997) que reúne cerca de vinte e três pesquisas sobre produção científica aborda a comunicação informal em vários artigos mas não como objeto de estudo principal: o objeto privilegiado nos vários textos é a comunicação formal: a comunicação informal é mencionada nos referidos artigos de pesquisa mas para delimitar o âmbito da comunicação formal. Mesmo assim, as autoras clássicas mencionadas neste projeto são também citadas lá, a exemplo de Guedes (Vieira, K.C.1997 p.264, Camargo, M.V.G.P. 1997 p.156; Ohira, M.L.B. 1997 p.113, 311), Gusmão (Ohira, M.L.B.1997 p. 111, 278,310) e Araújo (Moreira, 1997 p.199).

Isto mostra que a escassez do assunto na literatura brasileira de Ciência de Informação é um fato preocupante. Como não encontramos no Brasil nenhum estudo na literatura sobre o uso da *Internet* e das listas de discussão na área de profissionais de Biblioteconomia e Ciência da Informação, o objetivo desta pesquisa se justifica.

A Ciência da Informação se diferencia da Biblioteconomia, quando tomou para si o estudo da informação de um processo de comunicação, (Mostafa, 1996,1997). Neste processo, a Ciência da Informação privilegiou o estudo dos canais formais e informais de transferência da informação. Surgiram os primeiros estudos analisando o processo de comunicação científica tanto em nível formal (por exemplo, o estudo das citações) quanto em nível informal analisando a rede de "gatekeepers" na comunicação técnica dos engenheiros, e o fenômeno dos colégios invisíveis na comunidade científica.

Uma preocupação, também presente nos estudos dos canais, tem sido o problema da "filtragem" na passagem da informação informal à super formal, estudada por Cristóvão (1979 p.5): em que medida comunicações apresentadas em congressos (comunicação informal) são publicadas em anais (considerados publicações semi-formais) e dessas quantas seriam publicadas em periódicos (considerados literatura formal) e desses quantos apareceriam em revisões ou serviços de indexação e resumos (considerados documento super formais), processo este denominado filtragem.

Ao mesmo tempo que a Ciência da Informação desenvolvia metodologias próprias para a comunicação científica formal, como o estudo de citações em periódicos, identificando a frente de pesquisa através de filtros de qualidade também desenvolvia metodologias para o estudo dos canais informais em ciência e tecnologia: Kremer (1981) e Araújo (1979), na identificação dos "gatekeepers" e dos colégios invisíveis.

Os "gatekeepers", colégios invisíveis e frente de pesquisa são noções desenvolvidas pela Ciência da Informação, que apontam sempre para um núcleo produtor de conhecimentos a ser revelado, estudado, identificado, na pressuposição de que uma vez identificado

o núcleo, o processo todo da comunicação científica e técnica seria mais conhecido.

As três autoras acima mencionadas tornaram-se clássicas no Brasil na década de 70, por terem sido pioneiras em seus estudos, servindo de exemplo para outros trabalhos que vieram posteriormente, a exemplo de Gusmão (1987) e Guedes (1993), ambas analisando o comportamento de docentes universitários em relação aos canais informais de comunicação.

O assunto das comunicações informais não é novo; pelo contrário, foi um dos temas pioneiros da Ciência da Informação.

Por comunicação informal entendemos um processo perpassado sempre por um canal onde cientistas e pesquisadores comunicam-se através de telefonemas, cartas, contatos pessoais, conferências e congressos, para trocas de idéias e opiniões à respeito de suas pesquisas, o que lhes possibilita obter um *feedback* de seus pares (colégios invisíveis): há portanto uma troca de informação.

Essa troca de informação vai complementar o canal formal, compreendido pelas publicações técnico-científicas.

Guedes (1993), observa que a comunicação informal, por ser mais dinâmica é mais flexível que a formal, possibilita maior obtenção de informação, pois existe o controle direto feito pelos usuários, enquanto que na formal o controle é feito por especialistas. Existe um fortalecimento do espírito de grupo, primeiro porque a troca de informação no cotidiano é face a face e mais oportuna do que a consulta a fontes escritas e, segundo, o contato profissional possibilita troca de opiniões, ponto de vista, independente da instituição em que atuem os envolvidos.

DO COLÉGIO INVISÍVEL NO CIBERESPAÇO

Não discordando de Guedes, preferimos a colocação de Araújo & Freire (1996, p. 53), na pergunta: "Seria a *Internet* um canal formal de comunicação informal?".

A esta pergunta as autoras respondem afirmando “na perspectiva dos canais de comunicação de informação a *Internet* tem dupla função: permite ligação entre pessoas, de forma livre ou em relação a temas de interesse, ao mesmo tempo que oferece acesso a documentos como um serviço de informação [como] uma biblioteca faria”. (Araújo & Freire, 1996 p.53).

A pergunta explorada por Araújo & Freire (1996 p.51), as quais entendem que um colégio invisível começa a se delinear no ciberespaço, faz uma observação importante: os canais informais teriam sido sempre “relegados” a um segundo plano, devido ao volume assustador crescente de publicações técnico-científicas.

O advento da *Internet* muda esse caráter de irrelevância da comunicação informal.

Se esta comunicação já foi um dos primeiros resgates da Ciência da Informação, hoje, estudar este processo de comunicação torna-se, segundo a mesma autora, “um problema relevante para a pesquisa na área da Ciência da Informação” (Araújo & Freire 1996 p.52). Há autores, inclusive que são radicais entendendo a *Internet* como um “caso” ou “problema” de comunicação entre pessoas. (Steingenbeg, apud Weinberg 1996).

Entendemos que o aspecto de comunicação da rede é fundamental; porém, ele não deve ser desvinculado do aspecto de repositório ou de referência no qual se tornou a *Internet*: a rede é um imenso repositório de informação.

Aqui preferimos dialetizar a relação entre repositório e comunicação informal ou entre pessoas. Como observa Mostafa (1997 p.34) “as coleções bibliográficas são vozes vivas de corpo presente”. Significa que desenvolver coleções é desenvolver grupos de discussão para elas. (Nota-se a expressão “Desenvolvimento de Coleções”, expressão já consagrada na literatura internacional de Biblioteconomia e Ciência da Informação, sendo título de disciplina curricular).

À medida que os pesquisadores se reúnem em salas de discussão como os atuais “chats” e à medida que participam de listas

de discussão através da ferramenta correio eletrônico, as coleções técnico-científicas desenvolvem-se com muito mais dinamismo; estando, por isso, em permanente construção (lê-se desenvolvimento); os repositórios da *Internet* estão por isso em permanente construção.

Essas colocações confirmam o questionamento proposto por Araújo & Freire (1996), se a *Internet* é um canal formal de comunicação informal condensa, talvez, os dois importantes aspectos da rede, repositório e comunicação. Esta dupla função da *Internet*, de repositório e comunicação, permite ligação entre pessoas de forma livre (nos chamados "chats" ou bate papo) ou em relação a temas de interesse, ao mesmo tempo que se torna um repositório de informações documentais acessíveis como uma biblioteca ou um sistema de informação. Também no âmbito internacional, as conferências eletrônicas ou lista de discussão têm sido comparadas a uma biblioteca onde se vai buscar informação, ler e pensar; um seminário conferência ou salão onde há um debate informal de idéias com colegas (Gresham, 1994).

No serviço de correio eletrônico como canal de comunicação informal entre pesquisadores, originando o "colégio invisível" no ciberespaço, a transferência da informação se coloca como um processo de troca de mensagens; o espaço perde seus limites geográficos e possibilita a comunicação simultânea; o espaço torna-se mais dinâmico não estando restrito ao local de trabalho. Como Harnard (1993 p. 85) bem argumenta as listas de discussão: "prometem restabelecer a velocidade da comunicação acadêmica na razão da velocidade do pensamento", dessa maneira, as despesas com viagem e a limitação de tempo e espaço poderá ser vencida pela comunicação mediada por computador.

A comunicação acadêmica está no meio de uma revolução tecnológica. Muito tem sido publicado visando a mudança da comunicação formal da rede seguida à mudança do impresso para a revista eletrônica. Algumas considerações têm sido feitas na transformação da comunicação informal acadêmica em redes de computadores mediados, entretanto, o impacto da tecnologia em rede informal de

comunicação acadêmica ou "colégio invisível" merece atenção, pelo fato, destas mudanças na comunicação acadêmica estarem ocorrendo mais rapidamente ao longo deste canal informal. A comunidade acadêmica e a indústria de publicações têm sido lentas ao repor revistas impressas com publicações eletrônicas como uma mídia de comunicação acadêmica formal, no entanto com o uso do correio eletrônico e discussões de grupos em linha a comunicação informal de acadêmicos cresce com rapidez. A transformação de comunicações acadêmicas informais já começou e a academia é o estágio inicial da transferência do colégio invisível em colégio do ciberespaço, como uma nova forma de pesquisa informal na rede.

A importância da rede informal no crescimento e disseminação do conhecimento científico foi notado por Price apud Gresham (1994) que criou o termo "colégio invisível" para descrever a comunidade informal de cientistas especialistas. Desde Price, a colaboração informal e comunicação com colégios invisíveis é comumente aceita como pré-requisito essencial para a publicação formal e disseminação de avanços nos conhecimentos científicos.

Esta rede informal de comunicação proporciona um fórum para compartilhar e testar novas idéias através de *feedbacks* e discussões onde a troca interdisciplinar de idéias emerge ao longo de periféricos e interconexões do colégio invisível. Cronin apud Gresham (1994) aponta para esta geração e explosão de novas idéias como chave de contribuição do colégio invisível na expansão do conhecimento, especialmente nas ciências sociais. Através desta rede informal também são trocadas informações práticas sobre pesquisa.

Este autor também considera as seguintes vantagens no colégio invisível em contraste com o canal formal de comunicação acadêmica: há uma especialização de informação; oportunidade para *feedback* e idéias em desenvolvimento, e possível transmissão interdisciplinar de idéias. Já as desvantagens do colégio invisível como meio de comunicação acadêmica inclui o elitismo restritivo natural da rede. Deste colégio emergem os maiores núcleos de pesquisadores, deixando institucionalmente e geograficamente dis-

tante deste significativo canal de comunicação alguns acadêmicos em suas especializações. Um colégio invisível é uma rede social geralmente composta por 100 ou mais indivíduos Gresham (1994), onde o acesso é fechado e a seleção dos membros é rigorosa com o número de trabalhos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros. Muitas das significantes pesquisas dentro dessas áreas são usualmente produzidas por membros de um colégio invisível e estas pesquisas são facilitadas por uma troca informal de informações através de contatos dentro dessa rede social, conferências e outros fóruns.

Na conclusão de sua pesquisa, Cronin observa o potencial existente para conferências computadorizadas surgirem como um novo meio de comunicação acadêmica informal, mas não prevê nenhuma drástica mudança no colégio invisível, além da introdução de comunicação mediada por computadores. Já Hiltz & Turoff (apud Gresham, 1994) sugerem que as redes eletrônicas podem levar o colégio invisível a ter uma forma mais aberta, com ampla participação na permuta de informação e mais rápido desenvolvimento de paradigmas entre especialistas, aumentando a comunicação interdisciplinar entre estes.

Tracz (apud Gresham 1994) baseado em sua experiência com EIES (Electronic Information Exchange System) sistema de conferências computadorizadas, predisse: "o velho estilo do colégio invisível será substituído pelo novo estilo de colégio eletrônico". Passada a experiência com novas tecnologias observa-se que Tracz poderia estar exagerando ao falar do colégio eletrônico "substituindo" o colégio invisível. O que há é um impacto causado pelas conferências computadorizadas sobre o colégio invisível, onde o surgimento desta nova forma de comunicação informal no ciberespaço vai extinguindo a forma tradicional do colégio invisível; pesquisas realizadas evidenciam o crescente uso da rede de computadores e das conferências computadorizadas e como estas estão transformando e melhorando o colégio invisível; e esta é uma das mais significantes transformações envolvendo o tamanho e alcance da rede acadêmica informal.

MATERIAL

Dois grupos de discussão foram escolhidos para análise. Um grupo, o do **Comut-on-line**, discute questões relativas ao funcionamento do programa, e envio de sugestões. O segundo grupo, **lainf-Know**, é definido como debate profissional de questões sobre Ciência da Informação. Ambas as listas foram observadas por um período de 109 dias .

Comut-on-line é uma lista exclusiva para os membros da rede Comut do Programa de Comutação Bibliográfica. Trata-se de um fórum permanente para informar problemas, enviar sugestões para o aprimoramento do programa e efetuar perguntas sobre o funcionamento do sistema. As respostas, elaboradas pela Secretaria Executiva do Comut ou pelo Departamento de Tecnologia da Informação do IBICT também serão registradas na lista, para uso de todos participantes. Todos os inscritos na lista podem enviar mensagens. Com 95 participantes no endereço Comut-on-line@ibict.br.

Lainf-Know, também hospedada no IBICT, é a lista de Informação e Conhecimento, tendo como assunto: "Discutir a informação mediadora do conhecimento: A integração do sujeito com as estruturas de informação que possam gerar modificação em suas condições mentais, através de sua competência cognitiva, produzindo um conhecimento relacionado corretamente com a informação". Informações obtidas na lista HYPERLINK mailto:lainf Know@ibict.br com 110 participantes.

OBJETIVOS

Identificar os tipos de comunicação veiculados nas duas listas.

1) Transferência de Informação: que vem a ser a transferência de informação por um participante. Podendo ser, por exemplo, comunicado sobre algum curso que irá acontecer, o anúncio de uma conferência, defesa de tese, um cargo disponível, um artigo e informação relativa a outros recursos.

2) Um pedido de informação: nesse tipo de comunicação, um participante pede informação. Pode ser, por exemplo, um pedido de informação num tópico específico ou programa ou uma literatura para pesquisa. As respostas muitas vezes vem dos participantes. Estas respostas podem também se desenvolver dentro de uma nova questão ou assunto para ser discutido.

3) Uma discussão em torno de um tema: o objetivo desse tipo de comunicação, é levantar alguma questão que levará a uma discussão geral. Os participantes podem opinar uma vez ou quantas vezes for necessário. Novos temas podem ser levantados, tendo como base a discussão de um tema anterior.

Um quarto tipo de comunicação, são aqueles relacionados a concordância e não concordância dos grupos de discussão e sua administração. Estas comunicações não foram incluídas na análise deste estudo.

Para cada grupo de discussão, foram reunidos e analisados os seguintes dados:

- a) o número de participantes que se comunicaram durante o período de observação;
- b) o número de comunicações por participantes, em geral;
- c) o número de comunicações por participantes, pelo tipo de comunicação;
- d) o número de comunicações iniciadas.

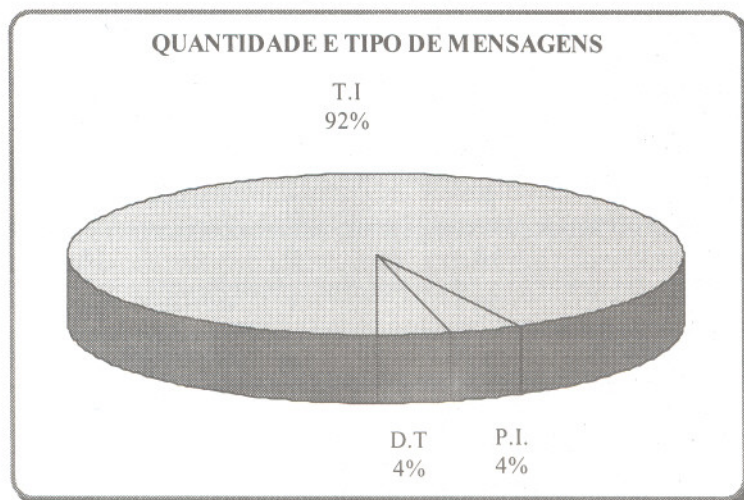
RESULTADOS

Lista **lainf-know** analisada no período de 14.08.1997 a 30.11.1997

Na tabela Tipologia das mensagens observou-se que a maioria das mensagens são sobre **Transferência de Informação**, ficando Pedido de Informação e Discussão de temas com 3,8%. (Para $2c = 5,99$, n.g.l. = 2 e n.sig = 0,05 foi encontrado $2o = 122,07$, isto é **Transferência da Informação** comporta a maior quantidade de informações. E pode ser visto claramente no gráfico-1)

Tabela 1: Tipologia das mensagens da lista **lainf-know**

Quantidades de Mensagens	F	%
Tipos		
Transferência de Informação	72	92,4
Pedido de Informação	3	3,8
Discussão de Temas	3	3,8
TOTAL	78	100,0

Gráfico 1: Fonte de Pesquisa **lainf-Know**

T.I Transferência de Informação D.T Discussão de Temas P.I Pedidos de Informação

Na tabela 2 observou-se que o moderador é responsável por 36% da frequência das mensagens enviadas à lista de discussão

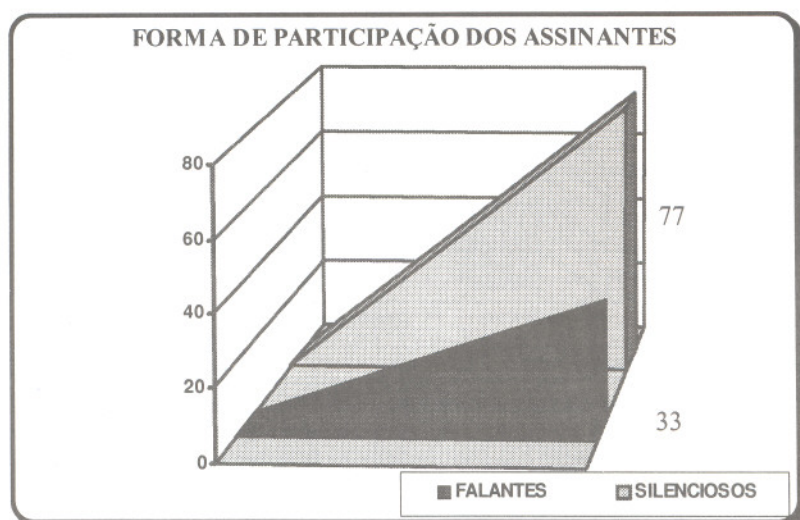
lainf-know. Enquanto que um participante enviou 9 mensagens resultantes em 11,5%, 2 participantes enviaram 3 mensagens cada um obtendo-se 7,6%; 6 participantes enviaram duas mensagens cada um, resultantes em 15,5%; os outros 23 participantes enviaram apenas uma mensagem cada, perfazendo 29,4% do total das frequências. Não houve correlação entre o número de participantes e o número de mensagens enviadas, onde o coeficiente de correlação obtido foi $r = 0,38$. Porém se for feita a correlação sem participação do moderador existe a correlação entre o número de participantes e o número de mensagens, onde $r = 0,97$.

Tabela 2: Número de Mensagens por participantes em geral

PARTICIPANTES		MENSAGENS	
F	%	F	%
1 (Moderador)	3	28	36,0
1	3	9	11,5
2	6	3	7,6
6	18	2	15,5
23	70	1	29,4
TOTAL 33	100	78	100,0

A forma de participação dos assinantes da lista lainf-Know é representado abaixo no gráfico 2. Observou-se que do total dos 110 assinantes desta lista, 33, ou seja, 30% participaram ativamente como assinantes falantes, enquanto 77, ou 70% participaram como assinantes silenciosos. O gráfico 2 mostra a distribuição dos assinantes

Gráfico 2: Fonte de Pesquisa: lista lainf-Know



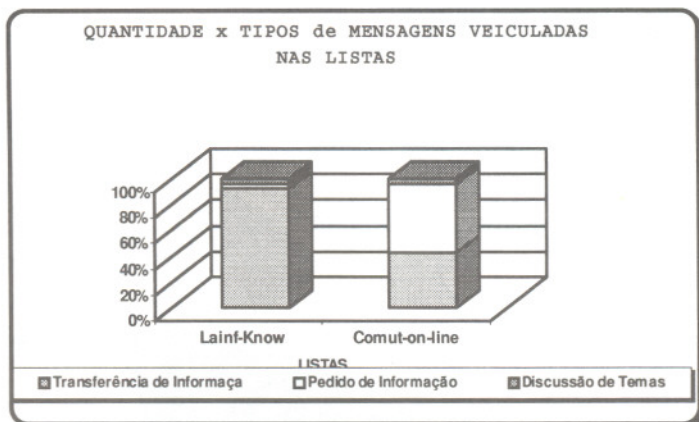
Fonte de Pesquisa: lista lainf-know

Tabela 4: Temporalidade das mensagens veiculadas na lista.

lainf-Know		
Período Analisado	F	Média Diária
105 dias	78	0,7

Na tabela acima foi obtida a média de mensagens/dias sendo constatado o resultado de 0,7 mensagens/dia, isto é nem todo dia a lista apresenta mensagem.

Gráfico 4: Fonte de Pesquisa: Listas lainf-know e Comut-on-line



4.3 Resultados comparativos entre as listas analisadas **lainf-Know e Comut-on-line.**

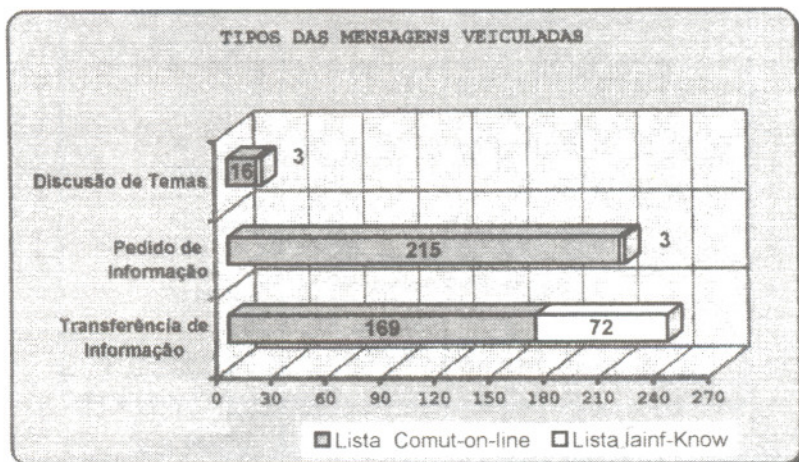
O gráfico 4 tem por finalidade mostrar a distribuição dos tipos de mensagens, conforme analisados nas listas **Lainf-know** e **Comut-on-line**. Sendo possível uma clara visualização de como **Transferência de Informação** predomina na primeira lista e **Pedido de Informação** predominam a segunda, sem no entanto deixar para atrás a **Transferência de Informação**, que é representado neste gráfico com 42,3%, estando a informação presente em alta escala numa lista técnica. Em **Discussão de Temas**, a diferença é quase imperceptível entre a **lainf-Know** (3,8%) e **Comut-on-line** (4%). O que fica mais claro é que o sinal verde abre para a discussão de temas por pouco tempo nos dois faróis do gráfico acima.

A tabela 5 apresenta a freqüência dos tipos de mensagens observados no período da pesquisa. O tipo **Transferência de Informação** analisada conjuntamente nas listas predomina com 241 freqüências, ou seja, 50,4%, seguido por **Pedido de Informação** com 218 freqüências, ou seja, 45,6% e em último lugar **Discussão de Temas** com 19 freqüências ou 4%.

Tabela 5: Tipologia das mensagens da lista **lainf-know** e **Comut-on-line**

Tipos	Lainf-Know		Comut-on-line		Total Geral	
	F	%	F	%	F	%
Transferência de Informação	72	92,4	169	42,3	241	50,4
Pedido de Informação	3	3,8	215	53,7	218	45,6
Discussão de Temas	3	3,8	16	4,0	19	4,0
TOTAL	78	100,0	100	100	478	100

Gráfico 5: Fonte de Pesquisa lainf-know e Comut-on-line.



Neste gráfico 5, observou-se que o tipo das mensagens veiculadas nas listas seguem a mesma ordem de distribuição onde Transferência de Informação aparece em primeiro lugar, Pedido de Informação em segundo e Discussão de Temas em terceiro.

DISCUSSÃO

Os objetivos da lista **lainf-Know** descritos na mesma ao subscrevermo-nos informam que esta vai “discutir a informação como mediadora do conhecimento. A integração do sujeito como as estruturas de informação que passam a gerar modificação em suas condições mentais, através de sua competência cognitiva, produzindo um conhecimento relacionado corretamente com a informação recebida”. lainf-Know@ibict.br

Esses objetivos também podem ser evidenciados na linha de pesquisa do moderador conforme descritos em vários artigos

(Barreto, 1994). Pode-se inferir que o moderador, ao propor tal lista, intencionou ampliar as discussões que vem fazendo acerca do tema. Fê-lo num novo canal de comunicação: a escrita oralizada ou a oralidade escrita das listas de discussão.

Não é de somenos importância analisarmos as relações entre o canal de comunicação e o conteúdo veiculado por ele. Tudo indica que são relações interdependentes: dependendo do canal, a mensagem é tal ou qual e vice e versa: um comentário ou uma discussão, realizados num canal semi informal como as dissertações e teses acadêmicas ou em canais formais como os artigos de revistas especializadas, assumem uma estrutura e um conteúdo diferentes do que se estivessem sendo veiculados em canais informais como as conversações orais ou mesmo nesta vertente das listas de discussão.

AS LISTAS NEM SÃO PURA ORALIDADE COMO AS CONVERSÇÕES, NEM PURA FORMALIDADE COMO OS ARTIGOS DE REVISTAS ESPECIALIZADAS

Essas explicações são importantes porque através delas vamos agora discutir os resultados principais desta pesquisa; é bem possível que a discussão a que se referem as listas de discussão sejam discussões sempre mais leves em nível de profundidade do que aquelas realizadas nos canais formais, pois **lainf-Know** não apresenta discussão propriamente de nenhum tema; a tabela 1 nos informa que a maioria das mensagens (93%) dedicam-se à transferência de informação mais do que a discutir idéias ou temas.

É certo que a transferência é um elemento chave para a discussão. Aqui podemos indagar se o nível da transferência ainda é leve para que se iniciem as discussões. O mais provável é que o comportamento das mensagens e de seus autores esteja ligado à especificidade dos canais de comunicação.

Escrever é um ato formal de comunicação quando se está diante de leitores abstratos, potenciais. Nas listas de discussão os

processos de leitura e escrita acontecem quase no mesmo movimento: os leitores da lista são também seus autores de forma que aí nada é abstrato; conhece-se, quem é quem, o que torna a comunicação a um só tempo direta e indireta. Direta no sentido em que um clique do mouse coloca todos os participantes da lista em contato com a mensagem; por isso mesmo, não se diz tudo o que é pertinente ao tema, especialmente se se tem pontos de vista discordantes: comunicação indireta, portanto.

Isso explica talvez a pergunta levantada por Araújo e Freire (1996 p. 53), a qual problematizamos na introdução desta pesquisa:

“Seria a *Internet* um canal formal de comunicação informal?”

É curioso que uma das mensagens analisadas a isto se refere:

“Aos Prof. Aldo e aos colegas da ANCIB felicito pela iniciativa. Finalmente poderemos exercer a comunicação informal por vias formais (?)”. Weitzel,S .wed, 8 oct 1997 HYPERLINK mailto:lainf-Know@buriti.ibict.br

A interrogação nesta mensagem reforça a interrogação de Araújo e Freire.

DISCUSSÃO OU QUADRO DE AVISOS?

Apesar de termos identificado apenas três mensagens na categoria discussão de temas, é possível inferir, pela seriedade dos temas, que não faltaram preocupações teóricas aos mensageiros de **Lainf-Know**. Alguns chegaram a fazer convocações explícitas à discussão:

“Encontrei este documento - *Moving into the Information Society* - que acredito ser da maior importância para a área. Que tal utilizarmos como base para discutir a inserção do Brasil na Sociedade da Informação (vide documento

CCT/MCT sobre o tema): quais seus principais atores, principais questões, elementos de medida, indicadores, etc, etc. e, principalmente, qual nosso papel e como otimizar nossa ação? <http://www.isi.gov.uk/isi/dotis/index.htm>" Araújo 05 out. 1997 lainf-Know@buruti.ibict.br

Outros não chegam a convocar mas invocam discussão:

"Sobre sua comunicação referente a Rosalind Picard, não teria tanta certeza acerca das emoções dos computadores: imagine como seria "violento" o computador do jogador Edmundo e como seria "frio" o do Senador Roberto Campos, por exemplo... Mas uma coisa parece certa: emoção demais ou de menos prejudica realmente a qualidade do trabalho e podem afetar até o desempenho das máquinas..." [HYPERLINKmailto:lulesa@venerus.rdc.puc-rio.br](mailto:lulesa@venerus.rdc.puc-rio.br) lulesa@venerus.rdc.puc-rio.br [thu,27 nov 1997](mailto:thu,27%20nov%201997) HYPERLINKmailto:lainf-Know@buruti.ibict.br lainf-Know@buruti.ibict.br

Não são banais os comentários veiculados nesta mensagem; é possível perceber como são representados personalidades públicas; tema da relação homem-máquina está aí implícito e hoje é linha de pesquisa em várias universidades do mundo (o livro em questão intitula-se "*Affective computing*").

Isto permite afirmar que esta lista de discussão acerca das relações entre a Informação e o Conhecimento esteja funcionando mais como um quadro de avisos do que propriamente como lista de discussão.

É também forçoso reconhecer que a **lainf-Know** foi uma lista jovem: sua data de publicação é de 03/10/1997. Por iniciativa do moderador foram incluídas a partir desta data cerca de 90 novos assinantes.

Não são assinantes quaisquer : são pesquisadores associados na Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB) associação brasileira da qual o moderador é o atual presidente. Isso mostra um processo de construção de uma lista de

discussão: é como se o moderador perseguisse os objetivos da lista, dotando-a de condições para a discussão de temas.

“Algumas discussões importantes terão agora um fórum maior e servirá para subsidiar um programa de trabalho conjunto que a ANCIB estará realizando com o CNPq relacionando a pesquisa ao ensino. “Barreto, Fri,03 oct 1997 lainf-Know@buriti.ibict.br

Ressalte-se nesses trechos que o moderador persegue a discussão de temas além da divulgação de mensagens.

Ressalte-se também o papel importante de interação realizado pelo moderador ao incluir por conta própria o nome de 90 pesquisadores com a ressalva:

“Para os novos assinantes na parte de baixo deste Mail tem o endereço administrativo da Lista . Se quiser sair é só mandar uma msg para o Luciano@ibict.br e simplesmente dizer quero sair da lista.”

O papel indutor do moderador tem se mantido constante no período analisado. Basta ver que na tabela 2 o moderador é responsável por 36% das mensagens (28/78). Isso representa muito se se levar em consideração que a grande maioria das pessoas falantes (70%) comunicavam suas mensagens apenas uma vez e que a maioria dos inscritos (66%) são leitores silenciosos da lista, sem nunca terem emitido nenhuma mensagem.

De fato o moderador tem provocado a discussão no seu papel de fornecedor de uma rica gama de informações seja noticiando webgrafias através de relatórios tipo “Scout Report” seja noticiando defesa de tese e conferências nacionais e internacionais na área.

O fato de que 92,4% do total das mensagens serem **Transferência de Informação**, mostra que os grupos de discussão são também uma fonte de informação legítima. O aspecto de divulgação na *Internet* é tão legítimo quanto seu aspecto de repositório de informação, conforme problematizamos no item introdução.

Quanto aos **Pedidos de Informação** é sempre difícil detectar as quantidades de mensagens respostas que elas desencadeiam, pois as respostas podem ser dirigidas diretamente a pessoa que faz o pedido e não jogada na lista para a visibilidade de todos. Veja-se por exemplo o pedido a seguir orientando a resposta para a exclusividade de quem perguntou.

"... gostaria de saber se um dos 'amigos' pode indicar um bom *site* de pesquisa para a área de dependência química. Estou iniciando terminologia neste setor do conhecimento e se alguém sabe, favor enviar (e mail: llira@nutecnet.com.br)..."

Lista de discussão é a expressão usada universalmente conceituada para a comunicação semi-formal da *Internet*. Em sentido lato, discussão, no caso das listas tem sido tomada como sinônimo de conversa, comunicação, interação.

A diferença é que essa conversa ou comunicação ou interação, no caso das listas de discussão, são sempre referentes a um tema específico que dá inclusive nome à lista.

A especificidade das listas de versarem sempre sobre um tema particular que as coloca como "discussão" teórica ou técnica não destipifica a discussão. Analisamos nesta pesquisa duas listas de naturezas diferentes: a lista **lainf-Know**, como o próprio nome indica (**la** como prefixo de latino; **info** como abreviatura de Informação ou *Information* e **Know** referindo-se a Conhecimento) dedica-se a analisar as relações entre informação e conhecimento.

São poucos os autores brasileiros e mesmo latinos preocupados com essa questão teórica mais de fundo, apesar de que a discussão vai se popularizando na sua forma mais vulgarizada: em várias áreas do conhecimento e em especial aos estrategistas que trabalham com indicadores de ICT, como é o caso de Moraes (1994), já existe a preocupação em distinguir dado de informação e de conhecimento, distinção que também aparece agora em centenas de outros autores.

Porém os nomes clássicos do assunto, inspiradores de Barreto (1994, 1996), no plano internacional como Farradane (1980) ou Wersig e Novelling (1975) são limitados quando se trata de uma discussão aprofundada do assunto. É de se reconhecer que o tema da Informação em relação com o Conhecimento não é uma discussão tão fácil de ser aprofundada fora da usual tipologia que se faz entre Dado, Informação e Conhecimento.

Somam-se a esta dificuldade as considerações já realizadas na discussão da **lainf-Know** as quais reconhecem a "superficialidade" do canal de comunicação que designamos como "escrita oralizada" ou "oralidade escrita". Isto posto concluímos que ambas as listas estão cumprindo o papel a que se propuseram, cada qual dentro dos seus objetivos.

O moderador da **lainf-Know** intervém nas mensagens de forma muito mais freqüente que o moderador da **Comut-on-line** (36% versus 19%). Porém não é uma intervenção interativa como é a intervenção dos moderadores da comutação bibliográfica, sempre esclarecendo dúvidas do sistema; a moderação da **lainf-Know** vem na forma de disseminação seletiva da informação, especialmente de serviço de alerta como o "Scout Report" já mencionado. É uma moderação tipo estímulo para desenvolvimento das discussões e das coleções.

Várias funções estão implícitas no papel de um moderador de listas: facilitador, gerente (deletando ou aceitando assinantes), filtro, "expert", editor, promotor, bombeiro ou homem de marketing. O moderador, querendo ou não, sempre filtra a informação de alguma maneira no sentido que seleciona, não somente as informações - estímulo como as desestimulantes ou impróprias à lista. Neste sentido ele opera também como um sensor, no sentido de um selecionador. Justifica-se, conforme tabela 5, que **lainf-know** veicula mais informação tipo transferência de Informação (92,4%) do que **Comut-on-line** (42,3%).

Se na **Comut-on-line** é fácil detectar as mensagens tipo **Pedido de Informação** pois essa é a essência da lista, em **lainf-Know** isso fica menos visível pois as respostas voltam para as

peessoas que fazem o pedido, enquanto que na **Comut-on-line**, até as explicações dos *webmasters* são participadas a todos os assinantes.

Inferre-se nesta discussão que na área de Biblioteconomia e Ciência de Informação, discussões aprofundadas de temas ainda permanecem como possibilidade. Resta verificar se em outras áreas do conhecimento, o mesmo padrão de comunicação científico se mantém.

Não é descabida portanto a hipótese levantada nessa pesquisa quando colocamos **lainf-Know** e **Comut-on-line** frente a frente: na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, discussão de temas ainda permanece como possibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, V. M.R.H. de. Estudo de canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. *Ciência da Informação*. Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.79-100, 1979.
- ARAÚJO, V.M.R.H. de e FREIRE, Isa M. A rede Internet como canal de comunicação, na perspectiva da Ciência da Informação. *Transinformação*, Campinas. v. 8, n.2, mai./ago. p.45-55, 1996.
- BARRETO, Aldo de A. A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos e serviços de informação. *Ciência da informação*, Brasília, v. 25, n.3, set / dez. p.405 - 414, 1996.
- BARRETO, Aldo de A. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva Revista da Fundação Seade*. São Paulo, v.8,n.4, out./dez. p.3, 1994.
- CAMARGO, M.V.G.P.de Autoria na geração de artigos. In: WITTER. G. P. (org.) *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 147-156.
- CHRISTOVÃO, H.T. Da comunicação informal à comunicação formal; identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.3-36, 1979.

- FARRADANE, J. Knowledge, Information and information science. **Journal of Information Science**, London, v.2, n.2, 1990.
- GRESHAM Jr., J. L. From invisible college to cyberspace college: computer conferencing and the transformation of informal scholarly Communication networks. In: Interpersonal computing and thecnology: **An Eletronic journal for the 21st century**. [online] v.2, n.4, p.37-52, out 1994. Available <http://www.helsinki.fi/science/optek/1994/n4/grresham.txt> <http://www.helsinki.fi/science/optek/1994/n4/grresham.txt>
- GOMES, H. E. Entrevista. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n.3, p. 292,set/dez.,1996.
- GUEDES, M.G.T.M. & BARROS, A . T. Comunicação informal do corpo docente da universidade federal do Piauí. **Transinformação**, Campinas, v. 5, n.43, p. 43-71, dez., 1993.
- GUSMÃO, H. R. & BRUM, A. R. Estudo de transferência da informação científica em grupo de pesquisa agrícola. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v. 10, n.2, p.147- 57, jun./dez., 1982.
- GUSMÃO, H. R. & BREGLIA, V. L. A . A comunicação informal nos serviços de cirurgia geral e Pediatria do Hospital Municipal Miguel Couto. In: ENCONTRO NACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO BIOMÉDICA , 1, Rio de Janeiro, 17-20 nov. 1985
- GUSMÃO, H.R. Processo de comunicação informal entre os docentes do Departamento de Documentação da Universidade Federal Fluminense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, Recife - Pe , 1987. Anais ... Recife, 1987, p. 832-848.
- HARNARD, S. The post-Gutenberg galaxy: The fourth revolution in the means of production of knowledge. In: Mason, R. **Computer conferencing: the 1st word. Original publicado no The Public Access Computer Systems Review**, [online] v.2, n.1, p.77-89, 1993. Available e-mail: LISTSERV@uhupvml Message: get HARNARD PRV1N2.

- KREMER, J. M. Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.10, n.2, p.65-78, jul./dez., 1982.
- MORAES, I. H. S. de. **Informação e saúde**: da prática Pragmentada ao exercício da cidadania. São Paulo: Hucitec / ABRASCO, 1994.
- MOREIRA, Walter. Revista *Ângulo* e a produção científica e cultural da FATEA. In: WITTER, G.P. (org). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p.193-202.
- MOSTAFA, S. P., OLIVEIRA, R.V. O PROIN da PUC-Campinas. **Transinformação**, Campinas, v.9, n.2, p.27 - 34, mai./ago., 1997.
- MOSTAFA, S. P. (coord.) **A Internet no ensino de graduação e Biblioteconomia**. Campinas: PUCAMP. 1997. (Projeto de Extensão).
-
- _____ . **Ciência da informação**: uma ciência uma revista. *Ciência da Informação*. Brasília, v.25,n.3 ,p.305 - 307, set./dez.,1996.
- OHIRA, M. L. B. Produção técnico - científica e artística da universidade de Santa Catarina. In: WITTER, G. P. (org). **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997. p. 87 - 113.
- VIEIRA, K. C. Produção científica de docente / pesquisador da área de ciências. In: WITTER, G. P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997. p. 249 - 264.
- WEINBERG, B. H. Complexity in indexing systems . abandonement and failure: implications for organizing the Internet. **Asis 1996. Annual Conference Proceedings**. Oct. 19-24, 1996. [Http://www.asis.org/annual.96/Electronic Proceedings/](http://www.asis.org/annual.96/Electronic Proceedings/)
- WERSIG, G., NOVELING, U. The phenomena of interest to information Science. **The information Scientist.**, v.9, n.4, 1975.
- WITTER, Geraldina Porto (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997.

INFORMATIVO

**RESUMO DAS
DISSERTAÇÕES DE 1997 E 1998
DPGB/FABI/PUC-CAMPINAS**

**FONTES DE ESTRESSES EM BIBLIOTECÁRIOS DO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

Aluno: **Dario Crispim de Assis**

Orientador: **Prof. Dr. Silas Marques de Oliveira**

Este estudo teve por objetivo principal identificar e analisar as fontes de estresse, e suas conseqüências, diagnosticadas no comportamento dos bibliotecários participantes do sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia. A população desta pesquisa foi constituída por 64 sujeitos, bibliotecários atuantes nas 37 bibliotecas desse Sistema, localizadas nas diversas unidades de ensino e órgãos suplementares da UFBA. Verificou-se ser esta população constituída na sua maioria por sujeitos do sexo feminino (98,44%); a totalidade possui o curso de graduação e 18,75% possui pós-graduação (especialização); a maioria tem mais de 10 anos de formada, e percebe mais de 10 salários mínimos como remuneração. Possuem residência própria na sua maioria e 65,62% são católicos. As atividades realizadas pelos sujeitos são pertinentes à sua formação, embora grande parte deles tem acúmulo de funções. Detectou-se, através de suas declarações, que a maioria dos sujeitos estão estressados, e

consequentemente desmotivados, estão aproximadamente há dois anos sem reajuste salarial. Apesar dos sintomas de estresse, procuraram meios para combatê-los, e que continuam trabalhando e lutando em prol de valorização da profissão. Concluiu-se, neste sentido, que o estresse é evidente no profissional bibliotecário no Sistema de Bibliotecas da UFBA; que medidas de caráter administrativo, psicológicos e sociais devem ser tomadas com vistas a amenizar o problema desses profissionais.

NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO: ATITUDES DE DOCENTES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Aluna: **Rosanara Urbaneto Peres**

Orientadora: **Profª Drª Geraldina Porto Witter**

A implantação de Novas Tecnologias na área de Informação está sendo muito grande, onde acredita-se estar-se vivendo uma transformação social, cultural e tecnológica comparável à Revolução Industrial. Este fato deve ser considerado na atuação e formação de novos profissionais. Com o objetivo de verificar as atitudes verbalizadas dos Docentes do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria - RS com relação às Novas Tecnologias da Informação, coletaram dados por intermédio de um questionário e uma escala do tipo Likert. Os sujeitos desta pesquisa, N = 55, na sua maioria, são do sexo masculino, com idade entre 43 e 48 anos, com o título de mestre e na carreira docente estão no nível de Assistente 1 e Adjunto 4. Com relação a busca de aperfeiçoamento na área de Novas Tecnologias foi grande o número de autodidatas. As atitudes de indiferença predominaram. As variáveis faixa etária, grau de instrução

e nível na carreira docente não influenciaram no resultado das atitudes. Influíram mais nas atitudes a estabilidade na carreira docente, a dificuldade de alguns em aprender a lidar com Novas Tecnologias. Vale lembrar que o instrumento utilizado enfoca declarações restritas e aspectos relativos ao uso de Novas Tecnologias em Arquivos. Também apresentam um índice elevado de atitudes fracamente positivas ressaltando o elemento motivacional indiscutível e muito positivo que estas introduzem nos meios em que são implantadas. Percebeu-se que o uso das Novas Tecnologias está exigindo uma mudança no perfil do profissional que está sendo lançado no mercado de trabalho, requerendo nova postura por parte dos docentes. Outro aspecto a ser salientado é o novo papel dos arquivos com a implantação das Novas Tecnologias e o novo tipo de usuário, exigindo dos arquivistas a adoção de estratégias de marketing, onde o usuário é o principal cliente.

POR UMA POLÍTICA DE QUALIDADE NOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Aluna: **Maria Etelvina Madalozzo Ramos**

Orientadora: **Prof^a Dr^a Vera Sílvia Marão Beraquet**

Identifica as bibliotecas universitárias que avaliam a qualidade em seus produtos e serviços fundamentados em princípios científicos. Revisa a literatura nacional e a internacional sobre aplicação da filosofia de qualidade em sistemas de informação. Realiza diagnóstico em uma amostra de onze bibliotecas universitárias centrais, com mais de 1.500 alunos e cursos de pós-graduação em nível stricto sensu e lato sensu, com objetivo de verificar a existência de programa de gestão de qualidade. Utiliza dois instrumentos de coleta de dados, um questionário e um roteiro de entrevista estruturada. Os

resultados obtidos e analisados levaram a concluir que as bibliotecas universitárias paranaenses necessitam de uma política formal de qualidade.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM TECNOLOGIA DE ALIMENTOS: ARTIGOS DA "COLETÂNEA DO ITAL"

Aluna: **Maria Valéria Pompeo de Camargo**

Orientadora: **Profª Drª Cecília Carmen Cunha Pontes**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os artigos de revisão e científicos publicados na "Coletânea do ITAL" no período de 1990/1994. Utilizou-se a técnica bibliométrica de análise de citações. Estudaram-se as seguintes variáveis: tipo de autoria, participação feminina e masculina, localização e origem institucional dos autores, autoria principal e colaboração, idade e média das citações, idioma, país de origem da literatura citada, vida média das citações, idioma e localização do resumo no texto; uso de parágrafo único e amplitude vocabular dos resumos e "summaries". Os resultados indicam que o periódico é de cunho científico. Nos artigos a presença feminina foi maior, mas o teste não indicou diferença significativa entre a participação de cada sexo. Artigos de revisão: diferença não significativa entre autoria única e dupla, nos científicos, há diferença significativa para artigos com quatro autores. Cerca de 90% dos autores são da própria instituição responsável pelo periódico, a colaboração de autores externos se realiza de forma descontínua. A média de citação de artigos de revisão foi 35,2 e científicos 17,3. Os documentos estrangeiros; artigos de periódicos e monografias predominam. A década de 70/80 concentra-se nas citações. O idioma predominante das citações foi o Inglês, seguido do Português, com predomínio de documentos produzidos nos Estados Unidos. A vida média das citações e dos artigos de

periódicos foi de 12 a 14 anos, as monografias de 8 a 11 anos. Os resumos dos textos foram escritos em Português e Inglês e antecedem o artigo. Houve variação no uso de parágrafo único nos resumos e "summaries", havendo uniformidade no ano de 1994. Houve variação na média maior e menor da amplitude vocabular, uso de parágrafo único dos resumos e "summaries", mas na média, estão dentro do parâmetro recomendado pela ABNT.

A ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO DE BIBLIOTECAS NOS PROGRAMAS DE ENSINO DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA DO SUL DO BRASIL E DO NORTE DA ARGENTINA: ESTUDO COMPARADO

Aluno(a): **Neide de Oliveira Motta**

Orientadora: **Profª Drª Vera Sílvia Marão Beraquet**

O estudo compara os programas de ensino na área de administração de bibliotecas nos Cursos de Biblioteconomia da Região Sul do Brasil e das Regiões Mesopotâmicas e Estepe da Argentina, para conhecer as semelhanças e diferenças na formação do bibliotecário, enquanto administrador da informação. Os dados foram coletados em formulários auto-explicativos e em entrevista estruturada à expoente da Argentina, sendo analisados os programas de ensino de onze Cursos de Biblioteconomia quanto à ementa, ao conteúdo programático, às técnicas de ensino, à avaliação e à bibliografia. Os resultados mostram que existe similaridade nas funções básicas da Administração, embora os conteúdos programáticos dos cursos brasileiros sejam mais abrangentes, assim como a carga horária dedicada à matéria. O ensino de Biblioteconomia do Brasil e da Argentina, ao que tudo indica, parece não formar administradores da informação quanto aos conceitos preconizados por KATZ, MINTZBERG e DRUCKER para o desempenho do administrador. A

recomendação é que grupos regionais estudem os outros dois países, Paraguai e Uruguai, com vistas ao Mercosul e, também, os programas de ensino dos países integrantes da América Latina, na área de administração de bibliotecas.

ABORDAGEM ESTRATÉGICA APLICADA A UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Aluna: **Eurides Moura**

Orientadora: **Profª Drª Vera Sílvia Marão Beraquet**

A abordagem estratégica vem sendo aplicada em instituições sem fins lucrativos, públicas ou privadas, desde o final da década de 70, como um meio de tornar as organizações mais eficientes e eficazes, na prestação de seus produtos e serviços. Dentre as organizações, encontram-se as Unidades de Informação. Buscou-se nesta pesquisa instaurar o diagnóstico situacional das bibliotecas que compõem o campus Centro Técnico Aeroespacial - CTA, localizado em São José dos Campos - SP. Foram pesquisados 29 sujeitos da organização, através de identificação e análise dos aspectos organizacionais afetos a Unidades de Informação. Os dados foram coletados por meio de aplicação de questionários específicos, como questões abertas e fechadas nos dois níveis hierárquicos da estrutura organizacional: pessoal operacional envolvido nas Unidades de Informação e as pessoas relacionadas a alta gerência do Centro. Os resultados evidenciaram aspectos positivos relacionados aos recursos humanos, engajados ao nível operacional, que se mostraram prontos e apostam numa mudança, ou seja, numa aplicação efetiva de planejamento estratégico e, os negativos com problemas de gerenciamento, registrando-se que as bibliotecas estudadas não adotam procedimentos e estratégias de planejamento formalizado. Em essência, os dados confirmaram os pressupostos da pesquisa. A conclusão geral é de que os princípios e procedimentos de planeja-

mento estratégico podem ser aplicados às Unidades de Informação, uma vez alcançado um clima organizacional propício a mudanças.

ACESSO E DEMANDA DE INFORMAÇÃO EM MEIO ELETRÔNICO POR DOCENTES E PÓS-GRADUANDOS EM QUÍMICA: SUBSÍDIOS PARA POLÍTICA DE SELEÇÃO

Aluna: **Marilda Corrêa Leite dos Santos**
Orientadora: **Prof^a Dr^a Vera Sílvia Marão Beraquet**

Este estudo buscou identificar a demanda e o acesso da informação em meios eletrônicos pelos docentes e pós graduandos do IQAR como subsídios à atual política de seleção desses materiais na Biblioteca. Analisou a disponibilidade e expectativa de uso dessa comunidade da área de Química com relação aos recursos Informacionais on-line, CD-ROM e impressos. Dentre os principais resultados, destaca-se ainda predominância do uso dos recursos impressos mas pode ser observada forte tendência para crescimento na demanda por recursos eletrônicos. Isto deve ser levado em conta doravante no desenvolvimento do acervo e seleção dos recursos Informacionais da Biblioteca.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS: PRODUÇÃO DE PESQUISADORES DE CIÊNCIA ESPACIAL DO INPE

Aluna: **Maria do Carmo de Castro Nogueira**
Orientadora: **Prof^a Dr^a Geraldina Porto Witter**

Títulos e resumos permitem a localização, o conhecimento e a transferência de informações e resultam em fragmentos relevan-

tes que facilitam a indexação em base de dados. Analisaram-se os títulos e os resumos de 188 artigos científicos publicados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) em periódicos estrangeiros e nacionais nas áreas de Aeronomia, Astrofísica e Geofísica Espacial de 1990-1994, objetivando identificar dados relativos ao título quanto à sua adequação, aspectos gráficos e tipo de oração. No resumo analisaram-se: o tipo de pesquisa, partes presentes (objetivo, método), características lingüísticas utilizadas (pessoa gramatical e tempo verbal) bem como a qualidade, definindo-se, para cada variável, critérios específicos. Recorreu-se a Sujeitos (6 Juízes) para um Índice de Concordância nas categorias de avaliação, a Concordância entre Juízes foi de 82,2%; o número de espaços gráficos teve $x^2 = 79,2$, o número de vocábulos teve $X^2 = 11,11$; o tipo de oração mais utilizado foi a declarativa (78,20%). Na análise dos resumos quanto à Tipologia dos trabalhos, o experimental foi o de maior incidência (76,6%); das partes do resumo, 93,6% apresentaram objetivo; constatou-se que a pessoa gramatical mais utilizada foi a terceira pessoa do singular (66,4%). O tempo verbal mais usado foi o presente em 86 trabalhos. Na avaliação da qualidade do resumo a média das três áreas foi elevada (9,24). Há evidências de que estes pesquisadores têm alta qualificação.

AVALIAÇÃO DA COLEÇÃO ATRAVÉS DAS BIBLIOGRAFIAS RECOMENDADAS NA ÁREA DE MEDICINA VETERINÁRIA: ANÁLISE DE CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO

Aluna: **Ivania Aparecida Morche de Jesus**
Orientadora: **Prof. Dr. Silas Marques de Oliveira**

A pesquisa sobre avaliação da coleção de livros didáticos, na Área de Medicina Veterinária - CAV/UDESC, teve como objetivos:

identificar a bibliografia básica dos programas das disciplinas do currículo mínimo dos cursos de Medicina Veterinária da UDESC, UFV, UNESP e USP; verificar a porcentagem das obras recomendadas nas bibliografias das disciplinas do currículo mínimo que constam do acervo da Biblioteca; comparar esta disponibilidade por disciplina; identificar as obras mais citadas e confrontá-las com o acervo; confrontar com o acervo as obras recomendadas por língua; e determinar o grau de confiabilidade deste instrumento de avaliação, ou seja, a listagem de bibliografia das disciplinas. Confrontou-se a listagem de bibliografia com o acervo da Biblioteca - CAV, com o intuito de verificar a existência ou não da obra recomendada. Estes resultados foram submetidos ao teste de qui-quadrado, para verificar se as três amostras eram estatisticamente similares. Posteriormente efetuou-se a análise de citação; a análise da carga horária e finalizou-se a pesquisa com a análise do idioma x disponibilidade das obras recomendadas na Biblioteca. Os resultados obtidos demonstraram que a coleção de livros didáticos na área de Medicina Veterinária da Biblioteca - CAV de maneira geral é fraca, tendo em vista os parâmetros estabelecidos neste estudo, porém, atende de forma razoável sua comunidade de usuários. Concluiu-se que o instrumento utilizado é confiável para avaliar a coleção de livros didáticos na área de Medicina Veterinária.

ESTILO GERENCIAL DOS ADMINISTRADORES DE BIBLIOTECAS: O CASO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Aluna: **Vânia Martins Bueno de Oliveira Funaro**
Orientadora: **Prof^a Dr^a Vera Sílvia Marão Beraquet**

Para analisar o estilo gerencial dos bibliotecários-gerentes da Universidade de São Paulo (N=38) foi enviado, pelo correio, um questionário com informações pertinentes às características individuais destes gerentes assim como a dos seus subordinados (N=678),

para verificar se havia correlação entre o estilo identificado pelo próprio bibliotecário-gerente com o estilo identificado por parte dos subordinados. Houve um retorno de 25 (65,69%) dos gerentes e 211 (29,64%) dos subordinados. Dos 25 gerentes que responderam o questionário, 23 (92%) eram do sexo feminino e apenas 2 (8%) do sexo masculino; 15 (60%) possuem apenas o curso de graduação, seis (24%) o curso de Especialização; 2 (8%) estão cursando o Mestrado e 2 (8%) possuem o curso de Doutorado. Quanto às características individuais dos gerentes, que contam do item Estilo pessoal, mostra que os subordinados tanto de nível básico como de nível médio não possuem a mesma opinião que os gerentes tem de si mesmos, portanto, não houve correlação com os gerentes. Já os bibliotecários mostraram haver correlação com os gerentes. Nos itens Elaboração de atividades; Comunicação de trabalho e Conflito houve correlação entre o pessoal de nível básico, médio e bibliotecários. Os outros itens que não houve correlação foram a Discussão das atividades desenvolvidas, Decisões que envolvem o trabalho de equipe e a forma como o gerente Repreende os funcionários. Quanto à forma como ele os elogia houve correlação apenas com o pessoal de nível básico. Verificou-se que há necessidade de se elaborar mais avaliações do gerente por parte dos subordinados para que haja mais entendimentos entre eles, tornando mais eficiente e eficaz as atividades, produtos e serviços desenvolvidos pela biblioteca, assim como, o relacionamento humano.

INSTRUMENTOS DE PESQUISA NOS ARQUIVOS DA UNICAMP

Aluna: **Marisa Marques Zanata**

Orientadora: **Prof^a Dr^a Else Benetti Marques Válio**

Buscou-se observar o que motivou a escolha de determinadas formas de apresentação dos Instrumentos de Pesquisa (Guias,

Inventários e Catálogos), avaliando-se, para isso, o contexto de cada Unidade, a terminologia arquivística nacional e internacional, baseando-se nos conceitos sedimentados pelo Arquivo Nacional da França e reconhecidos pelo comitê Internacional de Arquivos. Analisaram-se os Instrumentos de Pesquisa de três instituições arquivísticas: O Centro de Documentação Alexandre Eulálio, o Arquivo Edgard Leuenroth: Centro de Pesquisa e Documentação Social e o Centro de Memória da Unicamp. A importância da organização, inventariação, publicação e divulgação dos Arquivos Pessoais e de Família tornou-se clara. Analisaram-se 21 Instrumentos de Pesquisa referentes a Arquivos Pessoais e de Família e buscou-se conhecer a prática de suas elaborações, observando-se a organização, estruturação e conteúdo de cada um deles. Observou-se um crescimento médio de doações de fundos documentais em torno de 56%, entre os Arquivos, além do aumento de frequência dos pesquisadores, aumentando no ano de 1996, uma média de 35%. Notou-se que o profissional do arquivo deve estar atento a quatro pontos importantes para atingir os objetivos finais dos Instrumentos de Pesquisa: 1) traçar as prioridades dos Instrumentos que irá produzir, visualizando o seu usuário final; 2) fazer uso de norma para a descrição que atenda as necessidades previamente estabelecidas; 3) dar conhecimento do conteúdo e da importância dos acervos aos usuários e ao público em geral, através de publicações impressas; 4) atualizá-las à medida que tais Instrumentos de Pesquisa vão sendo desdobrados, com o objetivo de aprimorar o serviço de referência. Concluindo este trabalho, observou-se a necessidade de acesso dos profissionais dos arquivos às publicações especializadas internacionais; necessidade de elaboração de manuais técnicos; conhecer melhor o perfil de seus usuários, adequando-se os procedimentos dos instrumentos à demanda dos pesquisadores. Como resultado positivo no aspecto profissional encontrou-se um perfil multidisciplinar, trabalhando com a organização dos fundos documentais. Observou-se também a necessidade de mudança de paradigma, ou seja: de agente de ordenação à agente de pesquisa e disseminação.

MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE INFORMAÇÃO VISUAL EM SÃO CARLOS

Aluno: **Márcio de Assumpção Pereira da Silva**

Orientadora: **Profª Drª Solange Puntel Mostafa**

A pesquisa tem como objetivo principal delinear uma política de desenvolvimento do acervo de imagens do Arquivo de História Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos. Os objetivos específicos são: a) evidenciar a validade e a suficiência de fotografia como suporte de informação visual para a produção de registros da memória social e b) verificar se as novas propostas relativas à produção de registros visuais são válidas em termos de trabalho arquivístico na cidade de São Carlos (SP). O referencial teórico usado na pesquisa é dividido em três temas: memória, memória e documento, memória e fotografia. A metodologia utilizada foi a avaliação qualitativa. A análise dos resultados é tratada em cinco tópicos: lembrança e sentimento de perda; validade do registro fotográfico; suficiência do registro fotográfico; informação visual e informação textual e o concreto e sua imagem. No final do texto são apresentadas considerações sobre o desenvolvimento.

POLÍTICA DE CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS BIBLIOTECÁRIOS DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO REGIÃO SUDESTE

Aluna: **Ana Maria Carlos Ponce**

Orientador: **Prof. Dr. Silas Marques de Oliveira**

Esta pesquisa teve por objetivo verificar a relação existente entre política de capacitação institucionalizada e o desenvolvimento

dos bibliotecários, no que se refere à educação contínua. Constituíram a população desta pesquisa todos os bibliotecários e diretores dos Sistemas de Informação e Bibliotecas Centrais das 20 Instituições Federais de Ensino Superior da Região Sudeste. Verificou-se que a quase totalidade dos sujeitos eram do sexo feminino, que a maioria tinha mais de 10 anos de exercício profissional e que aproximadamente 50% haviam realizado Curso de Especialização. As atividades desempenhadas eram predominantemente de caráter técnico e administrativo. A maioria das Instituições não possuía políticas de capacitação normatizadas, porém, a maioria apresentava normatização de afastamentos para atividades de capacitação, em caráter parcial e integral. A concessão de bolsas de estudo e ajuda de custo eram insuficientes. Concluiu-se que a institucionalização de políticas de capacitação não é o principal fator que interfere no desenvolvimento do bibliotecário e que significativamente o afastamento é o principal fator para o desenvolvimento do bibliotecário.

PROMOÇÃO DOS SERVIÇOS COM BASE TECNOLÓGICA

Aluna: **Elaine Nucci**

Orientador: **Prof. Dr. Silas Marques de Oliveira**

Promoção é um conjunto de atividades de comunicação que interliga os produtores ao mercado-alvo, tendo como objetivo tornar a organização e seus produtos e serviços conhecidos pelos clientes potenciais. O objetivo da pesquisa visou correlacionar o esforço de promoção utilizada para os serviços com base tecnológica, instalados nos Postos de Serviços da Rede Antares, da USP, em São Paulo e o uso dos mesmos. Para isso, foi usado como instrumento de pesquisa uma entrevista estruturada, aplicada aos bibliotecários de referência e, aos usuários, um questionário. A população estudada foi

composta por oito bibliotecários e 219 usuários. Utilizando o teste de correlação de Spearman, pôde-se concluir que os bibliotecários, mesmo sem ter um conhecimento mais amplo e específico sobre o tema, já despertavam, através do ambiente e do contato pessoal, o interesse do usuário em conhecer e usar os serviços com base tecnológica pelas bibliotecas.

USO E COMPREENSÃO DA LEITURA EM INGLÊS POR ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA

Aluna: **Elbe Benetti Sodek**

Orientadora: **Prof^a Dr^a Geraldina Porto Witter**

A habilidade de leitura em mais de uma língua amplia as possibilidades de comunicação e desempenho profissional. Principalmente na área científica é reconhecido que o Inglês prevalece na veiculação das informações. Dessa forma, as habilidades de ler Inglês com relativa facilidade acompanhada de boa compreensão do texto é tão importante, senão mais importante, do que o domínio da fala. Em sendo assim, trabalho teve por objetivo a identificação e compreensão dos aspectos relevantes envolvidos no uso do Inglês, como segunda língua, nas atividades profissionais de discentes da área de Biblioteconomia. Para tanto, foi aplicado um Teste constituído de três Textos em Inglês, extraídos da bibliografia específica da área, elaborado com níveis de dificuldades diferentes. Além, de tradução do Texto, foi pedida a resposta de uma questão de compreensão. O Teste foi aplicado em seis alunos de cada um dos quatro anos do curso de graduação, e do grupo da pós-graduação foram escolhidos aleatoriamente. Cada grupo de seis alunos foi dividido em dois subgrupos de três alunos; para um subgrupo foi permitido o uso do dicionário e para o outro, não. Cada sujeito respondeu um questionário informativo do

seu perfil. O desempenho do Teste foi avaliado em três aspectos: vocabulário, compreensão - frase e compreensão - questão. A análise estatística dos dados permitiu chegar às conclusões: no tocante à metodologia foi verificado que possivelmente um Texto único fosse suficiente para avaliar os sujeitos; o uso do dicionário não proporcionou nenhuma vantagem, aparentemente porque os sujeitos não souberam usá-lo racionalmente; a compreensão das frases foi altamente correlacionada com o conhecimento de vocabulário; não houve diferença entre os quatro anos de graduação sugerindo que o contato com o Inglês na faculdade não está ajudando o aluno a melhorar seu desempenho na compreensão de Textos em Inglês da sua área; foi significativa a superioridade do grupo da pós-graduação. Entre os fatores intervenientes destacou-se a escolaridade dos pais como fator positivo. Talvez a conclusão mais importante foi a influência positiva de vivência do Inglês no desempenho do Teste. As implicações disto, como a deficiência do ensino do Inglês nas escolas públicas, são discutidas.

**BIBLIOTECA ESCOLAR NA REDE ADVENTISTA:
UM ESTUDO DE CORRELAÇÃO ENTRE
INFRA-ESTRUTURA E USO**

Aluno: **Lafaiete da Silva Carvalho**

Orientador: **Prof. Dr. Silas Marques de Oliveira**

O presente estudo circunscreve a biblioteca escolar e suas relações de ensino ao sistema educacional. O seu "Uso" por professores e alunos é de fundamental importância para a concretização e estímulo do ensino. O objetivo da pesquisa visou correlacionar a

“Infra-estrutura” com o “Uso” tanto por professores por quanto alunos. O universo de estudo foi delimitado por 56 instituições de ensino, escolhendo-se 20 unidades educacionais de forma randômica para visitar, avaliar, pesquisar alunos e professores com objetivo de determinar suas “Infra-estruturas” e “Uso” pelos docentes e discentes. Ao pontuar e tabular os dados com base nos instrumentos de pesquisa, utilizou-se o teste de correlação Spearman, que confirma quando o coeficiente em uma determinada variável de “Infra-estrutura” é baixa “Uso” também descrece. Quando uma determinada variável tem um coeficiente alto, o “Uso” também é alto. Este estudo portanto confirma, que havendo “Infra-estrutura” da biblioteca escolar haverá “Uso” por parte de alunos e professores. E a biblioteca escolar deixa de ser um apêndice para se tornar um suporte, interagindo, comprometida com todo o processo educacional.

INTERNET: O USO DA REDE PELOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO DOS POSTOS DE SERVIÇOS DA REDE ANTARES

Aluna: **Maria Zélia Silva Janota Cyrne**

Orientadora: **Profª Drª Solange Puntel Mostafa**

As novas tecnologias da informação estão cada dia mais influenciando a vida do homem moderno e a sociedade passa a ser dominada pela velocidade das Redes de Comunicação. Deste modo, nós temos presenciado o crescimento exponencial da Rede Internet que é muito mais que uma simples rede de computadores, devido às imensas potencialidades que em si residem. Com isto, este estudo procura fazer uma análise de como os Profissionais dos Postos de

Serviços da Rede Antares tem feito uso da rede e quais as estratégias de busca desenvolvidas. O objetivo é procurar subsídios para a evolução da classe como um todo.

BIBLIOTECA TRADICIONAL X BIBLIOTECA VIRTUAL: MODELOS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Aluno: **Walter Moreira**

Orientadora: **Profª Drª Solange Puntel Mostafa**

Inserindo as bibliotecas no conjunto da “tecnologias de inteligência” o autor desenvolve uma reflexão onde a biblioteca tradicional é contraposta/justaposta à sua contraparte virtual, ressaltando as interpenetrações que lhes caracterizam. Fundamenta a contraposição/justaposição entre os modelos de biblioteca na discussão sobre o conceito de virtualidade e sua falsa oposição ao real. Os modelos de recuperação da informação são discutidos em ambas as bibliotecas e novos conceitos como “navegação” ou “surfing” são comparados com aqueles presentes na recuperação tradicional da informação, como “matching”. Discute, ainda, alguns outros conceitos em oposição, como: a lógica nebulosa e a lógica booleana aplicadas às técnicas de recuperação da informação; a inter-relação entre a base da tecnologia da informação e o desenvolvimento de ferramentas de recuperação. Por último, discute a especificidade do ambiente hipermídia em função das novas questões que apresenta ao desenvolvimento da Teoria da Recuperação da Informação. As diferenças radicais percebidas entre as bibliotecas tradicionais e as bibliotecas virtuais não levam o autor a uma polarização quando considera o futuro. Embora a digitalização seja uma tendência irreversível relacionada ao mundo da informação, o autor conclui pela complementaridade dos dois modelos de bibliotecas.

PRODUÇÃO TÉCNICO - CIENTÍFICA DOS DOCENTES DA FAED/UDESC (1992/1996): AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Aluna: **Maria Lourdes Blatt Ohira**

Orientadora: **Profª Drª Geraldina Porto Witter**

A análise da produção técnico - científica dos docentes do Centro de Ciências da Educação - FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, em Florianópolis, compreendeu o período de 1992 a 1996 e abrangeu as seguintes variáveis: produção científica segundo a titulação e o tempo parcial ou tempo integral; produção por Departamento e ano de publicação; categoria de documentos; periódicos e eventos utilizados para a divulgação dos trabalhos; tipologia de autoria e estabelecimento dos autores de maior produtividade. O conhecimento inicial da comunidade pesquisada foi imprescindível, pois forneceu o contexto de recursos humanos produtores do material analisado, contribuindo assim, para melhor compreensão dos resultados obtidos relativos à produção científica. O grupo de produtores mais destacados foram os com o título de doutor, atingindo a média no quinquênio de 3,60 documento/docente/ano, e o tempo dedicado a docência não pode ser considerado um fator determinante, pois alguns dentre eles, embora altamente produtivos, trabalham em tempo parcial. As comunicações apresentadas em eventos científicos realizados na UDESC e no estado de Santa Catarina foram os mais usados tipos de documentos. Os artigos de jornais e boletins vem em segundo lugar, seguidos pelos artigos publicados em periódicos científicos, muitos deles publicados pela UDESC e instituições estaduais. Não houve diferença expressiva em relação à tipologia de autores, mas pode ser notado uma importante parceria com alunos de graduação e pós-graduação em projetos de pesquisa e extensão. Os autores foram agrupados e classificados de

acordo com sua produção segundo os seguintes padrões: nível baixo - até 1 documento/ano; nível médio - mais de 1 a 3 resultados alcançados ratificaram o comportamento das leis bibliométricas que é: poucos autores produzindo muito e, muitos autores produzindo pouco. A identificação da elite dos autores mais produtivos se deu pela contagem dos documentos, destacando-se aqueles que possuíam na base de dados EDUSC, dez ou mais documentos cadastrados. A fim de atribuir um caráter qualitativo à análise foi utilizada a Resolução 022/94 do CONSEPE/UDESC, para pontuar os diversos tipos de publicações e que deu prova de eficiência e adequação como um instrumento que poderá ser usado no processo de avaliação institucional, permitindo que comparações referentes a produção acadêmica possam ser feitas entre instituições de ensino nacionais e estrangeiras de diferentes natureza.

PESQUISA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: A EFICIÊNCIA DE UM ROTEIRO

Aluna: **Gláucia Maria Mollo Pécora**

Orientadora: **Profª Drª Else Benetti Marques Válio**

Analisa a pesquisa escolar/resumo de texto, desenvolvida na biblioteca escolar. Tem por objetivo verificar a eficiência de um Roteiro na pesquisa escolar e a contribuição desta pesquisa experimental de grupo único com 06 alunos da 4ª série, de uma escola pública de Campinas. Cada sujeito fez 07 pesquisas com os temas levantados pelo professor, totalizando 42 pesquisas analisadas. As pesquisas desenvolveram-se em situações distintas, abrangendo a

situação Livre, situação com Roteiro/sem orientação e com Roteiro/com orientação. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, a observação e o Roteiro. Os dados analisados nas pesquisas levaram em conta os aspectos informacionais e redacionais do texto produzido. Os resultados observados nos mostram que todos os alunos tiveram crescimento significativo da situação 1 para a situação 7, apesar de não terem alcançado o resultado acadêmico esperado. Podemos concluir diante dos resultados obtidos que a pesquisa escolar pode ter outra finalidade na escola do que a simples cópia de verbetes de enciclopédias.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA DE DOCENTES/PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Aluna: **Mary Tomoko Inoue**

Orientadora: **Prof^a Dr^a Else Benetti Marques Válio**

Estudo realizado para identificar e comparar as estratégias de leitura, utilizadas pelos docentes/pesquisadores da Universidade Estadual de Ponta Grossa, de acordo com a sua área de atuação. Os dados foram coletados através de entrevistas, abrangendo uma amostra de 29 docentes/pesquisadores. Os principais resultados alcançados foram: os docentes/pesquisadores consideram como variáveis relevantes para o ambiente de leitura os aspectos físicos e de ruído ambiental como sendo as de maior importância e os aspectos de horário, o de menor importância. Para realização de suas pesquisas, evidenciou-se que os periódicos são os materiais mais utilizados pelos pesquisadores, seguidos de livros. Houve menção de uma variedade de critérios utilizados para seleção dos textos para leitura,

sendo as referências bibliográficas, *abstracts* e autores os mais indicados. A maioria dos sujeitos não utiliza a leitura oral, com exceção dos de Ciências Biológicas e da Saúde, que mencionaram utilizar essa técnica e também a considera como sendo uma forma de ajuda para compreensão de texto. A maioria costuma recorrer ao dicionário ao deparar com palavras desconhecidas, interrompendo a leitura. Para apreender as idéias principais do texto, os docentes/pesquisadores estão utilizando-se de aspectos de leitura como de aspectos de escrita. A maioria dos docentes/pesquisadores mencionou que não concorda com a opinião do autor do texto que estão lendo, realizando análise crítica dos textos lidos. Houve pouca menção de utilização de estratégias para facilitar a leitura, porém é possível que os mesmos a realizem inconscientemente, assim não foi perceptível haver diferenciação de estratégias de leitura de acordo com a área de atuação, visto que as estratégias citadas, são as comumente recomendadas pelos manuais de metodologia científica.

DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE NAS TESES E DISSERTAÇÕES DE MESTRADO, NA ÁREA DE DOENÇAS RESPIRATÓRIAS

Aluna: **Patrícia Rosas**

Orientadora: **Prof^a Dr^a Else Benetti Marques Válio**

O processo de indexação consiste em duas fases: primeira, identificar e representar o conteúdo intelectual de um documento; Segunda, traduzir a análise do assunto para uma linguagem específica, utilizando descritores. Na biblioteca do Instituto de Doenças do Tórax da UFRJ, a indexação de periódicos biomédicos e teses era realizada por meio de um vocabulário controlado - DeCS (Descritores

escala de avaliação de pesquisas já desenvolvidas e suas relações. Verifica grande incidência de objetivos descritivos, delineamento de levantamento e os temas *Canais de Informação e Usuários e Uso*. Constata que na grande maioria das dissertações houve coerência entre os objetivos e os métodos utilizados, não havendo, porém relação com a qualidade dos trabalhos. Das seis universidades consideradas verifica-se a existência de dois grupos distintos no que se relaciona à qualidade das dissertações, tendo os trabalhos da UNB, da UFMG e da PUC-Campinas obtido maiores pontuações e os trabalhos da UFRJ, UFPB e USP obtido menores pontuações.

A COMUNICAÇÃO INFORMAL DOS PROFISSIONAL DE INFORMAÇÃO: LISTAS DE DISCUSSÃO

Aluna: **Marisa da Costa Terra**

Orientadora: **Profª Drª Solange Puntel Mostafa**

O desenvolvimento tecnológico possibilitou e facilitou a comunicação e a difusão do conhecimento permitindo aos indivíduos comunicarem-se diretamente. As listas de discussão são uma das grandes inovações possibilitadas pela Internet. Estudar o uso que os profissionais de informação fazem das listas de discussão é uma das formas de esclarecer o potencial da Internet como meio de comunicação, esclarecendo também padrões de comunicação de um grupo de profissionais. Isso inclui a comunicação informal e a interativa através das listas de discussão. Duas listas de discussão foram analisadas, a **lainf-know** (informação e conhecimento) e **Comut-on-line** (comunicação bibliográfica). Foram identificados três tipos de comunicação: Transferência de Informação, Pedido de Informação, Discussão de Temas. O objetivo deste estudo é verificar como ocorre a comunicação informal dos profissionais de informação na rede Internet inscritos

nas duas listas analisadas. Transferência de informação foi o principal tipo de comunicação identificado na lista **lainf-know**, seguido de Pedido de Informação foi o principal tipo de comunicação identificado, seguido de Transferência de Informação e Discussão de Temas.

SOFTWARES NACIONAIS X SOFTWARES ESTRANGEIROS EM BIBLIOTECAS DE UNIVERSIDADES PAULISTAS

Aluna: **Cíntia de Azevedo Lourenço**

Orientadora: **Prof^ª Dr^ª Cecília Carmen Cunha Pontes**

O presente trabalho descreve uma pesquisa na área de automação de biblioteca, quanto aos softwares integrados utilizados nas bibliotecas de universidades do Estado de São Paulo. Tem como objetivo principal analisar sistemas de automação de bibliotecas já implantados em universidades paulistas, com o intuito de ampliar os conhecimentos da comunidade biblioteconômica em termos de subsídios para planejamento e desenvolvimento de sistemas de bibliotecas automatizadas. Esta pesquisa foi realizada através de um levantamento preliminar dos softwares utilizados nas Universidades paulistas, de onde foram selecionados três softwares e seis bibliotecas usuárias para serem juizes da qualidade destes produtos. Para isto, levantou-se a situação de softwares em IES paulistas, caracterizando-os e comparando suas performances e necessidade da importação destes. Esta seleção baseou-se no grau de automação das bibliotecas, optando-se pelos sistemas que já se encontram em funcionamento efetivo. A análise foi realizada utilizando-se um roteiro de entrevista e avaliação elaborado com base na literatura revista sobre o assunto. Os resultados obtidos foram submetidos à análise qualitativa e análise correlacional dos sistemas selecionados. Conclui-se que a qualidade do software está relacionada com o objetivo da biblioteca em relação aos resultados que se pretende atingir com a automação e nem tanto com a engenharia deste software especificamente.

em Ciências da Saúde). Os objetivos desta pesquisa eram identificar: (1) se os autores das teses de Mestrado em doenças respiratórias estavam usando o DeCS para indexar; (2) se o DeCS fornecia descritores adequados e (3) se novos descritores deviam ser incluídos em uma próxima edição. Os descritores de 29 teses de Mestrado de Tisiologia e Pneumologia, de 1990 a 1996, foram estudados. A coleta de dados evidenciou que 29 autores empregaram 101 descritores (3,48 descritores/autor). Quatro (14%) dos autores utilizaram adequadamente os descritores do DeCS. Dos 101 descritores, 47 (47%) eram adequados. Os restantes 54 (63%) não constavam no DeCS e foram submetidos à análise de três juízes. Estes concluíram que somente 6% dos descritores necessitavam ser acrescentados em uma futura edição do DeCS. Em conclusão: (1) Catorze por cento dos autores de Teses de Mestrado empregaram corretamente os descritores; (2) Quarenta e sete por cento dos descritores estavam adequados e (3) o DeCS oferecia boa terminologia, com finalidade de indexação, na disciplina de doenças respiratórias.

QUALIDADE DE DISSERTAÇÕES DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: OBJETIVOS E DELINEAMENTO

Aluna: **Maria Helena de Almeida Freitas**

Orientadora: **Profª Drª Geraldina Porto Witter**

Analisa 60 dissertações de Mestrado de seis cursos brasileiros de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, no período de 1990 a 1996. Levanta os tipos de objetivos e delineamento de coleta de dados, os temas desenvolvidos, analisa a adequação objetivo-delineamento, a qualidade das dissertações a partir de

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO: BIBLIOTECAS DA UNICAMP

Aluna: **Eliane de Luís Gardin**

Orientadora: **Profª Drª Vera Sílvia Marão Beraquet**

O principal objetivo deste trabalho é contribuir para a melhoria dos serviços do sistema de informação, estudando os ambientes interno e externo da Universidade Estadual de Campinas. Começa com um histórico de Sistemas de Informação e Planejamento Estratégico. É o resultado de uma pesquisa documental, numa amostragem de 50 sujeitos distribuídos em três níveis: estratégico, tático e operacional. Foram detectados pontos fortes e fracos no ambiente interno e ameaças e oportunidades no ambiente externo, sugerindo ações. Foram definidos a missão e os objetivos da Instituição; os objetivos dos Institutos/Faculdades; os objetivos das Bibliotecas; os problemas; os fatores críticos de sucesso e as necessidades de informação.

NORMAS EDITORIAIS DE "TRANS-IN-FORMAÇÃO"

1. Serão aceitos originais considerados inéditos para a publicação, embora tenham sido submetidos a processos considerados de domínio informal (congresso, seminários e similares), caso em que a referência ao evento deve constar em nota de rodapé.

2. Serão aceitos textos em português, espanhol, inglês ou francês, que se enquadrem em uma das sessões da revista. O(s) autor(es) deve(m) indicar a sessão, desde que aprovados por membros do corpo editorial.

3. Para publicação, o artigo deverá ter a aprovação de pelo menos, dois avaliadores, os quais emitirão parecer às cegas, isto é, sem conhecimento do nome(s) do(s) autor(es) ou da instituição a que está vinculado. Somente o presidente saberá o nome dos avaliadores.

4. Os artigos poderão ser aceitos sem restrições, com pequenas mudanças, com grandes alterações, ou rejeitados. Quando as alterações forem poucas e tratarem de aspectos formais, ou ainda com vistas apenas à manutenção da homogeneidade e da qualidade da publicação, a redação fará as mudanças necessárias, respeitando, todavia, o estilo e as opiniões dos autores. Nos demais casos o autor se encarregará da reformulação.

5. Os avaliadores terão prazo máximo de 30 dias para emissão de seus pareceres, cujas cópias anônimas serão enviadas aos autores.

6. A própria comissão editorial se encarregará da revisão das provas tipográficas.

7. O conteúdo dos trabalhos são da exclusiva responsabilidade de seus autores.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

FORMATO:

Todas as colaborações devem ser digitadas em papel branco, tamanho A4 (21 x 29,7cm), com entrelhamento duplo, com 30 linhas, observadas a ortografia oficial. A primeira página do original deverá conter: título do artigo, nome completo do autor, instituição a que está vinculado, cargo e endereço eletrônico. As páginas serão numeradas consecutivamente no canto superior direito. Cada trabalho terá no máximo 20 laudas datilografadas. As colaborações devem ser digitadas também no editor de texto Microsoft Word ou Word Perfect e enviadas em disquete ou via endereço eletrônico de Transinformação: transinf@acad.puccamp.br

RESUMO:

Deve ser incluído um resumo informativo, de aproximadamente 100 palavras, em português, acompanhado de sua tradução para o inglês, inclusive o título, digitado com entrelinhamento duplo, na segunda página do original, incluir palavras-chave (keyword).

NOTA DE RODAPÉ:

Só é permitida na 1ª lauda e para indicar vínculo profissional, auxílios recebidos, apresentação em eventos de créditos.

ILUSTRAÇÕES:

1. Fotografias, devem ser nítidas, em papel brilhante, preto e branco, tamanho máximo 9 x 14cm.

2. Figuras, devem ser apresentadas em papel, em preto e branco, de preferência à Nankin, tamanho máximo 20 x 30cm.

3. Quadros e tabelas: devem ser acompanhados de título que permita compreender o significado dos dados reunidos. Assinalar, no texto pelo número de ordem, o local de inclusão. Para reimpressão de Fotografias, Figuras, Quadros e Tabelas extraídos de outros textos deve ser indicada a fonte de referência e anexada as autorizações da fonte e do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

As referências bibliográficas, redigidas segundo a norma da NBR-6023/1989 da ABNT, deverão ser numeradas no texto, segundo a ordem alfabética com que se apresenta no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor. No artigo de Dinah Aguiar Población, publicado no número 1 da revista, o autor encontra normas explicativas quanto ao aspecto aqui focalizado. Separatas do referido artigo podem ser solicitadas à Secretaria da Revista mediante pagamento.

ENCAMINHAMENTO:

Enviar à Secretaria da Revista com carta em que conste a anuência para publicação; caso de mais de um autor, todos devem assinar o documento.

